

Pedro Ernesto Filho

# Cidadania do Repente

Fortaleza  
Banco do Nordeste do Brasil  
2007



**Presidente:**

Roberto Smith

**Diretores:**

Augusto Bezerra Cavalcanti Neto  
Francisco de Assis Germano Arruda  
João Emílio Gazzana  
Luiz Ethewaldo de Albuquerque Guimarães  
Pedro Rafael Lapa  
Victor Samuel Cavalcante da Ponte

**Ambiente de Comunicação Social**

José Maurício de Lima da Silva

**Ambiente de Gestão da Cultura**

Henilton Parente Menezes

**Projeto Responsabilidade Social Empresarial**

Edgar Arilo Saldanha Fontenele

**Área de Desenvolvimento Humano**

Zilana Melo Ribeiro

**Coordenação do Programa Cultura da Gente**

Rosana Virgínia Gondim

**Editor:** Jornalista Ademir Costa

**Revisão:** Jorge Pieiro



E65c	Ernesto Filho, Pedro. Cidadania do repente / Pedro Ernesto Filho. —Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. ISBN 978-85-87062-97-0 334p. 1. Poesias. I. Título.	CDD: 808.81
------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------

Agradeço a Deus a realização deste sonho, uma obra poética que agora dedico...

... à minha esposa Gizelda, motivo maior de minha inspiração, e a meus três filhos Pedro Wendell, Pedro Bruno e Pedro Breno, na esperança de despertar, no seu espírito, o sentimento pela poesia...

... a meus pais **in memoriam** Pedro Ernesto de Aquino e Efigênia Vieira de Aquino, por me prepararem para a vida com muito amor, garra e responsabilidade ... e também a todos os meus irmãos pelo respeito que têm ao dom de meu trabalho ...

... aos apologistas e todos os poetas escritores e repentistas do Brasil, pelo prestígio da arte que abasteceu meu repertório, principalmente àqueles que me deram incentivos para a produção do livro.



## Prefácio

Os bardos e trovadores do século VII foram os introdutores da literatura portuguesa através do verso, o arremedo da rima, a surpresa da métrica, na sensibilidade dos jograis, abrindo emoções líricas de “pés quebrados”, o que gerou o primeiro ciclo dos “Cancioneiro da Ajuda” e, posteriormente, a parceria do poeta Gil Vicente.

Nove séculos após, a delicada língua portuguesa vestia-se de “bela e culta flor do Lácio” trazendo as raízes do verso como o original de sua procedência no beletismo dos poetas do século XVI, no qual Camões immortalizou *Os Lusíadas* e até o século XX com a fantástica inspiração dos versos do mestre Fernando Pessoa. Aqueles versos vieram ao Brasil unir-se aos sentimentos dos poetas Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves e até se pasmarem na linguagem modernista do imortal Carlos Drummond de Andrade. Sempre o verso, dominado, voando, velejando, essências dos jograis.

De repente, uma região do Brasil sempre agredida pelos raios do sol, conhecida como Nordeste brasileiro, transformou-se em berço para aninhar uma nova dimensão de literatura originalíssima, tirada da sensibilidade nativa de um povo simples, sofrido, mas ativo e altivo. Batizaram-na de “Literatura Matuta”. Depois “poesia do repente” e após ser acolhida com orgulho e respeito, classificada com o nome de “Literatura de Cordel”. E as bibliotecas se encheram dela e o sabor popular apaixonou-se pela sua beleza.

É o verso inspirado e cantado pelos poetas populares inteligentes, a maioria deles diplomados no autodidatismo adquirido no livro da natureza dos sertões do Nordeste. Eles escrevem ou decantam o amor, ternura, paixão, riso, sonhos, perdão, coragem, caridade, repente, imediato, numa imaginação fértil e logo exteriorizado em poesia como mensagem metrificada, rimada e sonorizada. Dir-se-ia que o trovador repentista é inspirado por uma força divina tamanha a rapidez com que sua mente cria a idéia e a transforma em poema.

Esta literatura do repente levada ao interior dos sertões pelos seus poetas, cantadores e violeiros, tem sido a maior escola de alfabetização e aprendizagem dos recantos aonde nunca chegou uma escola pública ou particular. Hoje este cordel ensina a ler e escrever.

Esta obra intitulada *Cidadania do Repente* representa um precioso conteúdo, essência do que se poderia nomear de Literatura Brasileira Regional.

O autor, Pedro Ernesto Filho, jovem advogado, profundo estudioso da poesia popular nordestina, nasceu poeta, nasceu repentista, num recanto cearense do sertão puro guarnecido das virtudes e emoções da natureza resistente. Tem a alma impregnada do essencial emotivo sentimental do mundo nordestino. Sua mente é uma enciclopédia sertaneja. Com a rapidez com que constrói um poema ou um mote, transmite a mensagem na mesma batida de sua inspiração sem falhar na rima e metrificação.

O tempo costuma selecionar seus valores culturais para situá-los no devido momento e espaço. Este livro já se fazia necessário desde muito tempo com um marco de progressão literária nos caminhos da poesia popular e da legítima literatura de cordel.

Nas primeiras páginas, o poeta Pedro Ernesto Filho exhibe uma aula sobre os segredos de metrificação e rima. Seguem-se quase cem títulos de temas diversificados em versos, motes, sextilhas, decassílabos, abordando assuntos sobre amor, família, infância, emoções, paz, religião, poder, política, trabalho, justiça, consciência, ética, cidadania, saudade, retratos do sertão e Deus.

Uma obra que deve ser recebida pelo leitor como a primeira Crestomatia popular da poesia nordestina e, por certo, o mais incisivo referencial de obra cultural seletiva regional do cordelismo.

O próprio autor, Pedro Ernesto Filho, reconhece, numa sincera autocrítica, o quanto é valiosa esta publicação, quando diz, na sua poesia de abertura:

MOTE: “Se mais nada eu escrever

Já estou feliz demais”.

E a Literatura regional nordestina, por certo, endossa a felicidade do autor, pela primorosa obra que vem ilustrar os caminhos da sabedoria deste País cultural.

**GERALDO MENEZES BARBOSA**

Escritor. Presidente do Instituto Cultural do Vale Caririense

Juazeiro do Norte, fevereiro de 2007.

## Recado do Autor

Este livro reúne matéria que se pode apropriar à cantoria nordestina. Não traz muitos gêneros da arte, mas revela os principais estilos, como a sextilha, o mote em sete sílabas, o mote decassílabo e até o famoso galope à beira-mar. É por isto que recebeu o nome de *Cidadania do Repente*. Espera-se que esta obra venha mostrar aos leitores que a cantoria e o cordel não constituem sublitteratura; ao contrário dos que assim pensam, formam a mais bela das artes, pois não advêm da escolaridade, mas do berço, podendo, é claro, em sala de aula, ser aprimorada.

Cada estrofe exposta ao longo de suas páginas segue as regras da rima, da metrificação e do ritmo que aceita a toada do cantor. É como dizem os que entendem da arte de metrificar, o bom verso popular se conhece cantando. Assim, quem ler este livro vai se deparar com temas diversos e sentir o rigor da sonoridade e da metrificação, além de provar um conteúdo de linguagem melhorada sem perder de vista a intuição popular.

É um trabalho modesto, porém criterioso e independente, feito com muita responsabilidade, com os olhos voltados para o engrandecimento da arte da poesia. Pode até não atender à exigência de alguns admiradores do verso rimado, mas é possível nele perceber o grau de zelo que o autor empenhou na intenção de ver a obra desfilar no rol dos livros que preenchem os anseios do leitor nordestino, incluindo-se aí a comunidade escolar.

Como toda obra que se preza, *Cidadania do Repente* registra os mais variados assuntos, adaptando-os às respectivas épocas, entranhando na realidade fática o gracejo, como forma de estimular uma boa leitura.

É de se notar que houve uma preferência pelo estilo chamado mote, isto por ser o mais usual na cantoria e também por se destacar pelas fortes exigências que impõe a quem se dedica a fazer verso. Dessa forma é prudente aqui tecer nossa opinião sobre este gênero tão decantado, mas sem tanta preocupação de quem o utiliza no sentido de lhe dar uma definição própria.

Em nosso ponto de vista, na poesia popular mote é o conceito expresso na terminação de uma estrofe de dez versos onde os dois últimos já estão garantidos. Existe o mote em sete e em dez sílabas. Em tal estilo, o autor não pode sair do tema, nem fugir da métrica ou da rima. No contexto da estrofe, o primeiro verso rima com o quarto e o quinto, o segundo com o terceiro, enquanto o sexto e o sétimo rimam entre si ensejando o desfecho do mote, que tem sua chave preparada pelo verso oitavo, o qual, por sua vez, tem amparo toante do verso nono. Estas regras foram todas obedecidas pelo autor nesta obra que ora vem a lume. O mote é um gênero antigo, cuja criação a pesquisa ainda não revelou por quem se deu. No entanto, entendemos respeitável a afirmação de que o mote decassilabo teve a influência, em suas regras, do poeta paraibano Silvino Pirauá Lima, que criou o martelo agalopado, pois o mote em dez sílabas nada mais é do que o gênero de galope com sua terminação já definida. Afinal, vale ressaltar que há também o mote de uma linha, mas o bom mote é o que se compõe de dois versos.



## Metrificação

Metrificar não é aumentar nem diminuir um verso, mas é lhe dar o tamanho certo. Não pretendemos aqui fazer nenhum tratado sobre metrificação, até porque não nos sentimos aptos para fazê-lo, mas apenas revelar nossa preocupação com esse fantasma que atormenta os poetas caprichosos. Muitos são os estudiosos do assunto que revelam seus pensamentos sobre a matéria, porém a maioria se prende aos ditames gramaticais, esquecendo, de certo modo, o avanço do povo e os costumes de cada região.

A métrica e a rima são os dois elementos que dão sabor ao verso popular. O verso, em regra geral, pode ser feito com qualquer número de sílabas, mas deve obedecer, em seu conjunto, às regras da estrofe, isto é, se uma estrofe contém o primeiro verso com sete sílabas, os demais obrigatoriamente terão este mesmo número silábico, e assim sucessivamente.

Neste breve comentário, exemplificaremos adiante apenas verso com sete e com dez sílabas porque são estes os mais usados na poesia popular e por sua vez os mais abordados no conteúdo do livro *Cidadania do Repente*.

Para melhor compreensão, deve-se aqui conceituar verso como sendo o ajuntamento de palavras, ou ainda uma só palavra, com determinado número de sílabas e pausas obrigatórias.

Por oportuno, cumpre esclarecer que para o gramático, sílabas são todos os sons distintos em que se divide uma palavra. O versejador ou metrificador, diferentemente, apenas conta por sílabas aqueles sons que lhe tocam o ouvido, assinalando a sua existência indispensável. Quanto aos sons vulgares, da linguagem e audição comum, estes lhe passam completamente despercebidos, porque não formam sílabas e são como se não existissem.

Para o gramático, a palavra representa sempre o que é precisamente e nada lhe importa o ouvido. O versejador se preocupa com o ouvido e com o modo como a palavra lhe soa.

Para conhecer como gramático e versejador se diferem é bastante o pequeno exemplo que segue. O primeiro nada omite na palavra; o outro, de tal modo, até na recitação, elide a pronúncia, que os diversos tons são absorvidos uns

nos outros, de sorte que, só depois de escrito o vocábulo, é que se pode perceber qual a sua constituição silábica. Aqui vão as sílabas gramaticais em itálico e em seguida as sílabas poéticas nesta estrofe decassílaba, lembrando que no caso da poética se conta até a última sílaba tônica do verso, por isto todas as linhas contêm dez sílabas, enquanto na contagem gramatical há delas com até 15 sílabas, confira:

Onde a flor exarasse mais perfume,  
 onde a planta o ar puro respirasse,  
 a disputa infiel não prosperasse,  
 perdoar fosse o dom do bom costume,  
 a paixão não murchasse com ciúme,  
 arrogância perdesse a existência,  
 onde o pássaro exibisse a inocência  
 sem das armas temer à pontaria  
 - Se eu nascesse de novo pediria  
 pra viver no país da consciência.

On - de - a - flor- e-xa - ras - se - ma-is - per- fu- me (13)  
**On - dea - flor - e — xa - ra - sse - mais - per - fu - me (10)**  
 On - de - a - plan-ta- o - ar - pu - ro - res - pi - ras-se (13)  
**On - dea - plan - tao - ar - pu - ro - res - pi - ra - sse (10)**  
 a - dis - pu - ta - in - fi - el - não - pros - pe - ras - se (12)  
**a - dis - pu - tain - fi - el - não — pros - pe - ra - sse (10)**  
 per - do - ar - fos- se - o - dom - do - bom — cos - tu - me (12)  
**per - do - ar - fo - sseo - dom - do - bom - cos - tu - me (10)**  
 a — pai — xão - não - mur - chas - se - com - ci - ú - me (11)  
**a — pai — xão - não - mur — cha - sse - com - ci - ú - me (10)**  
 ar — ro - gân - cia- per- des- se - a - e -xis - tên-cia (12)  
**ar - ro - gân - cia - per — de - ssea - e -xis - tên - cia (10)**  
 on - de - o - pás - sa - ro- e-xi- bis - se- a- i- no — cên - cia (15)  
**on - deo - pá - ssa - roe-xi - bi - sseai - no - cên - cia (10)**  
 sem - das - ar - mas - te - mer - à - pon - ta — ri - a (11)  
**sem - das - ar - mas - te - mer - à - pon - ta - ri - a (10)**

se - eu - nas - ces - se - de - no - vo - pe - di - ri - a (12)

**seeu - nas - ce - sse - de - no - vo - pe - di - ri - a (10)**

pra - vi - ver - no - pa - ís - da - cons - ci - ên - cia. (11)

**pra - vi - ver - no - pa - ís - da - con - sci - ên - cia. (10)**

Para o principiante, é conveniente praticar o mais possível em livros de prosa e verso, para conseguir com facilidade distinguir as sílabas gramaticais das poéticas, e assim conseguir a metrificação justa e sonora. É lógico que o bom versificador deve ter também um bom conhecimento gramatical. Para melhor compreensão do exposto, aqui apresentamos regras gerais, princípios indispensáveis que se não devem absolutamente desprezar nem sequer deixar de tê-las presentes.

### **Da contagem das sílabas**

Em regra geral, uma vogal antes de outra se absorve nela, formando as duas uma sílaba só. Isto faz lembrar os ditongos, que são encontros de vogais com semivogais em meio a palavras, fazendo com que sejam pronunciadas de uma só vez, como se de uma vogal só se tratasse.

Na metrificação, os ditongos são sempre contados como tendo uma sílaba fônica, o que se deflui de sua definição gramatical. Os ditongos podem ser crescentes ou decrescentes. O primeiro é a união de semivogal com vogal, enquanto o segundo se dá quando acontece o inverso. Quando no final das palavras, os ditongos decrescentes, tanto orais como nasais, não se fundem com a vogal seguinte. As semivogais (ou seja, o *i*, *u* ou equivalentes) agem como um empecilho insuperável para a fusão. Exemplo: *quem constrói/alcança, estão/ali*.

Aqui, cabe lembrar que, por força de regionalismo, é admissível a fusão da preposição *com* + vogal seguinte, porém, sempre que for possível, essa prática deve ser evitada pelo poeta.

Quando o ditongo decrescente está iniciando a palavra (ou em monossílabo), poderá acontecer a fusão com a vogal precedente, isto porque a semivogal não constitui barreira para tanto. Exemplo: tendo *oito* reais, cinco *ou* seis.

Com relação ao tritongo, que é a união de semivogal, vogal e semivogal, é sempre pronunciado de uma só vez e, portanto, contado como uma sílaba fônica só. Exemplo: Paraguai, enxagüei.

A vogal que termina uma palavra absorve-se na outra que começa a palavra seguinte; e até no meio, quando concorrem duas vogais, que podemos dizer brandas, elas formam um único som, e por isso uma só sílaba, como, por exemplo: *bondade infinita* que lemos *bondad'infinita*; no meio da palavra: *ansiedade*, o gramático contará *an-si-e-da-de*, o poeta poderá contar *an-sie-da-de*.

Porém esta regra tem exceções, pois sendo a vogal muito forte, a absorção dela na seguinte provoca uma assonância, que se convém evitar, como agora: *vá eu*, que ficaria *vaêu*, e *só uma*, que pronunciaríamos *souma*. Cabe lembrar que também não é recomendável a união de três vogais pertencentes a palavras distintas, mas nessa situação há caso que a audição é que decide. Situação como esta pode ser conferida quando uma vogal (preposição) se intercala entre duas palavras em que a primeira termina com vogal e segunda com vogal se inicia.

A regra não diz, mas a prática ensina que a junção da vogal final de uma palavra com a vogal inicial de outra é uma faculdade do poeta e não uma obrigação, pois quem define é o ouvido. Não poderia ser diferente, posto que, se tem essa liberdade para manejar vogais vizinhas, contidas na mesma palavra, muito mais razão existe para fazê-lo com vogais em palavras diferentes, pois quem pode mais pode menos.

Também se assemelha a vogal para obedecer à regra em análise a terminação de palavra em som nasal e o início com a consoante *h*.

A união de duas vogais na mesma palavra para atender a metrificação constitui uma figura de linguagem chamada sinérese. A separação de vogais também na mesma palavra e com o mesmo fim chama-se diérese.

Dentro desta regra existem as vogais de absorção mais ou menos difícil, por serem vogais mais fortes, mais duras, como sejam o *o*, que é mais forte que o *a*, o *a* mais que o *i*, o *i* mais que o *e*. Tudo isto é entrave que o poeta encontra na hora de versejar, sacrificando muitas vezes belíssimas idéias por não pretender ferir o ouvido.

Como se não bastasse, ainda vem o problema de que cada vogal tem diversas pronúncias, como por exemplo, o *a* tem duas bem distintas; o *e* tem quatro pronúncias; no *o* encontramos três; enquanto o *u* não se modifica, é a vogal de menos substância no universo poético.

### **Modo de alterar o número de sílabas**

Existe na gramática permissão para alterar o número de sílaba de algumas palavras quando da necessidade de metrificar um verso. Esta licença poética chama-se metaplasmo e consiste em acrescentar ou suprimir fonema de um termo, ajustando a linha do poema ao número de sílaba desejado. Quando suprime sons, ganha nomes diferentes, dependendo do local de onde se exclui a sílaba, no princípio, no meio e no fim do vocábulo. No princípio, *aférese*; no meio, *síncope*; no fim, *apócope*. É exemplo de *aférese* - inda, por ainda; de *síncope* - cuidadoso, por cuidadoso; de *apócope* - mui, por muito. O inverso desta prática, isto é, o acréscimo de sílaba a uma palavra, dá-se, respectivamente, o nome de *prótese*, *epêntese* e *paragoge*.

Os versos podem estar certos na medida, mas podem não ter melodia agradável. Por isto é recomendável evitar as palavras de difícil encaixe, que são as de pronúncia custosa.

Evitem-se igualmente as cacofonias, intoleráveis na prosa e muito mais nos versos. Assim também os hiatos (diérese forçada). Para pôr em prática toda esta teoria é indispensável habituar o ouvido à cadência dos diferentes metros, principalmente do de sete e de dez sílabas, o mais usual na poesia popular. O melhor, para fixar o ritmo na memória, é procurar uma modalidade de cantilena para cada espécie, obrigando as pausas e os tempos a firmemente se caracterizarem. Uma vez ajustada ao verso a toada musical, nenhum verso sem medida certa escapará ao metrificador. E aqui vale lembrar a frase dita pelos admiradores do verso popular: “O bom cordel se conhece cantando”.

### **A vogal que inicia o verso**

Existe ainda a vogal que inicia o verso na qualidade de preposição ou artigo e quase não aparece na pronúncia; no entanto, se a palavra seguinte não iniciar com vogal, não existe forma de como aproveitá-la na metrificação,

senão fazê-la juntar à vogal da última palavra do verso anterior. Se assim não se fizer, tem-se que a considerar inexistente na hora de metrificar, sob pena de ter um verso com um número de sílaba superior aos demais da mesma estrofe. Veja o exemplo da estrofe abaixo, precisamente da linha em itálico, extraída da matéria SE EU NÃO FOSSE ADVOGADO:

Até poderei narrar  
o que não fiz no presente,  
sentir o calor do verso  
*e os turbilhões do repente,*  
porém se tudo der certo  
serei feliz novamente.

Imagine o que seria da preposição *e* no quarto verso se a palavra seguinte não iniciasse com vogal. Nesta hipótese, ou a preposição se agregaria à última palavra do verso anterior, ou ter-se-ia um verso com oito sílabas numa estrofe composta de versos de apenas sete. Como não existe nenhuma regra que autorize fazer assim, com certeza teria o poeta que substituir o texto por palavra diversa que muitas vezes não seria por ele a desejável para aquela ocasião.

### **Proparoxítona no início ou no meio do verso**

Reservamos aqui um espaço para relatar uma dificuldade que o poeta enfrenta freqüentemente na hora de versejar, e até agora desconhecemos quem já tenha sobre isto feito algum comentário pelo menos razoável. É quando uma palavra proparoxítona inicia um verso ou se entranha no seu meio dando ao ouvido a sensação de que a linha contém o número de sílaba desejado, enquanto que materialmente sempre tem uma sílaba a mais. Nossa opinião em situação como esta é que sejam consideradas as duas últimas sílabas da palavra proparoxítona como sendo uma única sílaba, posto que as duas se fundem em um mesmo som em decorrência da rapidez que as palavras que se avizinham exigem. Veja o exemplo nesta estrofe de sete sílabas, principalmente na penúltima linha, que compõe o primeiro verso do mote - Político já mentiu tanto / que o sertanejo aprendeu:

Aumento dos professores  
é o que promete mais,  
através do rádio faz  
promessa aos trabalhadores;  
e diz que aos agricultores  
muito já favoreceu,  
o palavreado seu  
só tem mentira e espanto  
Político já mentiu tanto  
que o sertanejo aprendeu.

No exemplo acima, o ouvido afirma que todos os versos da estrofe contêm sete sílabas, mas se partir para a separação material, ou seja, com tendência agramatical, chega-se à conclusão de que o nono verso tem visualmente oito sílabas poéticas, daí ser esta uma das razões por que sustentamos a importância da audição no estudo da métrica, e por conta própria adotamos o conceito antes firmado, ou seja, a pronúncia das duas últimas sílabas da palavra proparoxítona no início ou meio do verso como se fosse uma só, isto quando o ouvido exigir. Portanto, assim se deve separar poeticamente as sílabas do verso em referência: Po-lí-tico - já - men - tiu - tan - to.

Em caso como o que ora se relata, entendemos que o poeta, ao proceder assim, está amparado legalmente na licença poética denominada *apócope*, que é a liberdade de supressão de sons no fim da palavra.

Mas o problema da métrica não pára por aí, vêm ainda os casos em que aparece no meio das palavras a consoante muda que ocupa o lugar de uma sílaba e na verdade, a rigor, não o é. Aí, sim, precisa o poeta usar de todos os meios da arte para tornar o verso agradável e de forma que não venha a sofrer crítica pelos estudiosos do assunto que, na maioria das vezes, repete-se, esquece a importância do ouvido e do regionalismo.

Finalmente, fechamos este tópico com uma opinião pessoal com a qual recomendamos ao leitor que se interessar pela arte evitar ao máximo o uso de qualquer que seja a licença poética, fazendo-o somente em extrema necessidade com o fim de manter as regras da metrificação e a idéia central do pensamento do verso que pretende produzir.

## **Divisão das rimas**

*Rima* é a uniformidade do som na terminação de dois ou mais versos. Muito se tem discutido sobre a história da rima. Segundo os interessados no assunto, ela já existia entre os mais antigos povos da Ásia, da África e da América. Vários salmos dos hebreus são rimados, o que nos confere a liberdade de afirmar a antiguidade do uso da rima e sua importância até hoje na fixação das mensagens transmitidas, sejam oralmente, sejam por escrito.

Fazendo uso de um conceito mais antigo, podemos afirmar que as rimas podem ser consoantes ou toantes. Consoantes são as que se conformam perfeitamente no som, desde a vogal ou ditongo do acento predominante até a última letra. Exemplos: *mamão e irmão, sócio e negócio*. Toantes são as que apenas se conformam na pausa, formadas entre palavras contendo as mesmas vogais após as tônicas, porém com consoantes diferentes. Exemplos: *pranto e estanho, martírio e finíssimo, preço e selo*, e assim por diante. De tal tipo de rima, hoje em extinção, Gregório de Matos Guerra, por exemplo, usou e abusou. Na poesia popular de classe a rima toante não encontra espaço, aliás, é o rigor da rima e da métrica que embeleza o verso e atrai os leitores inteligentes.

## **Mérito das rimas**

Nem todas as rimas têm o mesmo mérito. As em *ão, ar, ado, ava, issimo*, etc. são vulgares. Mas não aconselhamos o abuso das rimas difíceis, que quase sempre sacrificam a emoção.

As rimas, para ter grande valor, devem ser de índole gramatical diferente. Deve-se procurar para a rima de um substantivo, um verbo; para a de um advérbio, um adjetivo, etc., etc., de modo a evitar a pobreza e a monotonia.

Os verbos, os substantivos e os adjetivos bem combinados são os vocábulos que dão as rimas mais dignas de um bom poeta. Afinal, a rima deve ser rara para não ser corriqueira, mas não tão rebuscada que possa parecer ridícula.

## **Da disposição das rimas**

De diferentes modos se podem dispor as rimas na estrofe. Três são os modos principais: *rimas cruzadas, rimas em parelha, rimas misturadas*. No verso



popular as formas mais usadas são as cruzadas e as emparelhadas, a primeira que pode também ser chamada de alternadas. Só a título de exemplo, vale a pena examinar a estrofe a seguir, extraída do título as “Coisinhas do Sertão”, em que aparecem rimas alternadas e rimas emparelhadas:

Falei da força do açoite  
que o vento bravo inicia,  
do lençol preto da noite  
cobrindo os olhos do dia;  
da mesinha de gaveta,  
do matuto e o cometa  
e a sua superstição,  
do medo que a cobra faz.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Mas, para bem detalhar todos os modos de disposição das rimas, necessário seria explicar a forma de diferentes espécies de composições das *estrofes*. Na métrica brasileira, empregam-se *tercetos*, *quadras*, *quintilhas*, *sextilhas*, *sétimas*, *oitavas* e *décimas*. Porém, neste tópico, destacaremos as espécies de composição mais cultivadas na poesia popular.

### **Sextilhas.**

Há quem diga que nas sextilhas pode-se rimar de qualquer maneira, mas na poesia popular esse estilo é diferente, pois obrigatoriamente o segundo verso rima com o quarto e o sexto, enquanto os demais são livres, porém não esquecendo de que o primeiro verso de uma estrofe deve rimar com o último verso da estrofe anterior, é o que chamamos de deixa.

### **Sétimas**

Nessa espécie de composição, muito usada em desafio na cantoria, o segundo verso rima com o quarto e o sétimo, enquanto o quinto rima com o sexto, permanecendo o terceiro livre, uma vez que o primeiro está obrigado à deixa da estrofe anterior. É a composição que mais se aproxima da sextilha.

## Oitavas

A oitava antiga tinha rimas obrigadas, como se vê nos *Lusíadas*, obra de Camões. O primeiro verso rimava com o terceiro e com o quinto; o segundo, com o quarto e com o sexto; e o sétimo, com o oitavo.

Na cantoria popular essa espécie de composição é muito utilizada e recebe o nome de *quadrão*, cuja terminação se faz com a própria palavra que dá nome ao estilo, rimando o primeiro verso com o segundo e o terceiro, o quarto com o quinto e o oitavo.

## Décimas

Dividem-se estas estrofes em duas subestrofes, uma de quatro versos, outra de seis, ambas se completando e tornando-se interdependentes. Cabe aqui ressaltar que a exemplo da estrofe antes reportada no tópico disposição das rimas, nessa composição, as rimas podem aparecer em distribuição diferente, ora emparelhadas, ora cruzadas. Porém a rigor, em décimas, rimam assim os versos: o primeiro com o quarto e o quinto, o segundo com o terceiro, o sexto e o sétimo com o décimo, e o oitavo com o nono. Esta é a maneira clássica, elegante e muito utilizada pelo cantador. Pode aparecer em versos de sete sílabas ou em versos de dez sílabas. Vejam exemplos das duas subespécies:

De sete sílabas  
A vaca boa e leiteira  
deixa o bezerro no mato,  
com fome e sede o boiato  
rebenta os paus da porteira,  
uma novilha matreira  
se deserta do roçado,  
o garrotinho enjeitado  
não quer saber do gomoso  
- O vaqueiro preguiçoso  
bota mania no gado.

Decassílabo

Que se façam presentes no seu lar  
a justiça, a poesia e o amor,  
a poesia o tornando um trovador  
e o amor ensinando a perdoar,  
a Justiça disposta pra lhe dar  
do DIREITO a virtude e a essência  
que os três lhe concedam a anuência  
pra dispor do sabor da liberdade,  
inibir o terror da vaidade  
e combater o dragão da violência.

### **Da homofonia do verso e da rima**

Os versos devem ter cadência com o fim de evitar repetição de sons idênticos em posição inadequada, exigindo que estes decorram de grupo de vogais fartamente sortidas. O mesmo deve exigir-se das rimas quando se partilham ou alternam. Rimas que se acostam umas às outras ou se defrontam em vizinhança, se não oferecerem contraste ou oposição de som, fatalmente acarretam monotonia. Isto, que na verdade, ainda se pode constatar em alguns poetas brasileiros, não deve ser imitado pelos menestréis populares, apesar de nada até agora neste sentido estar registrado como fator regulamentar.

Aos poetas populares brasileiros, da índole nordestina, que aqui os defendemos, tão excelentes cultores da forma poética, cabe de direito nosso louvor pela iniciativa de protestar contra o uso desagradável da rima e da métrica, como já de há muito se protesta.

No entanto, é de se lamentar que ainda existam por aí aqueles que se dizem poetas e vivem a assassinar a arte da poesia, muitas vezes ensejando aos menos avisados um entendimento de que o verso popular não tem a grandeza que realmente possui.

Finalmente, este pequeno ensaio que acabamos de apresentar, tanto na metrificação como na rima, é mero ponto de vista nosso e não tem o condão de agir como norma no mundo dos escritores, mas é uma forma de prevenir ao leitor que todas essas cautelas foram preocupação do autor na produção deste livro *Cidadania do Repente*.



## Sumário

Ao Leitor	25
As Coisinhas do Sertão	31
O que Falta é Investir	39
Se Eu Não Fosse Advogado	45
Ninguém Derruba um Tijolo do Casarão da Fazenda	53
Origens de um Verso	57
Não Desenhe a Natureza com Sangue dos Animais	61
Biografia em Verso	65
A Água Trouxe um Recado da Cabeceira do Rio	71
A Causa da Diabete Desafia a Medicina	79
A Falta de Paz Procede dos Corações Desumanos	87
A História do Homem está Escrita na Coragem, na Luta e no Saber	89
Agosto nos Traz o Gosto da Manga e do Bom Caju	93
Ainda Tenho Guardada Minha Carta de ABC	97
Nos Ensinos da Vida Eu Aprendi Dividir, Ser Humilde e Respeitar	101
O Nordeste Enxugou a sua Face com o Lenço Felpudo de Algodão	105
Conselho de um Cooperado	109
As Vítimas da Estiagem Merecem toda Atenção	119
Bandeira, Eu Também Conheço um Pouco de sua História	123
Cada Ser tem seu Valor Precisa é Ser Descoberto	129
Com Tudo Isso Eu Ainda Não Quero Voltar pra Ela	131
É Assim que Eu me Saio sem Causar Decepção	135
Eu Voltei Hoje Aqui pra Recordar meu Passado Vivido Nesta Escola	139

E se Eu Tivesse Morrido Ninguém Chorava por Mim!	143
É Triste Colher o Fruto do Ódio e da Violência	147
Estas São Muitas Coisinhas que Todo Paulista Traz	151
Estou com Muita Esperança na Volta do Algodão	155
Eu Quase Botava o Pé no Diabo de uma Arataca	159
Eu Queria Saber Mais da História de Jesus	161
Gilberto Está Certamente Aplaudindo Serrador	163
Isto é Sertão ou Não É?	169
Minha Casinha é Aquela no Pé de Serra Esquisito	173
Aqui está um Pouquinho do Poeta de Você	177
Não Canto, mas Prestigio Quem Vive da Profissão	183
Um Dia de Feira	185
Não Precisa Explicar os seus Fracassos Mande, Agora, a Aliança que Lhe Dei	189
Oh! Mamãe, seu Carinho é Tão Sublime que o Poeta Escrever Nunca Consegue	191
Respeite Minha Humildade que eu Zelo sua Arrogância	195
Duvido é Você Achar uma Nota de Cinquenta	199
Ser Fraternal é Trazer no Coração a Bondade por Deus Recomendada	207
O Milho é a Salvação da Família Brasileira	213
Nunca Faça do Fórum uma Bodega pra Vender por Dinheiro a Lealdade	219
O Ceará Certamente mais um Poeta Ganhou	225
Pedro Bruno e Patativa Nasceram no Mesmo Dia	229
Antes do Novo Milênio mais um Pedro Apareceu	233
Hoje Eu Vejo meu Cabelo da Cor que Papai Usava	237
A Cultura - em Decassílabo	241
Vamos Lembrar um Pouquinho o Cantador que Morreu	247

O Pequeno Sertanejo	253
Papai que no Céu me Escuta Receba esta Saudação	259
Que a CPI Aconteça no Poder Judiciário	265
Se Não Fosse o Poeta Violeiro Quem Cantava as Belezas do Sertão	271
Só Aceito os meus Versos Criticados por Poetas Mais Sábios do que Eu	275
Na Base da Palmatória Aprendi o Bê-A-Bá	279
“O Direito”	283
Visite nossa Palhoça numa Noite de São João	287
Tire um Pouco do Pão de sua Mesa e dê ao Pobre que Pede em seu Portão	291
O Bode que o Bode Deu	295
Político já Mentiu Tanto que o Sertanejo Aprendeu	301
A História de um Povo se Escreve com Poesia, Trabalho e Liberdade	305
As Árvores Mais Resistentes Costumam Morrer de Pé	309
Em Nome de Quem Errou, Humilde Peço Perdão	311
Morrendo eu Quero Levar um Livro no Meu Caixão	313
No Final o Homem Morre Ah! Meu Deus o que Lucrou!	315
O Cigarro é Falso Amigo que Mata Covardemente	317
Quando o Grande tem Medo de Cair o Pequeno Peleja e não se Apruma	319
O Quanto o Tempo é Perverso	321
Perguntas que Fiz às Águas	323
O Bom Cordel Deve ter Rima e Metrificação	327
Conversa com Mouco	329
Dados Biográficos do Autor	333





## **Ao Leitor**

### **SE MAIS NADA EU ESCREVER JÁ ESTOU FELIZ DEMAIS**

*Com este mote o autor apresenta seu livro, dá uma dica de seu conteúdo, conta o esforço que fez para produzi-lo e ainda agradece aos leitores pela preferência.*

Este livro é um presente  
para o qual persegui meios  
para atender aos anseios  
de um público independente.  
Tentei ser eficiente  
mas não sei se fui capaz,  
se não fui tão eficaz  
mas me esforcei para ser  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Relata um pouco da essência  
da matéria do Direito,  
recorda um sertão perfeito  
e repudia a violência,  
ainda faz referência  
aos problemas sociais;  
arte, plantas e animais  
fiz questão de ele conter  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais

Nele se pode encontrar  
estrofe feita em dez pés  
com mote em sete e em dez  
e um estilo à beira-mar,  
uma feira popular  
e o mal que o cigarro faz,  
tudo o que um paulista traz  
é possível você ler  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Matéria de educação,  
mensagem de sentimento,  
a coragem e o talento  
de um caboclo do sertão,  
tem também a discussão  
de Gabriel e Tomás  
mostrando as regras gerais  
para na vida vencer  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Ele relembra os valores  
que existem no amor materno,  
narra o estilo moderno  
dos poetas cantadores,  
ainda retrata as cores  
dos fatos regionais,  
como o candidato audaz  
age para se eleger  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Diz como era o ensino,  
enfoca o Judiciário,  
faz um breve comentário  
sobre o neto de Galdino,  
enaltece o nordestino  
na luta do leva-e-traz,  
imagina os temporais  
às vésperas de acontecer  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

A cultura e sua gente  
distribuída em dois blocos,  
a história de Marrocos  
traduzida no repente,  
o passado e o presente  
nos diferentes sinais,  
os ensinamentos virtuais  
que a vida ajuda entender  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Uma mensagem ao jurista,  
o verso como defesa,  
as dimensões da tristeza  
na perda de apoligista,  
amor à primeira vista  
e as conseqüências fatais,  
mote dedicado aos pais  
é fácil de perceber  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Tem mensagem de gracejo,  
conceitua o bom cordel,  
revitaliza o papel  
do pequeno sertanejo,  
narra do tempo o manejo  
e as curvas que ele desfaz,  
além de outros temas mais  
para o leitor escolher  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Empenhei minha saúde,  
usei meu potencial,  
procurei ser natural,  
expandi minha atitude,  
nas artes fiz o que pude,  
busquei recursos mentais,  
precipitei minha paz,  
sacrifiquei meu lazer  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Tanta noite mal dormida,  
tanto suor derramado,  
tanto tempo dedicado,  
tanta restrição na vida,  
tanta luta dividida,  
entre as coisas naturais,  
tantos projetos leais  
pra ver um livro nascer  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Explorei nova cultura,  
cultuei novos valores,  
no mundo dos escritores  
implantei minha estrutura,  
sem ter medo de censura  
falei das coisas reais,  
regras não-fundamentais  
eu preferi não dizer  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Se a sorte roubar meu dote  
e eu não fizer mais um tema,  
não recitar um poema  
nem metrificar um mote,  
se o destino der um bote  
e inibir meus ideais,  
eu perdendo o meu cartaz  
por isso não vou morrer  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.

Feliz porque você tem  
o meu livro em suas mãos  
e divulga entre os irmãos  
que são poetas também,  
só posso é me sentir bem  
com seus gestos cordiais,  
pelas leituras leais  
só me resta agradecer  
- Se mais nada eu escrever  
já estou feliz demais.



## As Coisinhas do Sertão

*Este poema retrata a conversa firme de um camponês com um homem da cidade. Por tanto se interessar pelas belezas do campo, o homem da rua passou a somente ouvir o que o sertanejo dizia e dava expansão ao assunto sempre interrogando: fale mais das coisinhas do sertão.*

Eu conversei com um crítico  
vivido na capital,  
falou do Brasil Político,  
do nosso mundo atual  
e da indústria nuclear,  
quando eu chamei pra falar  
de costume e tradição,  
ele disse: Isso eu não sei,  
e assim eu mencionei  
as coisinhas do sertão.

Eu falei sobre a beleza  
de um amanhecer dourado,  
do lençol da natureza  
de manchas padronizado.  
Falei da barra vermelha  
que parece uma centelha  
enfeitando a amplidão,  
da nuvem ficando atrás.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu falei da lua cheia  
silenciosa e redonda  
e da neve cor de areia  
que desce encobrindo a onda,

da brisa civilizada  
que parece uma empregada  
varrendo o que há no chão,  
hora leva, hora traz.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu lhe disse: Isto não é  
sertão propriamente dito,  
sertão é mesmo um chalé  
num pé de serra esquisito,  
que seu dono sendo pobre  
julga-se feliz e nobre  
por existir união  
e amor dos filhos aos pais.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu falei sobre a caçada  
em que o homem corajoso  
tocaia de madrugada  
andando silencioso;  
passa serras, sobe morros,  
seus amigos são cachorros,  
espingarda e munição;  
e seu abrigo, os vegetais.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu falei sobre o vaqueiro  
e sua fama também,  
pois seu perfume é o cheiro  
que a ponta da rama tem;  
seu transporte é o cavalo;



seu musical, o badalo  
e o berrar da criação;  
seus amigos, animais.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

E quando eu falei de adjuntos,  
ele disse: O que é isso?  
São cinqüenta homens juntos  
fazendo qualquer serviço;  
almoçam pelo roçado,  
contam casos do passado  
para enrolar o patrão,  
e cada um diz o que faz.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Falei da mulher que pisa  
milho pra fazer almoço,  
do menino sem camisa,  
baladeira no pescoço;  
do gafanhoto faminto,  
do sofrimento do pinto  
nas garras do gavião,  
dos chãos cobertos de sais.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu falei da cantoria  
do contador de viola  
que mostra sabedoria  
sem conteúdo de escola.  
Falei da mulher rendeira,  
da cigana rezadeira

que faz a sua oração  
espantando o satanás.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu falei de serenata,  
de reisado e pescaria,  
do sertanejo que trata  
toda mulher por Maria;  
se for homem chama Zé,  
gosta muito de café,  
detesta fumo pagão,  
só dá valor ao que faz.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu falei do pé-de-bode,  
do reco-reco e pandeiro  
com que se faz um pagode  
no clarão do candeiro;  
rapaz exibindo nota  
mas para pagar a cota  
sempre surge confusão,  
quando um não faz, outro faz.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Falei do campo e estepe  
por onde passeia o gado,  
do chiar da currulepe  
do velhinho aposentado;  
do triturar do mimoso,  
de estórias de trancoso  
nas debulhas de feijão,

do candeeiro de gás.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Falei da voz de comando  
no grito do comboeiro,  
dos animais repousando  
na sombra do juazeiro.  
Falei do caminho estreito,  
do bodoque que é feito  
de vara, cera e cordão,  
torto na frente e atrás.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Falei do sol causticante  
que atrasa a safra seguinte,  
do caboclo ignorante  
que se casa antes dos vinte.  
Falei da rama madura,  
do voar da tanajura  
quando promete verão,  
uma na frente, outra atrás.  
-Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Falei da vaca velhaca  
quando seu bezerro esconde,  
o vaqueiro imita a vaca  
para ver se ele responde.  
Falei de doença e praga,  
lagarta que mais estraga  
a cultura do algodão,  
das estradas carroçais.

- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Falei da força do açoitete  
que o vento bravo inicia,  
do lençol preto da noite  
cobrindo os olhos do dia.  
Da mesinha de gaveta,  
do matuto e o cometa  
e a sua superstição,  
do medo que a cobra faz.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu falei sobre a raposa  
nas aspas de uma arataka,  
do carcará que repousa  
na cabeça de uma estaca.  
Falei do milho amarelo,  
depois fiz um paralelo  
entre inverno e o verão,  
que em duração são iguais.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Falei do sol que desbota  
a folha do vegetal,  
do bem-te-vi que pinota  
nas clinas de um animal,  
de farinhada e moagem,  
de uma antiga carroagem  
que tem o boi por tração,  
boi na frente e carro atrás.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

Eu falei sobre o baralho  
e o que suas cartas vogam,  
da banca e do agasalho  
onde quatro homens jogam;  
a dama ganha dos seis,  
valeta perde pra o reis,  
de tudo o sete é mandão,  
onze pontos vale o ás.  
- Ele disse: Fale mais  
das coisinhas do sertão.

E disse ele: Eu não sabia  
isto que você falou,  
mas aprender eu queria  
e tenso me perguntou:  
Como aprendeu tudo isto?  
Eu lhe respondi: Foi Cristo  
que me deu inspiração.  
E perguntou ele: Isto é arte?  
- Eu disse: E também faz parte  
das coisinhas do sertão.



## O Que Falta é Investir

*Trabalho vencedor no concurso literário promovido pela Associação dos Funcionários do Banco do Nordeste, no primeiro trimestre de 2006, em comemoração aos 20 anos de existência daquela entidade. O tema do trabalho era “o sonho de um Nordeste melhor”.*

O Nordeste já sonha em ser feliz  
do início do século antepassado,  
quando era o seu solo disputado  
no poder do dinheiro e nos fuzis,  
mas as leis se insurgiram no país  
e veio aí a feliz demarcação,  
mesmo assim imperou a proteção  
dando área maior aos fazendeiros  
e inibindo as vantagens dos obreiros  
como ainda perdura no sertão.

O Nordeste quer ser como Israel  
onde os solos não lutam por chuveiro,  
por exemplo, o Projeto São Francisco  
quer sair das algemas do papel,  
para tanto é preciso ser fiel  
às razões ecológicas, sociais,  
os Estados se unirem em prol da paz  
inovando a labuta campesina  
para que a família nordestina  
ultrapasse as ações artesanais.

Possui solos bastante agricultáveis,  
mão-de-obra dispõe em abundância,  
no seu raio mantém equidistância  
entre os pontos dos centros mais saudáveis,

as xerófitas são plantas cultiváveis,  
clima seco é o alvo indicador,  
tem um Banco que é o seu mentor  
embasado na era das mudanças  
tudo isso constrói as esperanças  
de um Nordeste mais rico e promissor.

Se você quer crescer e investir  
no Nordeste, se apresse e não vacile,  
pois seu PIB é maior que o do Chile  
e o seu clima estimula a produzir,  
suas áreas gigantes chegam ir  
aos maiores distritos mundiais,  
os setores de software e industriais  
têm destaques reais e positivos,  
e o governo redobra os incentivos  
em prol de seus índices sociais.

É produtor de bens tradicionais,  
fabricante de aço e automóveis,  
petroquímicos, além de outros bens móveis,  
e de produtos agroindustriais,  
exportador de frutas tropicais  
para a mesa do povo americano,  
europeu, asiático, australiano;  
nesse ponto o progresso se enaltece,  
o mercado se amplia e se aquece  
com freqüência no seu cotidiano.

Veio ao público a MP do bem  
abrandando ICM e a COFINS,  
IPI para os bens que têm os fins  
de indústria e transformação também,  
aquisição de imóveis porém tem



o refil da Medida Provisória,  
isto enseja os anseios de uma glória  
de quem luta, prospera e reinveste,  
aliados aos sonhos do Nordeste  
que deseja ampliar a sua história.

Nove Estados compõem a sua área,  
cada qual com a sua vocação,  
por exemplo, Bahia e Maranhão  
se revelam na indústria e na pecuária,  
Alagoas tem farta culinária,  
Pernambuco em folclore é campeão,  
Paraíba em turismo é expressão,  
Ceará apresenta artesanato  
tudo isso é estampa do retrato  
de um Nordeste buscando evolução.

Ao pensar no que tem o Rio Grande  
vem à mente as belezas de Natal  
que foi sede da guerra mundial,  
influência que ainda se expande;  
em Sergipe, a turismo, tem quem ande,  
vale apenas rever Jequitinhonha,  
nele todo a SUDENE se enfronha  
afastando a penumbra do fracasso  
é o Nordeste a procura do espaço  
das fortunas duráveis com que sonha.

Se houver um maior investimento  
para fins de receita a médio prazo,  
estudando os negócios casa a casa  
em resposta virá o crescimento;  
seja em couro ou planta de ornamento  
dando apoio ao setor cooperativo,

através de projeto criativo  
em turismo, bebida ou artesanão  
ou qualquer que lhe seja a inversão  
o Nordeste é também competitivo.

Para tudo possui infra-estrutura  
nas mais altas reais atividades,  
sendo vistas em tom de afinidades:  
eletrônica, grãos e apicultura,  
têxtil, roupas, metal, floricultura  
e outros mais que se possam imaginar,  
pois aquele que queira idealizar  
um projeto moderno e sem porquê  
vá depressa e procure o BNB  
para ver sua empresa despontar.

Para ter um trabalho mais perene  
dando às verbas destino mais fiel  
não se pode esquecer qual o papel  
do DNOCS, da CHESF e da SUDENE,  
do Banco do Nordeste com o ETENE  
de quem tanto depende esse sucesso;  
para que no Nordeste haja o ingresso  
dos recursos do F N E  
é preciso saber da boa fé  
de quem vota os Projetos no Congresso.

Com cinquenta milhões de habitantes,  
quase um quinto da área brasileira,  
uma boa extensão via costeira  
que promete lazer aos visitantes,  
com enormes estradas circulantes,  
vinte e um aeroportos na ativa,  
doze portos de mar em luta viva

conservando um estilo sempre novo,  
dois mil municípios tem seu povo  
que trabalha, que sonha e incentiva.

Se o governo adotasse posição  
de punir os ladrões do INSS,  
caixa dois em partido não houvesse  
e acabasse o mentor do mensalão,  
a propina que está de mão em mão  
fosse alvo de pena e relutância,  
no Palácio existisse sindicância,  
sobraria valor que só a peste  
e esta verba aplicada no Nordeste  
geraria receita em abundância.

Se das verbas que aprovam a cada dia  
ao Nordeste chegasse meio quarto,  
seu lençol freático raso e farto  
com certeza no solo afloraria,  
o roceiro do campo não saía  
para inchar as vielas da cidade,  
como jovem que vive em orfandade  
sem apoio, sem carinho e sem sossego,  
uma vítima brutal do desemprego  
que perdeu sua própria identidade.

Um velhinho acordou de madrugada  
assustado, sentindo um pesadelo,  
despertou e à mulher fez um apelo  
para ouvir sua história a ser contada:  
Eu sonhei numa sala atapetada  
escutando os políticos da Nação  
que falavam de globalização  
com o fim de mostrar um resultado

e o Nordeste era o grande agraciado  
com o Prêmio Nobel da Produção.

Para que o Nordeste deixe a cova  
e fique entre as potências mundiais  
é bastante o governo investir mais  
com ardor, sem desdém, sem contraprova;  
ao invés do que disse Vila Nova  
ao gravar com a Elba o seu repente,  
não precisa eleger um presidente  
nem lhe dar de país um apelido  
não precisa o Brasil ser dividido  
para ver o Nordeste independente.

## Se Eu Não Fosse Advogado

*Trata-se de versos em sextilha, com harmonia da deixa, um verdadeiro exemplo de baionada inicial de cantoria. Neste conjunto de estrofes, o autor manifesta sua pretensão pela arte de improvisar e diz o que seria profissionalmente se não tivesse optado pelo exercício da advocacia.*

Se por acaso eu contasse  
minha história de menino,  
dissesse porque não sou  
repentista nordestino,  
alguém diria que eu  
decidi contra o destino.

O sertão foi meu ensino  
de tudo quanto eu queria,  
por isso é que aprovo a frase  
que Aristóteles previa:  
o homem é para o que nasce  
mas o meio influencia.

No passado eu não sabia  
qual seria meu futuro,  
em tudo que eu inclinasse  
não me sentia seguro,  
igual um cego sem guia  
palpando o preto do escuro.

Primeiro enfrentei o duro  
da vida de agricultor;  
em seguida, balconista,  
de livro fui vendedor,

até aí não sabia  
da vocação o valor.

Fui técnico, fui locutor,  
fui professor bem aceito,  
na carreira de bancário  
terminei perdendo o jeito,  
fui decolar minha arte  
na ciência do direito.

Eu não sei se tenho feito  
trabalho qualificado,  
na tribuna ou na escrita  
me sinto realizado,  
mas de vez em quando escrevo  
um martelo agalopado.

Se eu não fosse advogado  
não sei bem o que eu seria,  
nem engenheiro nem médico,  
nem soldado nem vigia,  
talvez encontrasse espaço  
no mundo da cantoria.

Se eu vivesse da poesia  
era mais um sonhador,  
com a viola nas costas  
pelo sertão sofredor,  
subindo e descendo serra  
cantando canções de amor.

Mas se eu fosse um cantador  
brilhava nos festivais,  
Geraldo tinha cuidado

para manter seu cartaz  
e certamente Ivanildo  
caprichava ainda mais.

João Amaro e Zé Morais  
para angariar mais fama,  
todos os dias treinavam  
as sextilhas do programa,  
Zé Luís mantinha um livro  
na cabeceira da cama.

Talvez superasse um drama  
que a justiça deprecia,  
revelasse o lado bom  
dos sonhos da cantoria,  
talvez fosse mais feliz  
do que já sou hoje em dia.

Com certeza Zé Maria  
lutava por mais valores,  
Oliveira nem tivesse  
a fama que tem em Flores,  
Bandeira talvez não fosse  
o príncipe dos cantadores.

Acho até que os trovadores  
agrupavam um só partido,  
formavam um só universo  
sem ideal dividido,  
e o sucesso dos Nonatos  
ficava comprometido.

E o oitavão rebatido  
teria divulgação,

cantador não se orgulhava  
por ir à televisão,  
nem poeta iniciante  
sofreria humilhação.

Moacir e Sebastião  
não se orgulhavam do brilho,  
Daudeth não se gabava  
por ser bom no estribilho,  
nem Louro Branco seria  
campeão do trocadilho.

Jonas Bezerra que é filho  
de Chico do Iguatu,  
apesar de muito jovem  
pesquisaria Xudu,  
para extrair seu modelo  
dos vates do Pajeú.

Santana do Acaraú  
ia se tranquilizar,  
quando Raimundo Nonato  
precisasse viajar,  
aí, sim, Nonato Costa  
teria com quem duplar.

A história de Gaspar  
se resgatava também,  
Antônio Alves não ria  
por tocar viola bem,  
nem Sílvio Granjeiro tinha  
essa platéia que tem.



Fenelon Dantas também  
cantava com mais cuidado,  
o poeta Luciano  
seria o meu convidado,  
cantador sem compromisso  
retornaria ao roçado.

Valdir teria bom grado,  
Lourenço, mais humildade,  
os Pereiras de Umburanas  
se uniriam na trindade,  
para buscar o sucesso  
fora de sua cidade.

Haveria liberdade  
sem censura e sem bitola,  
cantador de médio porte  
se dedicava à escola,  
repentista preguiçoso  
talvez vendesse a viola.

O poeta Zé Viola  
natural do Piauí,  
que visita o Ceará  
formando platéia aqui,  
talvez perdesse o sucesso  
que ganhou no Cariri.

Fernandes do Mauriti  
repentista e professor,  
desprezou o magistério  
para ser um cantador,  
talvez que se contentasse  
somente como escritor.

Ferreira que é bom doutor  
mas canta por diversão,  
talvez nem isso fizesse  
por uma justa razão,  
por não encontrar apoio  
na segunda profissão.

E Valdomiro Galvão  
novo baião aprendia,  
e João Furiba que tem  
meio século de poesia  
com certeza antecipava  
sua aposentadoria.

Morada Nova faria  
uma homenagem aos Batistas,  
o Nordeste ganharia  
o Clube dos Repentistas  
e a **Isto É** publicava  
histórias de apologistas.

Talvez os clubes paulistas  
entoassem nosso hino,  
deixassem a arte importada  
que é seu estilo grã-fino  
para vir beber na fonte  
do folclore nordestino.

A viola de Galdino  
estaria em um museu,  
os jornais teriam dito  
que Severino morreu,  
e o Prêmio Nobel seria  
das canções de Eliseu.

Assim, não sei por que eu  
não me tornei menestrel  
para duplar com Lisboa,  
Francinaldo e Ismael,  
mas, vou ver se deixo a marca  
nas estampas do cordel.

Talvez cumpra meu papel  
quando o Direito eu deixar,  
se ainda eu estiver lúcido  
vou na viola tocar,  
para dizer as rebarbas  
que alguém deixou por cantar.

Até poderei narrar  
o que não fiz no presente,  
sentir o calor do verso  
e os turbilhões do repente,  
porém, se tudo der certo  
serei feliz novamente.

Deus me deu como presente  
opções para escolher,  
se eu me decidir cantar  
não vou mudar nem sofrer  
porque só me falta o pinho:  
**o resto eu já sei fazer.**



## Ninguém Derruba um Tijolo do Casarão da Fazenda



*Neste trabalho, escrito em dezembro de 2000, o autor descreve a casa em que nasceu e morou por muito tempo. É um mote de rima rara, envolvendo nomes próprios, com detalhes de descrição, portanto, muito difícil de ser versejado, tanto no que diz respeito ao elenco das palavras toantes como nos ajustes da metrificação.*

Aquele velho aposento  
tem sete metros de altura,  
treze e meio de largura,  
dezoito de comprimento,  
o seu piso é de cimento,  
suas portas de encomenda,  
os caibros não têm emenda  
e as linhas são de miolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.

De três vezes, construída:  
corredor, sala e varanda,  
fica à esquerda outra banda  
em três cômodos dividida;  
uma cozinha comprida  
onde a luta se desvenda,  
não há vento que suspenda  
nem que dê chuva de rolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.

Foi a casa onde meus pais  
sessenta anos viveram,  
catorze filhos nasceram,  
três já não existem mais;  
dos onze, cada um faz  
com que a família entenda,  
pois quem sugerir a venda  
vai levar nome de tolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão fazenda.

Mariqueza, Isídio e Zélia,  
Vanuza morreu novinha,  
ainda Ernesto e Toinha,  
Maricé, Lade e Lucélia,  
que no pé de rosa amélia  
brincavam sem reprimenda,  
hoje tudo vira lenda  
para inibir desconsolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.

Lá, Severina nasceu  
com Adelmo e Ladeci,  
Valdetário por ali  
a sua infância viveu,  
Pedro Filho, que sou eu  
escrevi esta parlenda  
para que o mundo aprenda  
que recordar é consolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.

Nada está em abandono,  
tudo recebe bons tratos,  
tem na parede os retratos  
do casal que foi seu dono;  
lá, papai dormia o sono  
na rede branca de renda,  
mamãe levava a merenda  
de café, batata e bolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.

No canto, uma vara torta,  
um cabresto, uma cabaça  
e um chapéu velho de massa  
guardado detrás da porta;  
uma mesa que suporta  
o peso de uma moenda,  
que para mim vale prenda  
embora seja um rebolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.

A minha lembrança puxa  
a arapiraca copada  
em que papai, da calçada,  
testava a sua garrucha;  
penetrava até a bucha  
naquela árvore estupenda,  
o chumbo fazia fenda  
que descobria o miolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.

Três portas para o nascente,  
três janelas para o sul,  
já foi pintada de azul,  
mas hoje está diferente;  
uma calçada na frente  
para evitar que ela penda,  
um curral que recomenda  
manejar gado crioulo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.

A colheita de algodão  
guardo na minha lembrança,  
e aquela antiga balança  
que pesava a produção;  
a parede do oitão  
já parecia uma agenda,  
os pesos formavam tenda  
de cepo e pedra de amolo  
- Ninguém derruba um tijolo  
do casarão da fazenda.



## Origens de um Verso

### Estilo: GALOPE À BEIRA-MAR

O *galope à beira-mar* é um gênero antigo muito usado nas cantorias de viola. Compõe-se de estrofes de dez versos de onze sílabas, onde o primeiro rima com o quarto e o quinto, o segundo rima com o terceiro, enquanto que o sexto entoa com o sétimo e o décimo ensejando a terminação ar, em harmonia teórica com o oitavo e o nono que livremente rimam entre si. Foi uma criação do poeta e vaqueiro Zé Pretinho, natural de Morada Nova, no Estado do Ceará. O galope à beira-mar está submetido à *cesura*, que é uma incisão entre a sexta e a sétima sílaba de cada verso, o que praticamente o transforma em dois semiversos, de seis e cinco sílabas, respectivamente, chamados *hemistíquios*. Uma cesura perfeita ocorre com os versos alexandrinos, isto é, aqueles que contêm doze sílabas.

Meu verso é nascido das coisas da serra  
do cantar saudoso que tem a acauã  
do sol que desponta às seis da manhã  
tocando seus raios na face da terra  
da barra da noite onde o dia se encerra  
das coisas bonitas que tem o luar  
da pasta gasosa formada no ar  
do amplo crepúsculo, abajur da sereia  
das misturas rústicas dos grãos de areia  
que fica espalhada na beira do mar.

Meu verso é gerado do grão das escolhas  
que o pássaro pequeno acha no terreiro  
do verde-amarelo da flor do pereiro  
e da chuva que deixa as terras zarolhas

do pé de pau d'arco que derruba as folhas  
e no mês de agosto começa a se ornar  
das aves noturnas, donas de radar  
dos fios que a aranha com cuidado tece  
do povo do campo que nada conhece  
das coisas bonitas da beira do mar.

Meu verso é formado do gênero da uva  
das manchas necróticas das folhas do alface  
da massa cinzenta que sobe da face  
das terras que sofrem ausência de chuva  
do pranto fingido que chora a viúva  
ao ver seu marido a morte carregar  
e após a algum tempo já pensa em casar  
e na missa de ano não está mais de luto  
dizendo que luto é coisa de matuto  
pois isto acontece na beira do mar.

Meu verso é criado das tardes de sol  
da fruta raquítica, redonda e azeda  
da carga malfeita caindo em vereda  
e do cantar saudosos de um rouxinol  
do menino pobre pescando de anzol  
puxando perdido sem nada pegar  
do pássaro que fica zombando do ar  
do grito da fera deitada na fumaça  
da brisa romântica, macia e noturna  
gerando ciúme na beira do mar.

Meu verso é tirado do azul do infinito  
das tardes cinzentas do tempo de inverno  
das nuvens que fazem do espaço um caderno  
formando desenho e deixando bonito  
do preto da sombra e do susto do grito

da voz da cigarra que vive a cantar  
da pobre andorinha que voa sem par  
fazendo o roceiro pensar em verão  
da descarga elétrica antes do trovão  
causando tumulto na beira do mar.

Meu verso é tirado do verde da mata  
do céu estrelado, translúcido e sem mancha  
do furo profundo onde o peba se arrancha  
da água nascente branca como prata  
da pedra pequena que bate e não mata  
o pássaro que vive no espaço a voar  
do cheiro das flores que há no pomar  
do solo argiloso que se torna duro  
da queda sem jeito do fruto maduro  
que cai mas não vai para beira do mar.

Meu verso é formado do vôo do morcego  
das águas correntes da grande enxurrada  
e da ovelha velha, magra e tosquiada  
que baila na serra chamando o borrego  
do pobre campestre sem chance de emprego  
e que sua ciência é o campo explorar  
do vento afobado que fica a passar  
do luxo do rico que o pobre enciúma  
da maré raivosa desmanchando espuma  
fazendo barulho na beira do mar.

Meu verso é formado da flor do algodão  
da canção romântica de um sabiá  
do folclore artístico do meu Ceará  
da planta xerófila ornando o sertão  
das folhas caídas rolando no chão  
que vão para o lado que o vento mandar

e do dom da abelha que vive a furtar  
para fazer mel a pétala da flor  
depois de bemfeito dá ao caçador  
que fica distante da beira do mar.

Meu verso descreve o valor de uma mina  
a velocidade na luz existente  
a vida dos índios de antigamente  
os fatos reais da História Divina  
o grão da semente que nunca germina  
talvez por excesso de raio solar  
a luz dos planetas que estão a brilhar  
e do arco-íris pálido igual um véu  
formando bordado no pano do céu  
distante ou bem perto da beira do mar.

Meu verso é formado da classe mais nobre  
da frase segura concisa e correta  
das negras torturas que sofre o poeta  
das coisas profundas que a mente descobre  
do pão que não sobra na mesa do pobre  
e do homem que imita Jesus no altar  
da pureza do amor que engrandece o lar  
da vida difícil do pobre estudante  
que por não ter grana padece distante  
sem ver as belezas da beira do mar.

## **Não Desenhe a Natureza com Sangue dos Animais**

*O autor neste poema buscou alcançar a natureza, exarando um conselho muito forte para sua preservação. A todo tempo invoca a terceira pessoa do singular, isto como forma de robustecer a mensagem no sentido de orientar e educar. Apesar do zelo pela qualidade dos versos, o poeta não deixa de lado o gracejo subjetivo, como se pode ver no momento em que fala das ações dos animais.*

Não prenda em sua gaiola  
um canário cantador,  
não mutile um beija-flor  
nem tire a vida de um gola,  
na sombra da castanhola  
não persiga sabiás,  
nas plantas não jogue gás  
nem polua a correnteza  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

Não bote fogo em floresta,  
não corte planta sombria,  
não dissipe a mataria  
na qual a fauna faz festa,  
o mundo somente presta  
se nele houver vegetais,  
as belezas naturais  
geram saúde e riqueza  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

Guarde sua moto-serra  
e aposente o seu machado,  
deixe o campo sossegado,  
não sugue o suor da terra;  
caçador, desça da serra!  
tire o chumbo dos bornais,  
as armas não use mais  
que Deus vê sua nobreza  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

Respeite os homens de farda  
que fiscalizam o IBAMA,  
que veste da cor de rama  
fazendo o papel de guarda,  
despreze sua espingarda  
e abandone seus punhais,  
maior que seus arsenais  
é o cântico da burguesa  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

A natureza está viva,  
tem sentimentos também,  
não faz ataque a ninguém  
porque não é vingativa,  
porém, forçada, ela priva  
nossos direitos vitais,  
aí, sim, é quando a paz  
cede lugar à tristeza  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

Que as firmas tenham cuidado  
de não poluir os ares,  
petróleo invadindo os mares  
é futuro ameaçado,  
só se vê peixe emborcado  
nas margens dos manguezais,  
baleia ancorar nos cais  
buscando a sua defesa  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

Se não fizer mais queimadas,  
não jogar lixos nos rios,  
seus filhos serão sadios  
com vidas mais prolongadas,  
as serras arborizadas  
e o chão com mais minerais,  
mais frequências pluviais  
com fartura em sua mesa  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

Hoje, o Salgadinho chora  
e ao transpassar Juazeiro  
guarda mágoa do romeiro,  
desabafando em Aurora,  
depois de lá vai embora  
levando os mesmos sinais,  
pois já não suporta mais  
o hálito da impureza  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

Deixe o juriti cantar,  
o sagüi se divertir,  
a mata tosca florir  
e a fogo-pagou voar,  
deixe a nascença jorrar  
e o pavão ter seus rivais,  
deixe a flor cor de lilás  
exibir sua beleza  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.

Se quer ter um bom porvir:  
deixe o sapo coaxar,  
preá se multiplicar  
e o predador competir,  
a abelha produzir  
delícias medicinais,  
caranguejo andar pra trás  
e o canção fazer proeza  
- Não desenhe a natureza  
com sangue dos animais.



## Biografia em Verso

**José Joaquim Teles Marrocos**

*Estes versos complementaram o discurso de posse do autor no Centro Cultural do Vale Caririense, em 29 de setembro de 2005. Zé Marrocos, em quem se inspirou o poeta, é patrono da Cadeira nº 31, reservada para o escritor homenageado. Aliás, é a principal tarefa de quem se associa àquele órgão discursar sobre a biografia de seu patrono. No caso em referência, são doze estrofes compostas de dez versos decassílabos.*

Embasado na lei da cantoria,  
exibindo a verdade, um dom sagrado,  
encarnando Gregório do passado  
que deu nome à história da Bahia,  
apalpando o veludo da poesia  
com a fé de quem vence e chega ao trono,  
no silêncio esperado pelo sono,  
em estrofes de dez, sumariamente,  
vou trazer para as páginas do repente  
o que fez Zé Marrocos, meu patrono.

O seu pai, por **João Teles** se chamou,  
sua mãe, Conceição do Amor Divino,  
um casal que por força do destino  
na história da vida se encontrou,  
desse tronco, Marrocos se gerou,  
na cidade do Crato ele nasceu,  
em Barbalha, brincou, lutou, venceu,  
em Juazeiro foi nobre, foi famoso,  
por ser primo do **Padre Milagroso**,  
até hoje o sertão não esqueceu.

Vinte e seis de novembro, ele nasceu,  
de oitocentos e quarenta e dois, o ano,  
o destino cruel mingou seu plano,  
sua morte precoce aconteceu,  
novecentos e dez, ele morreu,  
em catorze de agosto foi o dia  
Juazeiro perdeu quem mais queria,  
Cariri sentiu falta do talento,  
Ceará desbotou seu movimento  
e a história ofuscou sua magia.

Fundador do colégio Ibiapina,  
criador do **Jornal do Cariri**,  
através de **O Rebate** impôs aqui  
discussão da cultura nordestina,  
professor que zelou sua doutrina,  
um caráter sem jaça e sem afano,  
poliglota invejável em todo plano,  
um zeloso do nosso Português,  
dominava Espanhol, Latim, Francês,  
se preciso, falava Italiano.

Na visão de famoso jornalista  
do **Vanguarda** também foi fundador,  
fez nascer o jornal **Libertador**  
que ativou a campanha antiescravista,  
quando aluno, foi bom seminarista  
e foi daí que aflorou sua nobreza  
para ao pobre emprestar sua defesa  
em campanha sincera e erudita,  
erigiu a igreja Benedita  
que passava por crise em Fortaleza.

Na campanha da pró-abolição  
foi figura de luta e de destaque,  
às medidas injustas fez ataque  
procurando formar opinião,  
o seu nome ganhou grande escalão  
pelos gestos sensatos de bravura,  
pretendendo afogar a amargura  
de quem era sofrido e maltratado:  
cidadão exemplar para o Estado,  
mola mestra inibindo a escravatura.

Para ver do maltrato a extinção  
investiu seu brilhante tirocínio  
com Rodolfo, Amaral e Patrocínio  
e outros mais que queriam abolição;  
**Boa Nova**, o jornal da pregação,  
do qual foi a figura oficial,  
integrante da Comissão Central  
que a Província chamou de necessária  
com João Brígido, Barata e Cantuária  
para o grande momento inaugural.

Dos chamados *milagres de Juazeiro*  
atraiu para si o grande encargo,  
que a ele custou momento amargo  
com respaldo em jornais do mundo inteiro,  
a beata e seu caso romanceiro  
decorrido da hóstia milagrosa,  
que por ser uma graça duvidosa  
chamou-se de *fato extraordinário*  
ensejando um debate literário  
entre Paulo Machado e Mons. Feitosa.

Foi por isto acusado de inventor  
deste fato que a Igreja ainda glosa,  
escreveu a **Questão Religiosa**  
que não foi aos alcances do leitor,  
porém teve um famoso defensor:  
foi o padre Azarias, um ativista,  
que foi prático, sereno e otimista  
condensando as razões no livro seu,  
inspirado na fé quando escreveu  
**Em Defesa de um Abolicionista.**

Também fez um papel inteligente  
conquistando a vontade popular  
juntamente com Floro e Alencar  
para ver Juazeiro independente,  
que do Crato foi vila antigamente,  
o que em **julho de onze** foi desfeito,  
Juazeiro por todos foi aceito  
e elevado de vila a município,  
Padre Cícero, um ídolo de princípio,  
foi assim escolhido o seu prefeito.

Um encontro político ele marcou  
no salão principal de seu colégio,  
mas não teve o devido privilégio  
de fazer como quis e planejou,  
pois a morte na véspera o carregou,  
como quem disse DEUS com seus afetos:  
Zé Marrocos, seus sonhos são diletos!  
Poucos homens na terra o imitarão,  
durma em paz, pois cumpriu sua missão,  
os que ficam implementam seus projetos!

Zé Marrocos, busquei seus ideais,  
dinamismo, seus sonhos, sua história,  
a conquista, os ataques, sua glória,  
seus projetos políticos-sociais,  
seu papel nos eventos culturais  
e os discursos na moda gazeteira,  
tudo em prol da família brasileira  
numa prova de luta e afeição,  
isto impõe sobre mim a obrigação  
de honrar com amor **sua cadeira.**

### **Fontes de pesquisa:**

Arquivos do ICVC

Biblioteca particular do autor.

Obras

ARAÚJO, R. **Padre Cícero de Juazeiro**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1994.

\_\_\_\_\_. **Resgatar é preciso**. Recife: Edições Bagaço, 2002.

CASIMIRO, R. **Antes que eu me esqueça**. Fortaleza: ABC Editora, 2000. V. 1.

DELLA CAVA, R. **Milagre em Joazeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GIRÃO, R. **Abolição do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1969.

MACHADO, P. **Padre Cícero, o injustiçado**. Juazeiro do Norte: Gráfica Mascote, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Padre Cícero e a literatura de cordel**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1982.



## A Água Trouxe um Recado da Cabeceira do Rio

*Este gênero é o famoso mote em sete sílabas. Nesta rica modalidade, o poeta está preso ao assunto e à posição das rimas, sempre concluindo a estrofe de dez versos com a frase solicitada. No caso em tela, o mote foi escrito a pedido do conhecidíssimo escritor Arilo Luna, que também é engenheiro civil e pesquisador da cultura popular.*

Acordei de madrugada  
com chuva pelos frechais,  
fui salvar os animais  
que dormiam na baixada,  
lá na beira da enxurrada  
fiz o primeiro assobio,  
o meu cavalo bravio  
veio atender ao chamado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Por chover a noite inteira  
em todo canto dá nado,  
desce um banhista montado  
num tronco de bananeira,  
na folhagem da mangueira  
o vento causa alívio,  
como quem faz elogio  
ao verde escuro do prado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

A nuvem cor de carvão  
desfia como cortina,  
a pastagem na campina  
é fofa como um colchão,  
o capim solta pendão  
que até parece um pavio,  
um roceiro pede estio  
por ver seu campo embrejado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Quando é no mês de janeiro  
a serra fica enfeitada,  
o lodo tinge a calçada  
e o mato invade o terreiro,  
a copa de um juazeiro  
que no verão foi sombrio,  
até parece um navio  
quando está sendo afogado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Por ordem da natureza  
uma lagarta se encanta,  
a água da cor de Fanta  
não perde sua beleza,  
as ondas da correnteza  
giram como corrupio,  
no barro escorregadio  
tomba um garrote enjeitado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.



O temporal foi de um jeito  
que o vento perdeu seu prumo,  
ninguém via mais o rumo  
daquele riacho estreito,  
a água saiu do leito  
buscando novo feitio  
causando sério extravio  
no milharal pendoado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

No zoar da cachoeira  
canta um sapo, outro responde,  
uma lacraia se esconde  
entre a casca e a madeira,  
no gume da roçadeira  
o roceiro passa um fio,  
a cachorrinha no cio  
visitando todo lado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Uma chuva se desata  
o trovão dá seu gemido,  
um caçote é agredido  
por uma serpente ingrata,  
um socó voa da mata  
atravessando o baixio,  
calado sem dar um pio  
olhando o barro alagado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Nas estacas da porteira  
um velho estende a camisa,  
uma carroça desliza  
no topete da ladeira,  
um vaqueiro diz na feira  
o gado é gordo e vadio  
na pedra do meio-fio  
deixa o cavalo amarrado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

No casebre do sertão  
a telha fica mofada,  
a porta da frente inchada  
só abre com empurrão,  
um casal entra em ação  
para fazer o plantio,  
chama o filho forma um trio  
e vão os três para o roçado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

A galinha arrepiada  
cacareja e chama os pintos  
que mesmo estando famintos  
não ligam pra comer nada,  
um gato de madrugada  
fugindo do calafrio  
vê rato e não dá um mio  
fica na cinza deitado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

A folha recebe orvalho,  
o mato estreita o caminho,  
um gola rodeia o ninho  
buscando o belo agasalho,  
retornando do trabalho  
um sobrinho diz ao tio:  
terminei meu replantio  
e agora estou descansado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Numa tarde de invernada  
o vento bravo dá coice,  
um roceiro esconde a foice  
com medo da trovoada,  
uma novilha amojada  
pare um bezerro sadio,  
mas devido ao tempo frio  
o dono dobra o cuidado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Menino pega saúva  
pensando que é pirilampo,  
chega o vaqueiro do campo  
tira a perneira e a luva,  
o gibão depois da chuva  
fica pesado e macio,  
um novilho fugidio  
entra no curral forçado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

A terra igual um pirão,  
barreiras desmoronadas,  
pedras de junta molhadas  
até parecem torrão,  
diz um rezeiro ao patrão  
com nada me contrario,  
plantei do milho tardio  
mas já estou comendo assado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Um raio clareia o chão,  
uma árvore tomba ao solo,  
a brisa procura o colo  
do preto da solidão,  
no ribombar do trovão  
o vento faz rodopio  
que chega causa arrepio  
pelas brechas do telhado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Se já é março e não chove  
um matuto rouba um santo  
e a sua fé é de um tanto  
que o Redentor se comove,  
quando é dia dezanove  
diz: em São José confio!  
por isso mesmo é que eu crio  
minha semente de gado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Um trabalhador comenta  
com outro, numa palhoça,  
no mês de julho, uma roça,  
Deus querendo a gente enfrenta,  
se nos anos de noventa  
eu não saí do agonio,  
agora eu me distancio  
da mísera do alugado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Numa casinha singela  
um alpendre se desmancha,  
um caranguejo se arrancha  
no batente da janela,  
por detrás de uma cancela  
berra um bode com fastio,  
em um terreno baldio  
morre um borrego atolado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.

Nascendo em Minas Gerais  
e atravessando o Nordeste,  
o **Velho Chico** se veste  
de belezas naturais,  
resistindo a quem lhe faz  
ameaça e desafio,  
para o mar fazendo envio  
do que nele foi jogado  
- A água trouxe um recado  
da cabeceira do rio.



## A Causa da Diabete Desafia a Medicina

*Diabete ou diabetes, ou ainda, o diabete ou a diabete (gênero oscilante). O autor preferiu a forma singular feminina, por ter mais abrangência no mundo da rima e da métrica. Trata-se de mote em sete sílabas, desta vez inspirado em um tema desafiante aos que cuidam da saúde do povo, tudo recheado com a beleza do gracejo. Confira.*

Seis anos de faculdade,  
estágios nos hospitais,  
congressos nas capitais  
discutem tudo à vontade;  
a própria sociedade  
faz o que a ciência ensina,  
mas os testes de rotina  
dão cento e noventa e sete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Existe uma divisão:  
Tipo dois e Tipo um,  
Tipo dois é mais comum  
devido sua expansão,  
difere na produção  
de um pouco mais de insulina,  
com este o corpo amofina  
e o mesmo quadro reflete  
- A causa da diabete  
não enfrenta a medicina.

Desenvolveu-se uma tese  
com entendimento raro:  
ao rico é remédio caro;  
e ao pobre, diabinese;  
por mais que o cliente reze  
não foge da assassina,  
nem da dieta cretina  
que a saúde compromete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Quase catorze milhões  
portadores da doença,  
muita gente ainda pensa  
ser falha das previsões,  
outros acham que estão bons  
mas têm a mesma ruína,  
a ciência subordina  
mas a cura não promete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Eu conheço uma irmandade  
acometida do mal:  
Miguel, Lúcia e Juvenal,  
Moésio, Pedro e Andrade,  
Margarida e Solidade,  
José, Isaque e Joaquina,  
Luiz, João e Catarina,  
Eduardo e Bernadete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.



O povo não quer saber  
de conceito científico  
e entendimento pacífico  
sem o caso resolver;  
aquele que adoecer  
cresce a pança, o braço afina,  
cria mancha na retina  
e depressão no *casquete*  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

E chega na recepção  
apresenta a identidade,  
descobre logo a idade,  
endereço e profissão,  
e se tiver condição  
paga a consulta e assina,  
depois que muito imagina  
ao médico se submete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Com os óculos no nariz  
chega o doutor e se senta,  
às vezes nem cumprimenta  
aquele pobre infeliz,  
olha o paciente e diz  
o mal que lhe predomina,  
marca a ficha e determina:  
volte após o dia sete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Numa linguagem arrojada  
só produz termos bonitos:  
pâncreas, glicose e *melitus*  
dieta balanceada,  
gordura localizada,  
genética e hemoglobina,  
mas o doente termina  
magro igual uma gilete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

O doutor tira a pressão  
que dá uns doze por seis,  
manda chamar trinta e três  
para testar o pulmão,  
examina o coração,  
recomenda vitamina,  
pede exame de urina  
e a outro médico remete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Afinal diz, camarada,  
se quiser mudar a vida:  
evite fumo e bebida,  
faça esteira e caminhada,  
de doce não coma nada,  
use apenas Sacarina,  
modere na proteína,  
deixe sorvete e chiclete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Se for especialista  
a história é diferente,  
o médico é mais prepotente  
na hora da entrevista,  
diz logo à primeira vista:  
vou-lhe passar insulina,  
pega uma lanceta fina  
e na ponta do dedo mete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

E sobre alimentação  
deixa pra falar depois:  
duas colheres de arroz  
e um pouquinho de feijão,  
meia fatia de pão  
passada na margarina,  
um suco de tangerina,  
nem queijo, nem omelete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Caso o paciente tenha  
uma esperança do SUS,  
na fila, implora a Jesus  
para conseguir a senha,  
pede a Deus que o doutor venha  
às dez horas da matina,  
mas ele liga e combina  
que só vem às dezessete!  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Apelando já se está  
para o pó de babaçu,  
chá da raspa de caju,  
mororó e jatobá,  
casca de maracujá  
no suco de tamarina,  
oiticica e quina-quina  
fui buscar na internet  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Só falta é morrer de fome  
e a família nem percebe!  
vê guaraná mas não bebe,  
vê chocolate e não come,  
de bolo nem lembra o nome,  
evita carne suína,  
em vez de ir à cantina  
é melhor que se aquiete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Peço ao Pai Celestial  
que dê mais luz aos doutores,  
que os grandes pesquisadores  
se afastem do trivial,  
e que a ciência em geral  
elabore uma vacina,  
só para ver se elimina  
esse mal que se repete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Existem males mais sérios  
porém passíveis de cura,  
e a diabete perdura  
com seus tremendos mistérios;  
ninguém descobre critérios,  
cientista nem opina,  
remédio não extermina,  
exame só se intromete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Na ciência homeopática  
é grande a superstição  
fazer xixi num mamão  
há quem defenda essa prática,  
outra medida simpática  
é ensopar de urina  
pedaços de cartolina  
e deixar que a formiga afete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Assim, cada paciente  
sente o problema na pele,  
quer que a medicina zele  
seu direito de doente;  
às vezes, diz em repente  
sem arranhar a doutrina,  
e a classe nobre e grã-fina,  
se achar por bem, interprete  
- A causa da diabete  
desafia a medicina.

Se alguém não compreender  
com o escritor não se intrigue,  
pegue o telefone e ligue  
para tentar me vencer;  
mas só vai me convencer  
quem curar essa malsina,  
de maneira repentina  
eu mudarei a *manchete*  
- A causa da diabete  
***não enfrenta*** a medicina.

## **A Falta de Paz Procede dos Corações Desumanos**

*Mote em sete sílabas, enfocando a grandeza da paz na vida humana. É um pouco trabalhosa sua versificação pela raridade de rima para a palavra procede, assim como a pluralização do último termo também enseja dificuldade para o autor. Contudo, este trabalho é um bom exemplo da força que a chave do mote representa para o assunto em exercício. Cumpre lembrar que chave do mote é a relação poética que encadeia seu tema, entranhando-se entre o sétimo e o nono verso da estrofe.*

Caim matou seu irmão  
naquele tempo passado,  
multiplicando o pecado  
da família de Adão,  
pois quem não dá o perdão  
contribui com os tiranos  
que vão destruir os planos  
daquele que bem sucede  
- A falta de paz procede  
dos corações desumanos.

Hoje a guerra se implanta  
minguando a humanidade,  
mistificando a verdade  
expressa na Bíblia Santa;  
a repressão se decanta  
nos princípios luteranos,  
mas as dimensões dos danos  
o Criador pesa e mede  
- A falta de paz procede  
dos corações desumanos.

A desigualdade rola  
deixando o espírito vago,  
pois se uma mão faz afago,  
outra detona a pistola;  
quando uma mão dá esmola,  
vem outra e pratica danos;  
só com atos soberanos  
a paz com Deus se concede  
- A falta de paz se procede  
dos corações desumanos.

Quem tem paz vive feliz  
superando seus problemas,  
paz com Deus é um dos temas  
que a Bíblia Sagrada diz.  
E por que lá na Matriz  
não rezar seus desenganos?  
Lembrar seus cotidianos  
e dizer ao mal: Arrede!  
- A falta de paz procede  
dos corações desumanos.



## **A História do Homem está Escrita na Coragem, na Luta e no Saber**

Neste poema o autor expressa a força da perseverança na luta pelo social, reunindo no texto algo parecido com sua história. São versos decassílabos, também chamados de *heróicos*, em que se pode verificar com fluência e no momento certo a acentuação obrigatória, uma de suas principais características.

Quando o homem ainda é inocente,  
no decurso da vida, o mundo entende,  
cada dia que passa, o mesmo aprende  
uma coisa das outras diferente  
que somada às idéias de outra gente  
pode até uma guerra combater,  
isso prova que o homem pode ser  
tudo o quanto na vida ele cogita  
- A história do homem está escrita  
na coragem, na luta e no saber.

É o homem segredo natural  
que margeia os caminhos da ciência,  
soerguido por sua competência  
assegura um lugar no social,  
faz conquista no mundo espacial  
e no cenário da arte dá prazer,  
associa a vontade ao resolver  
e com sua razão se capacita  
- A história do homem está escrita  
na coragem, na luta e no saber.

Com coragem é que o homem vai à luta,  
é a luta o caminho da vitória,

a vitória é um alvo da história,  
a história é respaldo da conduta,  
a conduta incentiva uma disputa,  
na disputa algo pode acontecer,  
pois é isto que deve proteger  
a grandeza que a sorte requisita  
- A história do homem está escrita  
na coragem, na luta e no saber.

Ter coragem não é matar alguém  
nem sacar da pistola ou do punhal,  
é buscar um lugar no social  
respeitando o valor que os outros têm,  
e não manchar a estrela de ninguém  
para a sua brilhar e se acender;  
ter no palco da luta o seu lazer  
para que o seu mérito se transmita  
- A história do homem está escrita  
na coragem, na luta e no saber.

Da infância eu não guardo este segredo:  
nunca tive brinquedos de metais,  
meu lazer foi cuidar dos animais,  
pastorar passarinhos, meu brinquedo,  
à cidade eu não ia por ter medo,  
automóvel, fugia pra não ver,  
mas na vida lutei para vencer,  
porém hoje respondo a quem me grita  
- A história do homem está escrita  
na coragem, na luta e no saber.

Eu não sei se na vida tive sorte:  
uma légua eu andava para escola,  
meu almoço era um pão com coca-cola,

estudar no recreio foi meu esporte;  
um jumento emprestado, o meu transporte,  
minha festa era um livro para ler;  
meu cinema, a vontade de aprender;  
minha farda, uma roupa de mesquita  
- A história do homem está escrita  
na coragem, na luta e no saber.



## **Agosto nos traz o Gosto da Manga e do Bom Caju**

*Mote desenvolvido por solicitação do escritor Arilo Luna, que resolveu reconhecer os valores nutritivos das duas frutas: manga e caju, enfocando o mês de agosto, por ser este o período em que se iniciam no Ceará as duas safras referidas, e também pela harmonia que a palavra do mês guarda com o verbo gostar, principalmente na sua função atípica de substantivo. Este mote, que foi escrito em agosto de 2003, chegou a ser objeto de estudo em algumas escolas do Cariri.*

Janeiro tem seus valores,  
fevereiro também tem,  
março e abril têm também  
capricho nas suas cores,  
mês de maio é mês das flores,  
mês de junho é sem lundu,  
julho nos passa o bizu  
do início de agosto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.

Manga é gostoso alimento  
estando o fruto maduro,  
seu suco sadio e puro  
não exige complemento,  
o caju em nutrimento  
já quebrou todo tabu,  
com Cortezano ou Pitu  
é um grande tira-gosto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.

Caju, fruta cobiçada,  
rica em vitamina C,  
manga no complexo B  
é por todos procurada,  
são farras da passarada  
desde o campina ao jacu,  
do pardal ao sanhaçu  
cada qual canta disposto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.

Ceará, terra da luz,  
possui solo agricultável,  
mão-de-obra favorável  
para a safra dos cajus,  
manga também se produz  
de Crato até Iguatu,  
Barro e Caririaçu,  
gerando emprego e imposto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.

Vê-se um cajueiro torto:  
parece casa na roça,  
se veste de casca grossa  
fingindo que está morto,  
sua sombra dá conforto,  
a castanha dá *tutu*,  
a manga enfrenta o chuchu  
no sabor e no composto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.

Manga e caju, certo dia,  
a convite do mamão,  
falavam de nutrição  
num congresso que havia;  
com inveja, a melancia  
ensejou um sururu,  
a pitomba e o umbu  
revelaram seu desgosto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.

Um menino enfrenta briga  
na disputa de castanha,  
cai uma manga, ele apanha  
chupa que mela a barriga,  
num cajueiro se abriga  
colhe que enche o baú,  
abocanha um caju cru  
que chega salpica o rosto  
- Agosto nos traz agosto  
da manga e do bom caju.

Eu, na feira, como **mangas**  
espada, rosa ou jasmim  
se tu *mangares* de mim  
eu já sei porque tu **mangas**,  
não tens pano para as **mangas**  
nem **mangas** para o zebu,  
*mangado* vais ficar tu  
por estar do lado oposto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.

A região nordestina  
usando seus atributos  
não sabe qual dos dois frutos  
a preferência domina,  
dizem até que Petrolina  
exporta para o Peru,  
e a bacia do Trussu  
pode transformar-se em posto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.

Da mesma família são:  
espécie anacardiácea  
não precisam de falácia  
para ocupar posição,  
o caju tem proporção  
no doce do Tambaú,  
da manga, o caroço nu  
lembra um coração exposto  
- Agosto nos traz o gosto  
da manga e do bom caju.



## Ainda Tenho Guardada minha Carta de ABC



O autor foi menino do campo, estudou em escola rural e nas primeiras escolas públicas de sua cidade. Talvez por isto, ele guarda na memória as coisas que marcaram seu passado. Conservou por muito tempo todo material escolar que passou por suas mãos, resolvendo, em seguida, eliminar uma parte desse acervo que não poderia mais ser mantida em face da ação do próprio tempo. Porém mantém ainda em seu poder muitas coisas que causam sensação forte a quem delas tomar conhecimento. Só para dar um exemplo, o autor dispõe ainda de sua *Carta de ABC* e de sua *Tabuada*, ambas em perfeito estado de conservação. Foi revendo todo esse material que o autor escreveu o mote a seguir. É um trabalho constituído por rimas raras, também chamadas preciosas, no qual se pode perceber o cuidado rigoroso do poeta no sentido de não repetir palavras.

Ela me faz recordar  
a minha infância primeira,  
Maria Gomes Pereira  
professora do lugar,  
que me mandava estudar  
e eu não sabia o porquê,  
pois criança não prevê  
do futuro quase nada  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

Suas laudas têm clareza,  
não possui palavra omissa,  
no final, diz que a preguiça  
é a chave da pobreza,  
conserva ainda a beleza  
pois quem observa vê  
que entre os sinais A e Z  
não há letra amarrotada  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

Até já mudou de cor  
por ação que o tempo faz,  
porém conserva os sinais  
que expressam o seu valor,  
na história de doutor  
integra um só dossiê,  
se alguém perguntar, cadê?  
Também mostro a taboada  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

Com dez folhas dá abrigo  
a todas letras maiúsculas;  
logo em seguida, as minúsculas  
feitas num formato antigo,  
porém conservo comigo  
para mostrar a você;  
a capa um pouco fumê,  
por dentro, bem conservada  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

Uma caneta luxenta  
digna de ir ao museu,  
que Crisantina me deu  
em dezembro de setenta,  
de preta ficou cinzenta  
e o bico parece um tê,  
mas quem botar tinta vê  
riscar sem fazer zoadá  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

Olho tudo e me comovo  
por força das emoções,  
o livro *Minhas Lições*  
ainda está quase novo;  
aquela *Cartilha o Povo*,  
alguém, querendo, inda lê,  
tem formato de carnê  
e a capa é toda ilustrada  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

Aquela prova bonita  
em folhas grandes de alçaço,  
abaixo da nota, um traço;  
na borda, um laço de fita,  
hoje parece esquisita,  
mas faz bem a quem revê,  
nem por troca de cachê  
eu a deixo abandonada  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

Meu livro de matemática  
do autor Marcius Brandão,  
Programa de Admissão  
que tornou-me a vida prática,  
também guardei a gramática  
que hoje me faz mercê,  
pois a aula da tevê  
deixa uma dúvida danada  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

Pode alguém mangar de mim  
porque tenho conservado  
o caderno do *ditado*  
e as notas do boletim,  
todo poeta é assim  
de louco possui um quê,  
muito mais doido é você  
que não se lembra de nada  
- Ainda tenho guardada  
minha *Carta de ABC*.

## **Nos Ensinos da Vida eu Aprendi Dividir, ser Humilde e Respeitar**

*A solidariedade é a idéia principal deste mote decassílabo.  
A primeira pessoa do singular dirige o poema, fazendo da vida  
um campo de aprendizagem. O autor vê este trabalho  
como um dos principais marcos desta coletânea, tanto pela  
beleza de seu conteúdo, como pelas exigências contidas  
na rima e na métrica, sem perder de vista a obrigatoriedade  
de acentuação dos versos.*

Transformei minha vida em uma escola  
com o fim de tirar ensinamento,  
apoiar quem está no sofrimento,  
dar um pão a quem clama por esmola,  
se um pássaro está preso na gaiola  
faço um jeito pra o dono libertar,  
falar pouco, ouvir mais e perdoar,  
foi difícil, porém eu consegui  
- Nos ensinos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Eu descobri que os brutos têm valores  
e obedecem às leis da natureza,  
se os mosquitos procuram a impureza  
as abelhas no campo buscam flores;  
que os tatus, evitando os caçadores,  
só à noite preferem caminhar,  
se algum dia os traí para matar  
dessas coisas que fiz me arrependi  
- Nos ensinos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Aos enfermos fazer uma visita  
e só entrar no lugar onde me cabe,  
ensinar um poema a quem não sabe,  
abrandar os ouvidos de quem grita,  
repartir com alguém que necessita  
o suor que meu rosto derramar;  
e na igreja, na hora de rezar,  
agradeço ao Senhor porque nasci  
- Nos ensinamentos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Se o homem adviesse do macaco  
como diz a conquista da ciência  
não detinha o poder da inteligência  
pra crescer nas derrotas do mais fraco,  
não queimava as florestas com cavaco,  
condenava a idéia de emboscar,  
quando ouvisse falar em seqüestrar  
respondia: esse lema eu nunca vi  
-Nos ensinamentos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Ser honesto, ser simples, ser sereno,  
discutir sem maldade e sem rancor  
e sem causar aos outros dissabor,  
respeitando as idéias do pequeno;  
não fazer do poder negro terreno  
onde os outros não podem trafegar,  
a virtude só deve prosperar  
quando o homem fizer tudo isso aí  
- Nos ensinamentos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Quando alguém o tratar com agressão  
não precisa perder a paciência,  
fique firme e condene a violência  
que será vencedor na discussão;  
é bastante ter Deus no coração  
para ver seu rival se ajoelhar,  
disso aí não se deve duvidar  
pois, na Bíblia Sagrada, hoje, eu li  
- Nos ensinamentos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Dedicar seu respeito ao ancião,  
dar apoio à criança abandonada,  
criticar a sentença prolatada  
respeitando os limites da razão,  
a quem erra, prestar uma lição,  
dar a mão para alguém se levantar  
ou comida a quem quer se alimentar,  
foi fazendo essas coisas que eu cresci  
- Nos ensinamentos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Dizer SIM, demonstrando ser capaz,  
dizer NÃO, sem ferir quem pede ajuda,  
aderir ao saber de quem estuda  
e conhecer que os direitos são iguais,  
perguntar aos que sabem algo mais,  
agregar-se a quem quer colaborar,  
da cobiça e do ódio se afastar,  
isto sim, é verdade, eu já senti  
- Nos ensinamentos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Da verdade, não fique entre os omissos,  
ame a paz e defenda a sua terra,  
reze mais, pregue amor, condene a guerra,  
emprestando a Jesus os seus serviços;  
dando exemplo ao honrar seus compromissos  
sem querer a ninguém se apresentar,  
não se canse na vida de ajudar,  
foram estes os conselhos que ouvi  
- Nos ensinamentos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.

Pôr um basta nos atos de arrogância,  
envergar-se aos ditames da ciência,  
alinhar-se ao poder da consciência,  
dar desprezo ao orgulho e à ganância,  
não medir consequência nem distância  
para ver um doente se curar,  
quando ouvir um tristonho, consolar,  
pois assim foi que eu sempre procedi  
- Nos ensinamentos da vida eu aprendi  
dividir, ser humilde e respeitar.



## O Nordeste Enxugou a sua Face com o Lenço Felpudo de Algodão

*Como dito em outras passagens, o autor foi técnico agrícola do Banco do Nordeste. Como profissional da espécie colaborou com a agência de Brejo Santo, inclusive, no ano 1984, quando o Nordeste sacudia a poeira de vários anos de seca sucessivos. A safra de algodão em toda região do Cariri, naquele ano, foi de uma dimensão assustadora, tendo Brejo Santo despertado para comemorar com diversas atrações a VI Semana do Algodão. Foi nesta ocasião que, a pedido da administração da agência do BNB daquela cidade, com apoio das autoridades e comércio local, este trabalho veio a lume, sendo publicado em forma de folheto de cordel e distribuído com muito sucesso entre as pessoas que compareceram ao evento. É, sem dúvida, mais um exemplo de mote decassílabo, com os rigores da rima e da métrica, característica peculiar de quem o fez.*

Muitos anos de seca se passaram  
transformando o sertão numa miséria,  
o roceiro enfrentou parada séria,  
muitos deles, do campo, se mudaram,  
os produtos agrícolas se ausentaram  
retirando do povo a condição,  
mas as chuvas voltaram ao nosso chão  
ordenando que a fome se afastasse  
- O Nordeste enxugou a sua face  
com o lenço felpudo de algodão.

Até mesmo os pequenos passarinhos  
componentes da banda matinal  
sem abrigo da sombra vegetal  
desertavam, deixando os filhotinhos

que de fome morriam nos seus ninhos  
ou seriam jantar do gavião,  
mas o inverno chegou na região  
retirando o sertão daquele impasse  
- O Nordeste enxugou a sua face  
com o lenço felpudo de algodão.

Mergulhada no mundo de tristeza  
lamentava a criança desnutrida  
vendo a hora perder a própria vida  
por faltar alimento em sua mesa,  
o desgaste que teve a natureza  
não se pode estimar com precisão,  
porém Deus, dando a sua proteção,  
pôs a mão pra que tudo melhorasse  
- O Nordeste enxugou a sua face  
com o lenço felpudo de algodão.

Só se viam famintos na cidade,  
os açudes sem água para o gado,  
era triste falar do resultado  
dos efeitos daquela crueldade;  
o rebanho caiu para metade,  
o menino chorava sem ter pão,  
com lamúria berrava a criação  
desejando que o campo se enfolhasse  
- O Nordeste enxugou a sua face  
com o lenço felpudo de algodão.

Com as safras agrícolas deste ano  
acabou-se a história de PROAGRO,  
não se vê, no sertão, mais gado magro,  
o roceiro saiu do desengano  
e até mesmo o governo criou plano

de aumentar as receitas da Nação  
com impostos que vêm da produção  
que há dez anos não tinha quem pagasse  
- O Nordeste enxugou a sua face  
com o lenço felpudo de algodão.

De alegria o roceiro agora pula,  
sua casa está rica de mobília,  
já comprou roupa nova pra família  
e uma moto pra dar a seu caçula;  
se há três anos vendeu a sua mula;  
nesta safra, comprou jeep e fuscão,  
pintou prédios e fez “renovação”  
formulando convite a toda classe  
- O Nordeste enxugou a sua face  
com o lenço felpudo de algodão.

Quem deixou seu torrão está voltando  
pra viver no lugar em que nasceu  
esquecendo as torturas que sofreu  
por ver tudo na terra prosperando;  
quem noivou, há um ano, está casando  
e é, às vezes, com filha de patrão,  
no casório faz festa e diversão,  
poucos meses depois, um bebê nasce  
- O Nordeste enxugou a sua face  
com o lenço felpudo de algodão.

No Nordeste, uma voz com simpatia  
dava anúncio das chuvas no sertão  
traduzindo a miséria do “Bolsão”  
em fartura, em progresso, em alegria;  
Brejo Santo na sua economia  
também teve expressiva evolução

por exemplo, D-10 e caminhão,  
em abril, já não tinha quem contasse  
- O Nordeste enxugou a face  
com o lenço felpudo de algodão.

## Conselho de um Cooperado

Este trabalho foi o campeão no concurso literário promovido pelo ICVC – Instituto Cultural do Vale Caririense, em parceria com o SESC, conferindo ao autor o 1º lugar com o troféu PALCO – Prêmio Anual de Literatura de Cordel Edição 2004. Trata-se de uma história imaginada com a intenção de tão-somente concorrer ao certame, estilizada em sextilha com obediência às regras da *deixa*. Na poesia popular e na cantoria, *deixa* é a obrigatoriedade que tem o poeta de iniciar a estrofe seguinte rimando com o último verso da estrofe anterior.

Gabriel era um senhor  
da fazenda Solidade,  
no município **de tal**,  
a três léguas da cidade,  
e era muito conhecido  
por sua comunidade.

Zelava a propriedade  
com muito jeito e carinho,  
era pai de quatro filhos:  
José, João, Pedro e Chiquinho  
que não aceitavam o pai  
ir para a roça sozinho.

Era de um lugar vizinho  
sua esposa Gabriela,  
tudo o quanto ele fazia  
era de acordo com ela,  
e a união do casal  
tornava a vida mais bela.

Gabriel e Gabriela  
trabalhavam com cuidado,  
logo nas primeiras chuvas  
plantavam bem seu roçado,  
e sempre no final do ano  
era bom o resultado.

Seu terreno era explorado  
com arroz, milho e feijão,  
banana, coco e castanha,  
mandioca e algodão,  
e a técnica que ele usava  
elevava a produção.

Gabriel tinha razão  
de achar que o tempo era ingrato,  
pois gastava para dar  
às suas lavouras trato,  
mas na hora de vender  
o produto era barato.

Vivia assim no maltrato  
a padecer ano a ano,  
a família trabalhava  
unida no mesmo plano,  
mas na época da colheita  
caía no mesmo engano.

Chiquinho disse a seu mano  
agora vou controlar  
o custo com as lavouras  
para ver quanto vai dar,  
e saber se no final  
o saldo vai compensar.

E puderam constatar  
as perdas de capitais.  
E José perguntou ao pai  
não sei por que seu Tomás  
planta menos que o senhor  
e no fim o lucro é mais?

Gabriela estava atrás  
quando ouviu a indagação,  
à noite, ficou pensando  
na dita comparação  
e convidou esposo e filhos  
para vasta discussão.

E disse: Tenho razão  
de ficar preocupada.  
Tomás tem a mesma terra  
e a nossa é mais cultivada,  
hoje Tomás está rico,  
nós não possuímos nada.

Gabriel disse à cambada  
o Tomás vou visitar,  
como quem não estou querendo  
mas algo vou perguntar  
e eu afirmo com certeza  
de que ele não vai negar.

Logo após o sol raiar,  
selou seu burro Folguedo  
e saiu antes do café,  
Tomás até teve medo  
e falou: Qual o motivo  
você por aqui tão cedo?

Conte a mim logo o segredo,  
pois sei que você não nega.  
Gabriel disse sorrindo  
eu vim até à bodega  
e aproveitei esse ensejo  
para rever o colega.

Seu Tomás disse: Colega,  
venha logo se sentar.  
Mandou Helena fazer  
um café para tomar;  
botou fogo num cigarro  
e começou a conversar.

Falaram da paz no lar  
e da alta da gasolina,  
de experiências de inverno,  
novena, festa junina  
e da discriminação  
da região nordestina.

Gabriel disse: Imagina  
como é grande a inflação,  
pois eu fui ontem ao mercado  
comprar carne de leitão,  
para pagar quatro quilos  
vendi trinta de algodão.

É uma grande ilusão  
trabalhar na incerteza;  
de que serve inverno bom  
e uma produção beleza  
para no ato da venda  
não cobrir nem a despesa.



Eu já pensei com nobreza  
em deixar de trabalhar,  
vender meu taco de terra  
e uma bodega botar,  
pois lutando para os outros  
não quero continuar.

Vou vender o meu pomar,  
a terra, o gado e o abrigo;  
vou ser atravessador,  
fingindo que sou seu amigo,  
fazer com outras pessoas  
o que fizeram comigo.

E Tomás disse: Meu amigo,  
vou dar-lhe uma sugestão,  
visite a Cooperativa  
e explique a situação,  
depois preencha a proposta  
pedindo sua admissão.

Gabriel disse: Vou não,  
lá não conheço ninguém,  
a minha leitura é pouca,  
meu patrimônio é também  
e o mundo só valoriza  
quem muita riqueza tem.

Tomás disse: Pense bem,  
lá a coisa é diferente;  
dentro da Cooperativa  
você se sente mais gente,  
tudo o que você procura  
consegue ligeiramente.

Lá é simples o ambiente  
e todos lhe dão atenção,  
o gerente é bom amigo  
e presta orientação,  
você tem bons resultados  
quando entrega a produção.

A *Revenda* tem fogão  
a preço extraordinário,  
rede, balança, chinelas  
e produto agropecuário,  
além de uma infinidade  
do âmbito veterinário.

Caso seja necessário  
o técnico vai ao roçado,  
ensina escolher os solos  
e espaçamento adequado  
para que sua lavoura  
dê um melhor resultado.

Cada sócio é respeitado  
não há discriminação,  
a sua presença é válida  
na hora da votação,  
aí você pode e deve  
dar a sua opinião.

Recebe o seu algodão  
e deixa classificado,  
depois industrializa,  
procura melhor mercado  
e o que se chama retorno  
devolve ao associado.

Gabriel mais animado  
chegando disse à mulher:  
Passe o ferro em minha calça,  
numa camisa qualquer  
que eu vou à Cooperativa,  
amanhã, se Deus quiser!

O sol não saiu, sequer,  
ele foi-se associar.  
Associou-se e então  
começou logo operar  
e a partir daí as coisas  
procuraram seu lugar.

E começou a entregar  
toda sua produção.  
Os seus negócios são feitos  
naquela repartição.  
Gabriel diz que não quer  
mais conversa com patrão.

Depois de um certo tempão  
que é sócio credenciado,  
Gabriel comprou mais terra,  
trinta cabeças de gado,  
forrageira, moto-bomba  
e um trator bem equipado.

Cercou de arame farpado  
a sua propriedade,  
melhorou sua pastagem,  
comprou casa na cidade,  
construiu grande barragem,  
hoje tem água à vontade.

Do seu retorno, a metade  
investiu num caminhão.  
Hoje, ajuda seus vizinhos  
transportarem a produção,  
faz tudo para não ver  
um pobre na sujeição.

Por ser ele um cidadão  
de palavra positiva,  
organizou uma campanha  
com a sua comitiva  
para integralizar *quotas*  
na sua Cooperativa.

Com isso a Cooperativa  
tirou grande resultado,  
aumentou ligeiramente  
seu quadro de associado;  
Gabriel tornou-se um sócio  
muito mais acreditado.

Tirou grande resultado  
aquela jurisdição.  
Lá não há mais corretor  
e ninguém fala em patrão,  
quem produz já sabe onde  
entregar a produção.

Lá as escolas já estão  
pregando sociedade;  
o clima cooperativo  
tomou conta da cidade,  
servindo de grande exemplo  
para toda a humanidade.

Certo dia na cidade  
Gabriel viu seu Tomás,  
Tomás quando o avistou  
quase não conhece mais,  
pois nem parecia aquele  
de poucos tempos atrás.

Gabriel disse: Tomás,  
grande amigo você tem,  
o que você fez comigo  
estou pagando a alguém,  
informando-o para ser  
um cooperado também.



## **As Vítimas da Estiagem Merecem toda Atenção**

*O autor, que é advogado, em defesa escrita a um auto de infração lavrado por Fiscal do Trabalho contra uma agência do BNB, no desenrolar de sua contestação, após os fundamentos jurídicos aplicáveis ao caso concreto, tentou sensibilizar o julgador com os versos sob referência, alegando tarefas inadiáveis em face da imediata execução do Programa de Emergência destinado às vítimas da seca. Isso ocorreu em 15 de junho de 1998.*

Nobre e douto julgador!  
use a lei e o bom senso,  
pense da forma que eu penso  
para Deus ver seu valor,  
não queira manchar a cor  
da sábia legislação,  
arquive esta autuação  
para manter sua imagem  
- As vítimas da estiagem  
merecem toda atenção.

Não se lembrou o fiscal  
que seu pão, que é de sobra  
depende da mão-de-obra  
do trabalhador rural,  
que por fator natural  
passa fome e precisão,  
os calos de sua mão  
revelam sua coragem  
- As vítimas da estiagem  
merecem toda atenção.

Se o próprio país reparte  
as suas verbas legítimas  
para socorrer as vítimas  
deste Sertão baluarte,  
também faça a sua parte  
rasgando a falsa infração,  
pois tal contribuição  
só vai lhe trazer vantagem  
- As vítimas da estiagem  
merecem toda atenção.

O problema é cultural,  
Vossa Senhoria sabe  
que onde a verdade cabe  
chega o bem e sai o mal,  
infelizmente o fiscal  
não teve esta educação  
e preferiu lançar mão  
do rigor da arbitragem  
- As vítimas da estiagem  
merecem toda atenção.

O Plano de Emergência  
foi uma idéia feliz,  
como o próprio nome diz  
requer cuidado e urgência,  
por isso é que esta agência  
priorizou essa ação  
contratando operação  
de poço, açude e barragem  
- As vítimas da estiagem  
merecem toda atenção.



É uma verdade oculta  
multar quem quer progredir,  
é querer contribuir  
com o mundo da insulsa,  
não é aplicando multa  
que se faz uma Nação,  
mas é estendendo a mão  
àqueles que lutam e agem  
- As vítimas da estiagem  
merecem toda atenção.



## **Bandeira, Eu Também Conheço um pouco de sua História**

*Por ocasião dos 50 anos de viola do poeta Pedro Bandeira,  
em praça pública, em Juazeiro do Norte, no dia 1º de maio  
de 2005. É uma verdadeira viagem pela vida artística  
do poeta aniversariante.*

Eu era ainda menino  
e no sítio em que eu morava  
Pedro Bandeira cantava  
as ilusões do destino,  
a sua voz era um sino  
de acústica vibratória,  
de sua idéia finória  
ninguém calculava o preço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Pra Terta e Zé Bastião  
fez festa no Posto Velho,  
lá cantou o evangelho  
no repente e no baião,  
parecia uma missão  
a massa aglomeratória,  
na toada oscilatória  
só se ouvia o estremeço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

No Barro, se fez duplado  
com o vate Daniel Gomes,  
foi Chico Inácio um dos nomes

que ele enfrentou no passado;  
cantou por cachê pesado,  
também por verba irrisória;  
a sextilha introdutória  
exibia sem tropeço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

É filho da Boa Vista  
de São José de Piranhas,  
enfrentou serra e montanhas  
buscando sua conquista,  
na vida de repentista  
só teve fama e vitória,  
toda sua trajetória  
acompanhei do começo  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Fez da viola uma asa  
para alcançar seu sucesso,  
hoje canta na Progresso,  
já teve auditório em casa;  
seu improviso se embasa  
na musa preparatória,  
e na vida peremptória  
o seu dom é recomeço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Animou renovação,  
fez a missa do vaqueiro,  
sobre a vida do romeiro  
escreveu livro e canção,

com Luiz, rei do baião,  
cantou a arte acessória,  
a política transitória  
e o sertão pelo avesso  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Um gênio da poesia,  
um cidadão renomado,  
professor, advogado,  
vivido em teologia,  
se é mestre em cantoria  
é melhor na oratória,  
e a sua declamatória  
sempre que eu escuto, cresço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Cultuando o som do pinho  
no Cariri se instalou,  
por muito tempo duplou  
com Alexandre Sobrinho,  
do rádio teve o carinho  
por sua fama notória,  
e assim a neve da glória  
procurou seu endereço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

No calor de sua fama  
poetas se desencontram,  
“Quando as Violas se Encontram”  
foi seu primeiro programa;  
os poemas que declama

têm coisa satisfatória,  
em cada eliminatória  
o seu rival vira gesso  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Neto do velho Galdino,  
tem três irmãos cantadores  
que também defendem as cores  
do pavilhão nordestino,  
entrou no mundo grã-fino  
mas não perdeu da memória  
a sua origem simplória  
cheia de tanto arremesso  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Pela década de sessenta  
gravou *Viola de Ouro*,  
um sucesso duradouro  
que ainda hoje se ostenta,  
a primeira ferramenta  
da carreira ondulatória,  
parcela da somatória  
desse seu sucesso espesso  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Pedro - a conta já perdeu  
de quantos troféus ganhou,  
quantos poemas gravou,  
quantos cordéis escreveu,  
os livros que ele já leu  
são de cifra elevatória,

sua índole meritória  
merece ter nosso apreço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Em festival e refrega  
ou mesmo em pé de parede  
dos ouvintes mata a sede  
quando na viola pega,  
cantando deixa o colega  
numa dúvida vexatória,  
verdadeira palmatória  
para cantador travesso  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

É campeão de troféu,  
todo o Brasil percorreu,  
com Geraldo ele escreveu  
“Bandeira Canta no Céu”,  
nunca tirou o chapéu  
para a turma da vanglória,  
quando canta a pré-história  
ouço e me rejuvenesço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Rimou para o Presidente,  
em Portugal fez jornada,  
lá cantou na embaixada  
em estilo diferente,  
para o Papa fez repente  
em toada suasória,  
sua magia sensória

não merece despreço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.

Foi príncipe dos cantadores  
por ser poeta brilhante,  
foi ativo e atuante  
no rol dos vereadores,  
implantou os seus valores  
na cultura exibitória,  
por sua persuasória  
este mote eu lhe ofereço  
- Bandeira, eu também conheço  
um pouco de sua história.



## **Cada Ser tem seu Valor Precisa é ser Descoberto**

*Enquanto se engraxavam seus sapatos, o autor observava  
um sanfoneiro que tocava na calçada de uma bodega,  
na cidade de Iguatu. Um público pequeno o rodeava  
isto foi suficiente para a criação desse mote, que se  
desenvolve em sete sílabas.*

O pequeno sanfoneiro  
com arte desafinada  
que de calçada em calçada  
vive a ganhar seu dinheiro,  
não é Alcimar Monteiro  
nem Gonzagão, nem Roberto,  
porém deixou boquiaberto  
o povo do interior  
- Cada ser tem seu valor  
precisa é ser descoberto.

O sertanejo frustrado  
vítima da sociedade,  
somente vai à cidade  
quando se vê obrigado,  
falando pouco e errado  
porque vive no deserto,  
mas se houvesse escola perto  
talvez que fosse um doutor  
- Cada ser tem seu valor  
precisa é ser descoberto.

A prostituta de bar  
tem na consciência um farne,  
negocia a própria carne  
a fim de se alimentar,  
o bom conceito de um lar  
foi pela sorte encoberto,  
talvez que até desse certo  
se tivesse havido amor  
- Cada ser tem seu valor  
precisa é ser descoberto.

O bom vaqueiro voraz  
no mato faz reboiço,  
desenvolvendo um serviço  
que acadêmico não faz;  
coveiro é útil demais  
quando um túmulo está aberto,  
rico não se torna esperto  
para fazer o favor  
- Cada ser tem seu valor  
precisa é ser descoberto.

## **Com Tudo Isso Eu Ainda Não Quero Voltar pra Ela**

O poeta, em face de sua sensibilidade, canta o que vê, o que sente e o que os outros pedem. Na última situação, precisa ele se colocar no lugar de quem faz o pedido e trazer para os seus sentimentos a dor de quem padece, com a conotação de que somente a poesia é capaz de fazer. Talvez seja esta a mais sublime qualidade de um menestrel. O mote em referência foi escrito por solicitação de um amigo do autor, cujo nome não há necessidade de revelar.

Ela possui boa altura,  
olhos pretos, cor morena,  
boca bem-feita e pequena,  
bom estilo de cintura;  
quem a vê sorrindo jura  
não ter outra assim tão bela,  
e dizem que essa donzela  
é calma, atraente e linda  
- Com tudo isso eu ainda  
não quero voltar pra ela.

Recebi recentemente  
diversas fotografias,  
faz mais ou menos dez dias  
que ganhei dela um presente;  
ontem, recebi urgente  
uma carta sem seqüela,  
vinha assim escrito nela:  
“nosso amor nunca se finda”  
- Com tudo isso eu ainda  
não quero voltar pra ela.

Ela é filha de doutor,  
fala mais de um idioma,  
ontem recebeu diploma  
de um curso superior;  
ninguém calcula o valor  
dos apartamentos dela,  
a sua *nave* amarela  
tanto é nova como linda  
- Com tudo isso eu ainda  
não quero voltar pra ela.

Seu belíssimo apogeu  
tem ar condicionado,  
um helicóptero encostado  
que seu pai lhe ofereceu,  
e no domingo quando eu  
desço em sua passarela,  
ela fica na janela  
aguardando a minha vinda  
- Com tudo isso eu ainda  
não quero voltar pra ela.

Não passeia de motoca,  
deixou de ir a seresta,  
nunca mais freqüentou festa  
nem dá valor a fofoca;  
e quando eu passo ela toca  
numa guitarra singela,  
numa sinfonia bela  
com várias canções me brinda  
- Com tudo isso eu ainda  
não quero voltar pra ela.

Em várias localidades  
o seu pai possui fazendas,  
ninguém imagina as rendas  
de suas propriedades,  
tem cinema em dez cidades,  
clubes em Venezuela,  
a declaração revela  
cem casas dentro de Olinda  
- Com tudo isso eu ainda  
não quero voltar pra ela.



## **É Assim que Eu me Saio sem Causar Decepção**

*Era julho de 1996, na agência do Banco do Nordeste de Juazeiro do Norte, quando os colegas bancários se reuniam para homenagear os aniversariantes do mês. No início da reunião, fizeram menção à presença do autor e anunciaram aos convidados que ele declamaria um poema. Sem ter nada preparado para aquele momento, o autor se reservou em uma mesa ao lado e rabiscou os versos abaixo (mote em sete sílabas) que foram apresentados no encerramento da sessão sob os mais acalorados aplausos, talvez porque finalizou enfocando os nomes dos colegas que se faziam presentes.*

Eu fui pegue de surpresa  
a pedido de um amigo,  
meu Deus o que é que eu digo  
pra fazer minha defesa,  
ficar calado é tristeza,  
besteira não tem perdão;  
Deus me dê inspiração  
pra ver se me descontraio  
- E assim rimando me saio  
sem causar decepção.

Em vez de falar da guerra  
prefiro pensar na paz,  
porque é a paz que traz  
felicidade pra terra,  
quando um homem humilde erra  
se vale da oração,  
em busca do seu perdão  
reza as novenas de maio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

Se falar de economia  
preciso lembrar a crise,  
é bom que se economize  
pra ter o pão todo dia,  
quem vive de euforia  
pode sofrer precisão,  
nas malhas da inflação  
você caem, eu também caio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

Se falar sobre o progresso  
lembro sua consequência  
e o avanço da ciência  
inibindo o seu sucesso,  
o povo perde o acesso  
ao emprego e profissão,  
a máquina ganha expansão  
e o homem perde seu raio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

Se falar de informática  
lembro a tecnologia  
que mostra a economia  
antes da crise asiática,  
os números da matemática  
apurando a inflação,  
o que implica o Japão  
no governo paraguaio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.



Falando da passarada  
lembro o gola, o bem-te-vi,  
o campina, o juriti  
e a codorniz que é rajada,  
a rolinha aperreada  
fugindo do gavião,  
a viana e o canção  
imitando o papagaio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

Falando sobre jurista  
no penal, tem Sousa Gama,  
Hugo Machado tem fama  
na área tributarista,  
no Direito Trabalhista  
Carrion tem posição,  
sobre a Constituição  
Ives Gandra e Ney Sampaio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

Lembrando a literatura:  
Euclides fez *Os Sertões*,  
*Os Lusíadas* de Camões  
orgulham nossa cultura,  
Azevedo é arte pura  
que brotou do Maranhão,  
foi o *Casa de Pensão*  
romance de seu ensaio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

Se falar de folclorista  
vou lembrar de João Bandeira,  
Elói Teles, Biu Pereira,  
Mainá, Cascudo e Batista,  
Patativa está na lista  
dos primeiros do sertão,  
integram a mesma missão  
Romão Filgueira Sampaio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

Falando de violeiro  
lembro Oliveira e Diniz,  
Ivanildo e Zé Luiz,  
Geraldo e Sílvio Grangeiro,  
e o Pinto do Monteiro  
que já partiu num caixão  
quem entende a profissão  
quando lembra dá desmaio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

E se falar de bancário  
preciso lembrar vocês,  
Nivaldo, Ambrósio e Inês,  
Dina, Ione e Perbuário;  
quem mais reclamam salário  
são Marcos, Carmem e João,  
e aliás, todos são  
frutos do mesmo balaio  
- É assim que eu me saio  
sem causar decepção.

## **Eu Voltei Hoje aqui pra Recordar meu Passado Vivido Nesta Escola**

*Este mote decassílabo foi produzido por ocasião do encontro dos ex-alunos, na Escola Agrotécnica Federal do Crato, no dia 23 de julho de 1990. Com muita intimidade com a arte da versificação, o poeta lembrou os professores do seu tempo e, num gesto de brincadeira, abordou as tradicionais ocorrências do regime de internato.*

Vim aqui hoje dia vinte e três  
pra rever os colegas e os meus mestres  
que puderam me dar em seis semestres  
profissão pra servir ao camponês;  
sei que hoje não é a última vez  
que se encontra toda essa corriola,  
num prazer tão vibrante e sem bitola  
cada um sua história quer contar  
- Eu voltei hoje aqui pra recordar  
meu passado vivido nesta escola.

Edivan lecionava agricultura,  
Zé do Vale foi mestre em Português,  
e Química foi a matéria de Astrez,  
Bonato ensinava Física pura,  
Agamenon integrava a estrutura,  
Alberto orientava jogar bola,  
Jorge Ney dirigia a corriola,  
P.A.O - eram Zélia e João Elmar  
- Eu voltei hoje aqui pra recordar  
meu passado vivido nesta escola.

Eu recordo bastante o alvoroço  
pra passar no portão fora de hora,  
a fila da qual nunca fiquei fora  
disputando a bandeja do almoço,  
uma enxada Tupy do cabo grosso  
que deixou minhas mãos igual a sola,  
e o peso de uma antiga padiola  
que às vezes fugi pra não pegar  
- Eu voltei hoje aqui pra recordar  
meu passado vivido nesta escola.

Eu recordo o estudo obrigatório  
quando ainda Gustavo era vigia  
que chamar toda a turma, à noite, ia  
pra que fosse estudar no refeitório;  
pelas grades do velho dormitório  
parecíamos pardais numa gaiola,  
lembro a sopa ligado igual à cola  
que aos sábados servia de jantar  
- Eu voltei hoje aqui pra recordar  
meu passado vivido nesta escola.

Quando eu ia à cidade passear  
esperava carona para ir,  
sem ter casa na rua pra dormir,  
sem dinheiro no bolso pra voltar,  
no “pé-dois” era o jeito me arriscar  
e minha arma era um pau de castanhola,  
preparava a conversa na cachola  
pra Pereira deixar a gente entrar  
- Eu voltei hoje aqui pra recordar  
meu passado vivido nesta escola.

Lembro um dia quando eu me desloquei  
pra na fila pegar a minha sopa,  
um colega quebrou meu guarda-roupa  
pra comer a merenda que guardei;  
outro dia, na horta, eu encontrei  
escondidas banana e graviola,  
quando eu vi, conheci pela sacola  
quem andou malinando no pomar  
- Eu votei hoje aqui pra recordar  
meu passado vivido nesta escola.

Há dez anos deixei este lugar  
pra na prática medir o meu estudo,  
com coragem, esforço e conteúdo,  
encontrei um lugar pra trabalhar;  
os valores que pude conquistar  
resultaram da luta que inda rola,  
esta escola, sem dúvida, foi a mola,  
a verdade ninguém pode negar  
- Eu voltei hoje aqui pra recordar  
meu passado vivido nesta escola.



## **E se Eu Tivesse Morrido Ninguém Chorava por Mim!**

*O autor sonhou perdido nas matas, enfrentando as mais difíceis situações, porém superando todas elas. No sonho, percebeu que não havia preocupação por parte de ninguém e por isto, ao acordar-se, escreveu este mote em sete sílabas, o que ocorreu em setembro de 1980. Aliás, situação como esta somente em sonho poderia acontecer.*

Já me vi pelo sertão  
sem saber onde eu estava,  
comendo, quando encontrava  
frutas tombadas no chão;  
só escutava o trovão  
e o assobio do soim,  
num campo de gergelim  
estive a noite perdido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim.

Sofri de uma fera ingrata  
perseguição numa gruta,  
tive que enfrentar a luta  
com meu punhal cor de prata;  
depois de uma hora exata  
eu consegui lhe dar fim,  
e cansado, fiz: Atchim!!!  
aí voltou meu sentido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!

Ceguei a um riacho cheio,  
sem fazer das águas caso,  
pensando que fosse raso  
tentei passar pelo meio;  
a onda me fez de esteio  
a um tronco de beijamim,  
pelos seus galhos enfim  
fui bastante protegido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!

Cansado de andar a pé  
e ao penetrar num roçado,  
peguei um burro peiado,  
fiz dele um transporte, até;  
era um burro *canindé*,  
velhaco, brabo e ruim,  
deu pulo até que no fim  
deixou-me ao solo estendido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!

Senti na minha chinela  
espinhos de arapiraca,  
uma cobra jararaca  
pegou na minha canela;  
eu que sou curado dela  
nada tive de ruim,  
um besouro de cupim  
penetrou no meu ouvido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!



Lá encontrei muito gado  
que pastava na campina,  
um touro da ponta fina  
voltou-se para o meu lado;  
era um novilho malhado  
pintado de surubim;  
eu me deitei no capim  
e ele se deu por vencido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!

Segui nova direção  
e cheguei a uma bodega,  
um cão quase que me pega  
quando abri um cancelão;  
um pistoleiro e ladrão  
atirou pra me dar fim,  
com coragem, sem motim,  
defendi-me do bandido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!

De tanta angústia e maltrato,  
às doze horas do dia,  
sofri tremenda agonia  
e dormi dentro do mato;  
fui visto por um beato  
que voltava de um jardim,  
deu-me dois chás de alecrim  
sem doce, com comprimido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!

Ceguei numa moradia  
e cumprimentei os presentes,  
perguntei por meus parentes  
e assim alguém respondia:  
Vi alguns com alegria  
ontem à noite em um festim,  
contou tintim por tintim  
do que tinha acontecido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!

Vizinho fez diversão  
que até ficou na memória,  
meus tios contavam estória  
do tempo de Lampião;  
até mesmo o meu irmão  
não guardou seu bandolim,  
só mamãe dizia assim:  
Perdi meu filho querido  
- E se eu tivesse morrido  
ninguém chorava por mim!

## **É Triste Colher o Fruto do Ódio e da Violência**

*Versos em sete sílabas, os mais usados na literatura popular brasileira. Aqui, eles se apresentam construindo o mote em destaque produzido em maio de 1990, cujo teor descreve as mais freqüentes e variadas formas de violência.*

De intrigas e de questão  
a história é sempre triste,  
no trânsito é só onde existe  
a maior aberração;  
caixão atrás de caixão  
é saldo da imprudência,  
depois vem a conseqüência  
em forma de choro e luto  
- É triste colher o fruto  
do ódio e da violência.

Quando uma nesga de terra  
é motivo de uma intriga,  
surge a semente da briga  
nos solos férteis da guerra;  
às vezes, quem menos erra  
é vítima da inclemência,  
respaldo da incidência  
da garrucha do matuto  
- É triste colher o fruto  
do ódio e da violência.

Diz certo dispositivo  
que quem pratica homicídio  
cumpra fora do presídio

seu processo inquisitivo,  
é verdadeiro incentivo  
que o leva à reincidência;  
sem lei, sem jurisprudência,  
tem-se o crime por produto  
- É triste colher o fruto  
do ódio e da violência.

Das famosas capitais  
em cada esquina, um assalto,  
pistola é quem fala alto,  
seqüestro ocorre demais;  
às vezes, policiais  
praticando diligência,  
usando da prepotência  
agem com aspecto bruto  
- É triste colher o fruto  
do ódio e da violência.

Tantas nações guerreando,  
quem quiser provar escute  
bomba estourando em Beirute,  
Iraque e Irã brigando;  
é sangue se derramando  
por disputa e concorrência  
retrato da indecência  
de um povo mesquinho e bruto  
- É triste colher o fruto  
do ódio e da violência.

A violência não está  
só na mira da pistola,  
também nos bancos da escola  
na hora do beabá,

quando a criança não dá  
a lição, por inocência,  
o mestre sem paciência  
bate no seu cocuruto  
- É triste colher o fruto  
do ódio e da violência.



## **Estas São Muitas Coisinhas Que Todo Paulista Traz**

*Mote escrito em março de 1976, quando era de costume o paulista ao retornar à sua terra natal trazer objetos que chamavam à atenção. Aqui, para o personagem deste trabalho, paulista não era somente quem voltava de São Paulo, mas todo cidadão jovem que viesse de qualquer outra localidade, pois, independentemente de onde viesse ele, os costumes eram os mesmos, isto é, traziam sempre as mesmas coisas e conservavam os mesmos hábitos.*

Um rádio, uma radiola,  
muito disco nordestino,  
seis calças boca de sino  
e uma capanga de sola,  
isqueiro tipo pistola,  
dez camisas desiguais  
dessas com desenho atrás  
e, na frente, azul de listrinhas  
- Estas são muitas coisinhas  
que todo paulista traz.

Sapatos salto-amazona,  
um conjunto de xadrez,  
um perfume japonês  
e um blusão grosso de lona;  
um cinto da fivelona  
com rebites de metais,  
um presente pra seus pais,  
para os manos e as maninhas  
- Estas são muitas coisinhas  
que todo paulista traz.

Um chinelão transviado,  
pulseirinha de corrente,  
relógio marca Oriente  
de mostrador numerado,  
um par de meias bordado,  
isqueiro movido a gás,  
óculos escuros demais  
e gírias abusadinhas  
- Estas são muitas coisinhas  
que todo paulista traz.

Um corta-unha, um chaveiro,  
uma camisa de meia,  
uma carteirinha feia  
e uma caneta-tinteiro,  
um restinho de dinheiro  
que não dá pra voltar mais,  
um palavreado audaz  
pra conquistar as mocinhas  
- Estas são muitas coisinhas  
que todo paulista traz.

Fotografias que tira  
do local onde trabalha,  
um trancelim com medalha  
e um anel cor de safira;  
papo cheio de mentira  
da região de Goiás;  
com sua chegada faz  
tertúlia e outras festinhas  
- Estas são muitas coisinhas  
que todo paulista traz.



Gravador novo com selo,  
duas malas de vaqueta,  
uma capa quase preta  
toda forrada de pêlo;  
para tratar do cabelo  
diversos materiais,  
*shampoo* tem até demais,  
sabonetes, três caixinhas  
- Estas são muitas coisinhas  
que todo paulista traz.

Uma gravata de trança  
com um broche da cor de ouro,  
porta-cigarros de couro  
ele traz como lembrança,  
mais um jogo de aliança  
comprovado que é rapaz,  
cumprindo um trato que faz  
noiva uma das vizinhas  
- Estas são muitas coisinhas  
que todo paulista traz.



## **Estou com Muita Esperança na Volta do Algodão**

*Este trabalho é um mote em sete sílabas, vencedor no concurso literário promovido pela Rádio Boa Esperança da cidade do Barro, Estado do Ceará, em agosto de 2003. O autor recebeu como prêmio o belíssimo troféu **Desperta Cariri**, uma homenagem aos dezessete anos do programa sertanejo de produção e apresentação do renomado radialista Vicente Alexandre. O mote foi disponibilizado pelo apresentador do programa, que recebeu inúmeros envelopes para análise e classificação.*

Em certo tempo passado  
no lençol eu dava nó,  
catava algodão mocó  
almoçando no roçado,  
dali voltava agachado  
no peso da condução,  
jogava o lençol no chão  
que estremecia a balança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

Quando esse tempo voltar  
o sertão vai ter fartura,  
emprego na agricultura  
e casa para morar,  
o reideiro vai pagar  
tudo o que deve ao patrão,  
na mesa vai sobrar pão,  
no campo vai ter festança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

Lá no sítio onde eu morava  
todo mundo tinha planos,  
rapaz com vinte e dois anos  
decidia e se casava,  
no mês de julho comprava  
cadeira, mesa e fogão,  
cama, coberta e colchão  
e um bom jogo de aliança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

Sei que a tecnologia  
vai acabar com o bicudo,  
a FUNCEME em seu estudo  
vai prever com primazia,  
BNB financia  
os custos da produção,  
e no final é o sertão  
que vai viver na bonança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

O médio vai enricar  
e o pequeno também cresce,  
o comércio se aquece  
e a indústria vai voltar,  
o Barro vai aumentar  
a sua arrecadação,  
roceiro faz transação  
sem precisar de fiança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

Cresce a demanda dos bens  
da lavra do agricultor,  
o pequeno produtor  
vai receber parabéns;  
quero ver os armazéns  
cercados de caminhão,  
do humilde cidadão  
resgatada a confiança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

Existe terra abundante  
e mão-de-obra favorável,  
no céu, um DEUS formidável  
que manda chuva bastante;  
só se aguarda o grande instante  
dos líderes da região  
cumprirem sua missão  
em vez de tanta lambança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

Algodão sempre é usado  
no tecido do uniforme,  
na rede que você dorme  
e no arração do gado,  
no produto refinado  
de sua alimentação,  
por isso tenho razão  
de dizer com segurança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

As cooperativas crescem  
cumprindo bem seus negócios,  
valorizando seus sócios  
da forma que eles merecem,  
se hoje os pobres padecem,  
amanhã, não sofrerão;  
seus custeios pagarão  
sem ninguém fazer cobrança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

Com algodão novamente  
melhora todo setor,  
até mesmo o eleitor  
fica mais independente,  
o cidadão consciente  
pode impor sua intenção,  
jovem volta ao seu torrão  
que deixou quando criança  
- Estou com muita esperança  
na volta do algodão.

## **Eu Quase Botava o Pé no Diabo de uma Arataca**

*O autor, antes de ser advogado, foi técnico agrícola e como tal prestou seus serviços ao Banco do Nordeste. Em uma de suas missões, isto em outubro de 1985, ele fiscalizava o imóvel rural de propriedade de um cidadão de bem, chamado Vicente, no município de Mauriti, Estado do Ceará, quando pelas veredas que o levavam a uma área desmatada, confrontou-se com uma armadilha que, por pouco, não foi por ela vitimado. Diante do ocorrido, ali mesmo, emocionado, ele narrou este mote, que é mais um exemplo patente de versos em sete sílabas.*

Foi na fazenda Balanço,  
na terra de seu Vicente,  
eu atrás, ele na frente,  
num riacho estreito e manso,  
eu subi por um avanço  
quando avistei a bruaca  
amarrada numa estaca,  
Deus me ajudou, eu dei fé  
- Eu quase botava o pé  
no diabo de uma arataca.

Numa fiscalização  
em vinte e oito de outubro,  
a verdade eu não encubro  
não tinha almoçado, não;  
o sol da cor de latão  
barbado igual uma jaca,  
esterco seco de vaca  
cobria aquele mundé

- Eu quase botava o pé  
no diabo de uma arataca.

Foi um dia de canseira,  
na areia eu me atolei,  
pra chegar lá eu passei  
seis cancelas de madeira;  
era um segunda-feira  
e eu estava de ressaca,  
do carro amassei a placa  
num tronco de catolé

- Eu quase botava o pé  
no diabo de uma arataca.

Passava do meio-dia,  
faltava nuvem no céu,  
eu esqueci meu chapéu  
e o sol quente que tremia,  
eu procurava e não via  
a sombra de uma barraca,  
num galho de arapiraca  
acertei um pontapé

- Eu quase botava o pé  
no diabo de uma arataca.

Não foi pra fazer o mal,  
pois seu Vicente é pacato,  
armou pra pegar um gato  
mas quase pega um fiscal,  
talvez saísse em jornal  
onde a manchete destaca,  
ou mesmo de forma opaca  
nas páginas da ISTO É

- Eu quase botava o pé  
no diabo de uma arataca.



## **Eu Queria Saber Mais da História de Jesus**

*Numa reunião natalina de colegas do Banco do Nordeste, na agência de Brejo Santo, em dezembro de 1986, onde cada um dos participantes manifestava seu espírito religioso. Chegando a vez do autor, à época, técnico agrícola (TA), ele assim se manifestou desenvolvendo este mote de sete sílabas.*

Maria de Nazaré,  
filha de Ana e Joaquim,  
numa jornada sem fim  
com seu esposo José,  
em Deus consagrando fé  
alta noite deu à luz  
em cama de areiús  
na presença de animais  
-Eu queria saber mais  
da história de Jesus.

Numa gruta de cipós  
onde nasceu o menino,  
os Anjos cantaram hino,  
pastores ouviram a voz,  
as nuvens foram os lençóis,  
a lua serviu de luz,  
ovelha, galo e perus  
deram os primeiros sinais  
-Eu queria saber mais  
da história de Jesus.

Trinta e três anos viveu,  
andou peregrinamente,

dando saúde a doente,  
causando inveja a judeu,  
pra salvar o povo seu  
ao sofrimento fez jus,  
morreu pregado na cruz  
defendendo amor e paz  
-Eu queria saber mais  
da história de Jesus.

Infelizmente o T.A  
não sabe religião,  
só entende de algodão  
e de mourão de sabiá,  
do borrego quando está  
no bico dos urubus,  
do milho que dá cuscus  
que a mulher do campo faz  
-Eu queria saber mais  
da história de Jesus.

## Cantoria sem Gilberto

### Gilberto está Certamente Aplaudindo Serrador\*

*Gilberto foi um apologista amigo do autor, que faleceu em acidente automobilístico perto da cidade do Barro, onde morava. Este mote foi escrito logo após a tragédia e disponibilizado para a família do saudoso homenageado, cujo nome completo era Gilberto Leite de Aquino.*

Não vou lembrar de Gilberto  
comerciante ou político,  
mas como um ouvinte e crítico  
imparcial e liberto,  
que sempre estava por perto  
das festas de cantador  
vibrando e dando valor  
à cultura e ao repente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

A tragédia que se deu  
não vale a pena narrar  
pois isto não vai sanar  
a falta de quem morreu,  
pois se o folclore perdeu  
um grande admirador,  
não tem sentido se opor  
àquilo que Deus consente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

---

\*Serrador foi um grande cantador do passado.

Para Inácio e Aderaldo,  
Daniel e Josué,  
ele conta como é  
o programa de Geraldo;  
que Paulo, Horácio e Genaldo  
formam um trio de valor  
que está defendendo a cor  
das cantorias da gente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

Escutando canhotinho,  
Xudu, Bandeira e Faustino,  
Odilon e Severino,  
Milanês, Pinto e Marinho,  
quando Expedito Sobrinho  
no papel de locutor  
avisa a *Deus Criador*:  
há um ouvinte exigente!  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

Apologista fiel  
e registrador dos fatos,  
tinha respeito aos Nonatos,  
Ivanildo e Ismael;  
da Cultura de Cordel  
foi grande pesquisador,  
profundo conhecedor  
dos monstros de antigamente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

Sempre gostou de escutar  
as rádios da Paraíba,  
as façanhas de Furiba  
gostava de comentar;  
dos festivais do lugar  
foi um patrocinador,  
criticava cantador  
quando embuchava o repente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador

Tudo sobre violeiro  
têm seus arquivos de rimas,  
histórias de Louro e Dimas,  
disco de Sílvio Grangeiro;  
dos festivais de Monteiro  
tem fitas de gravador,  
folheto de toda autor,  
livro de toda serpente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

O público da poesia  
vive reclamando a falta  
de uma voz vibrante e alta  
que louvava e aplaudia  
as festas de cantoria  
nas Cuncas, no Batedor,  
Cajazeiras, Antenor  
e Aurora freqüentemente,  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

Como um bom apologista  
não gostava de poemas,  
preferia escutar temas  
na linha socialista,  
via Otacílio Batista  
como um grande trovador,  
quando ouvia Beija-Flor  
recordava Zé Vicente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

Carnaval não freqüentava,  
futebol não pretendia,  
mas a festa de poesia  
dificilmente faltava;  
mote bonito ele dava  
sobre ciência e amor,  
pediu baião gemedor,  
trocadilho e rojão quente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

Não trocava uma peleja  
por regue, bolero ou roque  
porque gostava do toque  
da viola sertaneja,  
no momento da bandeja  
foi bom colaborador,  
organizava o setor  
para se sentar na frente  
- Gilberto está certamente  
aguardando Serrador.

Na Calçada de Dezinho  
se ainda houver cantoria  
vai faltar a companhia  
de quem defendia o pinho;  
Zé Vital irá sozinho  
sob o silêncio da dor,  
se Antônio Machado for  
a mesma tristeza sente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

Como serão doravante  
as cantorias seguintes!  
o que dirão aos ouvintes  
Marcelo e seu João Vilante,  
Juveniano perante  
dividirá o clamor,  
as marcas do dissabor  
o povo guarda na mente  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.

Jesus, lá no céu, por certo,  
num festival que fazia  
com certeza pretendia  
mostrar valor encoberto,  
mandou convidar Gilberto  
para ser coordenador,  
como é lei do *Redentor*:  
*Dona Helânia*, se contente!!!  
- Gilberto está certamente  
aplaudindo Serrador.





## Isto é Sertão ou Não É?

*Com estes versos, o autor mais uma vez lembra o sertão.*

*Com rimas ora cruzadas, ora emparelhadas, numa só terminação como se fosse um mote. É uma interrogação, respondendo as afirmativas ditas nos versos anteriores.*

Meu verso é bom e se liga  
no voar do passarinho,  
na passada da formiga  
que segue devagarinho,  
na brisa tranqüila e mansa,  
no vento que sopra e dança  
igualmente um vulto em pé,  
na chuva que molha a terra,  
na neve que cobre a serra  
- Isto é sertão ou não é?

Uma casinha malfeita  
de palha, barro e madeira  
que o dono pra ver se ajeita  
faz um quintal na traseira;  
na frente falta uma porta,  
uma janelinha torta  
da qual só quem fez dá fé;  
no terreiro, um porco fuça  
e um cabrito escaramuça  
- Isto é sertão ou não é?

Um galo velho a cantar  
como quem conhece a hora,  
um cachorro procurar  
onde uma raposa mora,  
pássaro que faz seu rancho

de folha seca e garrancho  
entre os galhos de inharé,  
o pulo falso do gato  
tentando pegar um rato  
- Isto é sertão ou não é?

Uma cabra no chiqueiro  
separada do cabrito,  
uma roupa de vaqueiro  
pendurada no cambito,  
uma velhinha caduca  
que guarda numa cumbuca  
rapadura do café,  
uma briga de vizinho  
numa beira de caminho  
- Isto é sertão ou não é?

Milho entocado em paiol,  
feijão guardado em garrafa,  
peixe pescado de anzol,  
de landuá ou tarrafa,  
um velhinho aposentado  
que para comprar fiado  
chama carnê de carnê  
e diz para o bodegueiro  
quando recebe dinheiro  
- Isto é sertão ou não é?

Folha que cai por completo  
e o vento soprando, junta;  
um caboclo analfabeto  
que tudo o que vê pergunta,  
o sertanejo inda moço  
que faz um cigarro grosso

chamando papel - papé,  
um carro puxado a boi  
que só vem por onde foi  
- Isto é sertão ou não é?

Água que desce no rio  
brilhosa igualmente a prata,  
vento que sopra macio  
acariciando a mata;  
a lua, no céu, bem alta;  
a chuva que nunca falta  
no dia de São José;  
certos vestígios da onça  
que pisa calada e sonsa  
- Isto é sertão ou não é?

Um pássaro que está preso  
numa gaiola pequena,  
o clarão de um fogo aceso  
numa noite de novena,  
um homem soltando fogo  
para vê-lo subir logo  
quebra a flecha bem no pé;  
toca fogo, o mesmo sai  
sem saber aonde cai  
- Isto é sertão ou não é?

A vizinha que descobre  
que as outras têm um xodó,  
certo sanfoneiro pobre  
ressacado de um forró,  
o clarão da lua cheia,  
o velho que se aperreia  
quando lhe falta o rapé,

o rangido da cancela  
quando alguém passa por ela  
- Isto é sertão ou não é?

Um bangalô todo pronto  
com portas pra todo lado,  
às cinco horas em ponto  
um rádio fica ligado,  
através do qual se escuta  
a rima bela e matuta  
do poeta de Assaré.  
Quem do sertão for amigo  
diga do jeito que eu digo:  
- ISTO É SERTÃO OU NÃO É?

## Minha Casinha é Aquela no Pé de Serra Esquisito

*Este mote, escrito em 1993, é exemplo forte de metrificação na poesia popular. No decorrer dos versos, o autor descreve a vida simples do roceiro, demonstrando seus costumes e o espírito de solidariedade que povoa a família sertaneja.*

Você que passa na estrada  
doente, com fome e sede,  
não tem lençol nem tem rede,  
procure minha morada;  
lá ninguém ouve zoadas  
nem discussão nem atrito,  
perseguição e conflito  
passam bem distante dela  
- Minha casinha é aquela  
no pé de serra esquisito.

Lá não tem televisão,  
a luz elétrica é a lua,  
só anda gente da rua  
no tempo de eleição,  
lá se faz renovação  
com reza, graça e bendito,  
homem não pensa em delito,  
mulher não fala em novela  
- Minha casinha é aquela  
no pé de serra esquisito.

O teto é feito de palha,  
só tem telha no capote,  
a geladeira é um pote,  
o gás butano, a fornalha;

uma cerca é a muralha,  
o cadeado, um cambito;  
a campainha é um grito;  
o portão, uma cancela,  
- Minha casinha é aquela  
no pé de serra esquisito.

Quando quiser um “socorro”  
vá por um caminho estreito  
e siga o lado direito  
logo que passar o morro;  
se encontrar um cachorro  
não tem que ficar aflito,  
só basta dar um apito  
que vou tirando a tramela  
- Minha casinha é aquela  
no pé de serra esquisito.

Que seja fora de hora  
ou sol quente como brasa,  
você dizendo *ô de casa*,  
eu lhe respondo *ô de fora*,  
querendo você demora  
no lugar onde eu habito,  
não tem piso de granito,  
mas tem feijão na panela  
- Minha casinha é aquela  
no pé de serra esquisito.

A água se traz do rio  
em ancoretas e cabaças,  
são mais de trezentas braças  
entre a casa e o baixio;  
no mês de junho faz frio

que a neve cobre o infinito,  
parecendo um manuscrito  
que Deus escreveu na tela  
- Minha casinha é aquela  
no pé de serra esquisito.

Lá a gente pode ter  
o azul do horizonte,  
devido o topo do monte  
o sol demora a nascer,  
da calçada dá pra ver  
sapo engolindo mosquito,  
cabra chamando o cabrito  
para estar na sombra dela  
- Minha casinha é aquela  
no pé de serra esquisito

No oitão tem um quintal  
que até protege a cozinha,  
dois chiqueiros de galinha  
bem pertinho do curral;  
para amarrar animal,  
um pé de árvore bonito;  
no frechal tem um cambito  
para enganchar sua sela  
- Minha casinha é aquela  
no pé de serra esquisito.





## **Aqui Está um Pouquinho do Poeta de Vocês**

*Com este trabalho, o autor busca mostrar como acontece uma cantoria no sertão. Começa em sextilhas, demonstrando as expectativas de festas da espécie, e termina por pedir aos contadores um mote em sete sílabas, fazendo uma referência ao comportamento da platéia. O conteúdo do mote é um retrato fiel da estrutura psicológica de um poeta popular.*

Eu sempre gostei das farras  
lá da minha freguesia,  
em torno de cinco léguas  
a toda festança eu ia,  
porém dava mais valor  
às festas de cantoria.

Sabendo que um certo dia  
na casa de Damião  
uma dupla de poetas  
de renome no sertão  
complementava a festinha  
de sua Renovação.

Pus a sela no alazão,  
vesti meu terno de linho,  
lá da ponta da calçada  
gritei chamando o vizinho,  
pois era noite de escuro,  
não quis viajar sozinho.

Foi depressa que o vizinho  
riscou sua montaria,

saímos quase às seis horas  
quando já morria o dia,  
ansiosos pra chegarmos  
na casa da cantoria.

Apesar da hora fria  
eu já estava cansado,  
chegamos às nove e meia,  
o povo tinha rezado  
e a festa de cantoria  
já havia começado.

Damião muito apressado  
nos recebeu no terreiro,  
amarrou nossos cavalos  
numa estaca de pereiro  
e nos chamou para ouvir  
toadas de violeiro.

A bandeja com dinheiro,  
muito aplauso no salão,  
uns pediam gemedeira,  
outros, poema e canção,  
não faltava quem pedisse  
agalopado e mourão.

Depois cantaram quadrão  
e um martelo malcriado;  
um dos poetas parou  
e com o seu pinho emborcado  
pediu que a platéia desse  
um mote metrificado.

Eu fiquei emocionado  
com o gesto que ele fez,  
depressa arranjei palavras  
sem pensar mais de uma vez,  
ajeitei meu colarinho:  
AQUI ESTÁ UM POUQUINHO  
DO POETA DE VOCÊS.

Percebi que o povo fez  
um gesto bom para mim,  
dizendo o mote tem métrica  
e a rima não é ruim,  
e a dupla de cantador  
começou fazendo assim:

Simples como o sertanejo  
que mora em cima da serra  
e vive explorando a terra  
sem façanha e sem gracejo,  
e que admira o manejo  
de uma estrofe feita em seis  
que faz lembrar Milanês,  
Daniel e Canhotinho  
- Aqui está um pouquinho  
do poeta de vocês.

Que marca sua presença  
em festa de cantoria,  
que conhece e prestigia  
tradição, costume e crença,  
que faz verso, escreve e pensa,  
em tudo que Jesus fez,  
que visita todo mês  
a cova do “Meu Padrinho”

- Aqui está um pouquinho  
do poeta de vocês.

Que se senta a uma mesa  
e em estilo nobre e breve  
sem pensar, ligeiro escreve  
seus poemas de tristeza,  
agradece à natureza  
o presente que lhe fez,  
dela se tornou freguês  
e dono do seu carinho  
- Aqui está um pouquinho  
do poeta de vocês.

Que aos domingos se apronta  
com terno de linho grosso,  
põe um terço no pescoço  
pra rezar de ponta a ponta,  
em noite de lua conta  
estória de camponês,  
depois bota o piscinês  
para enxergar de pertinho  
- Aqui está um pouquinho  
do poeta de vocês.

Vive da luta roceira  
e acredita na fartura,  
nunca tirou da cintura  
sua faca jardineira;  
e quando é dia de feira  
gasta o que ganhou no mês,  
e das compras que ele fez  
ficou devendo um restinho  
- Aqui está um pouquinho  
do poeta de vocês.

Conhece toda madeira:  
cedro, angico e mororó,  
umburana e pau-mocó,  
carnaúba e aroeira;  
para encabar roçadeira  
frei-jorge vale por três,  
maniçoba mata rês,  
bom para batente é pinho  
- Aqui está um pouquinho  
do poeta de vocês.

Aprecia a passarada:  
campina, sofreu e gola,  
o canário na gaiola  
é preso sem fazer nada;  
numa solidão danada  
vivem os urubus-reis,  
a codorniz é pedrês  
e se faz morta no ninho  
- Aqui está um pouquinho  
do poeta de vocês.



## **Não Canto, mas Prestígio Quem Vive da Profissão**

*Nos versos a seguir o autor demonstra a admiração que tem pela arte de improvisar, escolhendo para tanto um mote em sete sílabas, no qual ilustra a vontade que tinha de se decidir pela cantoria.*

Acho que a sorte não quis  
que eu cumprisse o meu destino  
de duplar com Severino,  
Louro Branco e Zé Luís,  
Sílvio, Oliveira e Diniz  
e Lourinaldo, seu irmão,  
com Moacir e Sebastião,  
poetas de fama e brio  
- Não canto, mas prestígio  
quem vive da profissão.

No tempo da infância minha  
que tanto prazer me trouxe,  
de uma lata de doce  
eu fiz uma violinha,  
e nos bancos da escolinha  
fiz a primeira canção,  
e ao lado do meu irmão  
já brincava desafio  
- Não canto, mas prestígio  
quem vive da profissão.

Ninguém de casa queria,  
por isso eu nunca cantei  
mas mesmo assim eu marquei

a primeira cantoria,  
o papai quis nesse dia  
destruir meu violão,  
para evitar confusão  
pedi apoio a meu tio  
- Não canto, mas prestígio  
quem vive da profissão.

Se na vida eu sou bancário  
bacharelado em Direito,  
não me sinto satisfeito  
por não me faltar salário,  
talvez, fosse necessário  
eu mudar de profissão  
e usasse essa vocação  
pra cantar tudo o que crio  
- Não canto, mas prestígio  
quem vive da profissão.

Quando eu estou dirigindo  
só escuto cantoria,  
e o fantasma da poesia  
meu pensamento invadindo;  
faço cada verso lindo  
de tamanha dimensão,  
o vento faz o refrão  
das canções que eu assobio  
- Não canto, mas prestígio  
quem vive da profissão.



## Um Dia de Feira

A feira popular é um evento comum nas cidades do interior. Assim sendo, não poderia ficar de fora da visão do poeta. Por isto é que aqui se apresenta em sextilhas, com versos de sete sílabas, presos aos rigores da *deixa*.

Se você nunca assistiu  
a feira em nosso sertão,  
vista a roupa, apanhe um ônibus,  
pegue a mochila na mão,  
bote uns trocados no bolso  
e desfrute dessa opção.

Venha ver banca de pão,  
queijo branco como seixo,  
animais soltos na rua,  
carroça rangendo o eixo,  
matuto dando mordida  
na testa do quebra-queixo.

Rural dá defeito em eixo  
e o povo termina a pé,  
um rapaz guarda a peixeira  
numa banca de café,  
um eleitor perguntando:  
a Prefeitura aonde é!?

Esmola pra São José  
pede um velho aposentado,  
uma morena caminha  
reclamando do calçado,  
convida a colega e sai  
procurando o namorado.

Num tamborete sentado  
há um falso professor  
a quem as moças perguntam  
sobre viagem e amor,  
e uma vitrola tocando  
um disco de cantor.

Diz um certo vendedor:  
não posso vender fiado,  
o freguês baixa a cabeça  
sai triste e desconfiado,  
procurando quem lhe pague  
um serviço adiantado.

Um morador revoltado  
pergunta pelo patrão,  
a mulher diz ao marido:  
compre café e sabão,  
e um cabra aposta um real  
no jogo do cinturão.

Numa casca de mamão  
uma mulher se escorrega,  
um bêbado convida outro  
para beber na bodega,  
dá topada no batente  
que seu sapato desprega.

Um homem sai da bodega  
vendendo um couro de bode,  
um chapeado se abaixa  
pega um saco e diz que pode,  
um velho prova a farinha  
que chega mela o bigode.

Bola de chiclete explode  
na boca de uma criança,  
um meninote do sítio  
come pão que cresce a pança,  
e um rapaz troca o relógio  
em um jogo de aliança.

Um velho conta lambança  
do tempo em que foi vaqueiro,  
um cabra desconhecido  
encomprida o converseiro  
com três redes no pescoço  
mandando botar dinheiro.

Despede-se um cachaceiro  
no momento de ir embora,  
chega na calçada e volta,  
bota um pé dentro, outro fora,  
dizendo que se esqueceu  
dos alforjes e da espora.

Uma velha se acocora  
pra comprar uma panela,  
emborca e bate de banda  
e escuta o tinido dela,  
paga tirando um dinheiro  
enrolado na flanela.

Numa burrinha amarela  
vai mais um feirante embora,  
pára ao chegar no correio  
e pergunta a uma senhora  
se tem carta para alguém  
lá do sítio onde ele mora.

Um bêbado que vai embora  
perde a feira no caminho,  
fica caído na estrada  
e o burro chega sozinho,  
e a mulher manda encontrá-lo  
no outro dia bem cedinho.

Venha sentir o carinho  
de uma feira popular,  
onde tudo o que acontece  
não é possível narrar,  
somente presenciando  
você pode acreditar.

## **Não Precisa Explicar os seus Fracassos, Mande, Agora, a Aliança que Lhe Dei**

*Novamente o autor se manifesta a pedido de alguém e verseja este mote. Desta vez em decassílabo, um dos mais sofisticados que compõem esta obra literária. O tema central é o sentimento inflamado respondendo às ações conflituosas, trazendo para a arte o tom do desabafo, o que é comum no verso popular.*

Fui buscá-la na classe da pobreza,  
dei-lhe grande destaque social  
pra depois padecer um grande mal  
oriundo de um gesto de fraqueza,  
pois não são seus recursos de beleza  
que me fazem burlar a minha lei,  
outro amor de valor já encontrei  
que merece o calor de meus abraços  
- Não precisa explicar os seus fracassos  
mande, agora, a aliança que lhe dei.

Não precisa negar que me traiu  
nem dizer que foi péssima a excursão,  
que durante a viagem de avião  
não flertou pra ninguém e nem sorriu,  
nem contar com quem foi que assistiu  
ao Programa de Sílvio e Show do Rei,  
o retrato que um dia lhe entreguei  
se rasgou, por favor, queime os pedaços  
- Não precisa explicar os seus fracassos  
mande, agora, a aliança que lhe dei.

E não precisa dizer que foi à praia  
pra somente rever a velha Olinda,  
e que no ônibus durante a sua vinda  
evitou um boêmio em sua laia,  
que vestiu seu biquíni e minissaia  
não me venha negar, porque já sei,  
a promessa de amor que lhe falei  
com seu jeito infiel virou bagaços  
- Não precisa explicar seus fracassos  
mande, agora, a aliança que lhe dei.

Não precisa dizer que é só amigo  
esse jovem com quem você passeia,  
alegando que após às dez e meia  
na cidade em que mora tem perigo;  
a blusinha que mostra o seu umbigo  
não precisa dizer: Eu já rasguei,  
uma jovem leal já arranjei  
que completa o vigor dos meus espaços  
- Não precisa explicar os seus fracassos  
mande, agora, a aliança que lhe dei.

Não pretenda fazer de mim otário  
em dizer que na festa não dançou,  
não bebeu, não brincou, não namorou  
e o que fez não merece comentário;  
no retrato que pôs em meu armário  
minhas armas de fogo eu detonei,  
seus presentes que eu tinha arrebentei  
por vinganças a seus atos tão escassos  
- Não precisa explicar os seus fracassos  
mande, agora, a aliança que lhe dei.

## **Oh! Mamãe, seu Carinho é Tão Sublime que o Poeta Escrever Nunca Consegue**

*Uma homenagem às mães, prestada em forma de versos. É um decassílabo sofisticado, com rimas raras e termos harmoniosos, sem repetição de palavras. Sua beleza está exatamente em fazer, achando que não está fazendo, com arremate na chave do mote, que é a expressão poética estreitada nas linhas sétima e oitava. A iniciativa de escrever este trabalho se deu a pedido de uma escola do Cariri por ocasião das comemorações alusivas ao dia das mães.*

Considero o poeta um ser dileto  
que transformo o que pensa nos poemas,  
mas carinho materno é um dos temas  
que o autor ao narrar deixa incompleto,  
a poesia não mede aquele afeto  
nem que ao mar da cultura ele se apegue,  
dá início, desiste e não prossegue  
que este amor com palavras não se exprime  
- Oh! mamãe, seu carinho é tão sublime  
que o poeta escrever nunca consegue!

Sendo a mãe bem velhinha age tão forte  
como as forças que tem a juventude;  
sendo jovem, também, tem a virtude  
de pensar para o filho a melhor sorte,  
rica ou pobre qualquer que seja o porte  
é constante ao dever que lhe é entregue,  
a doutrina de vida que ela segue  
tem um pouco de DEUS no seu regime  
- Oh! mamãe, seu carinho é tão sublime  
que o poeta escrever nunca consegue!

Quando rude, melhor que quaisquer sábios,  
interpreta os mistérios da bonança;  
quando sábia, tem jeito de criança  
com sorriso emergindo nos seus lábios,  
são seus gestos isentos de ressábios,  
nada contra eu conheço quem lhe alegue;  
quando brava, intimida quem persegue;  
quando fraca, com choro, evita o crime  
- Oh! mamãe, seu carinho é tão sublime  
que o poeta escrever nunca consegue.

Mãe é símbolo de amor e de coragem,  
de bravura, de força e de vitória,  
não se esgota o dizer de sua história,  
por ser fonte maior de aprendizagem;  
quem quiser lhe render uma homenagem  
que de logo se inspire e se encarregue,  
e que a musa divina não se negue  
e do pequeno poeta se aproxime  
- Oh! mamãe, seu carinho é tão sublime  
que o poeta escrever nunca consegue.

A poesia é um dom inesgotável,  
quanto mais se explora, é que ela vem,  
mas falar sobre mãe nunca se tem  
a mensagem perfeita e formidável,  
muitas vezes se torna inexplicável  
e é preciso que o amor à arte agregue,  
ou à índole do verso se delegue  
como forma de agir no mesmo time  
- Oh! mamãe, seu carinho é tão sublime  
que o poeta escrever nunca consegue.



Quem não lembra a história de Maria,  
que é mãe de Jesus, filho de Deus,  
pra livrá-lo das garras dos judeus,  
enfrentou aventura e travessia,  
intempérie, sol quente, noite fria,  
foi seu único transporte um lerdão jegue,  
este exemplo é justo que se pregue  
para que o seu dom se legitime  
- Oh! mamãe, seu carinho é tão sublime  
que o poeta escrever nunca consegue.

Sejam elas mães pobres do roçado,  
ou mães ricas que moram em capitais,  
no amor todas elas são iguais  
porque têm coração iluminado,  
sempre encontram conselho abençoado  
para que o seu filho se sossegue,  
caso ele se forme e não se empregue  
ela diz: pense em Deus, não desanime  
- Oh! mamãe, seu carinho é tão sublime  
que o poeta escrever nunca consegue.

Uma mãe não quer ver filho sofrer  
tudo faz para vê-lo em harmonia,  
ofertar-lhe grandeza e alegria  
para ela é a forma do prazer,  
se seu filho um delito cometer  
ou então em mau vício se escorregue  
não pretende que o filho se entregue  
nem tampouco que a justiça o intime  
- Oh! mamãe, seu carinho é tão sublime  
que o poeta escrever nunca consegue.



## Respeite Minha Humildade que eu Zelo sua Arrogância

*Mote produzido pelo autor deste livro após ligeira discussão profissional com um colega advogado. Naquele momento, foi preciso alterar a voz para mostrar que a humildade é a mais sublime qualidade do ser humano e por isto precisa ser preservada. A partir da segunda estrofe, observa-se que em cada parêntese de verso está uma resposta fortalecida e com requinte de adversidade, como se pretendesse demonstrar que tolerância tem limite. Apesar disto, a beleza da arte encobre a discórdia e faz surgir o bem-estar para o leitor. É mais um trabalho em sete sílabas com a égide da técnica recomendável.*

Não me podendo atender  
não vá ficar irritado,  
diga-me um **não** educado  
que eu sei bem compreender,  
não pense em se abastecer  
de ódio e ignorância,  
que sua preponderância  
vai cair pela metade  
- Respeite minha humildade  
que eu zelo sua arrogância.

Se arreentar o meu pinho  
dilapido o seu piano,  
se desbotar o meu pano  
ateio fogo em seu linho,  
se estreitar meu caminho  
encurto sua distância,  
se criticar minha infância  
tombo sua mocidade

- Respeite minha humildade  
que eu zelo sua arrogância.

Se destruir meu legume  
queimo a sua produção,  
se atacar-me a tradição  
minimizo o seu costume,  
se derramar meu perfume  
acabo sua fragrância,  
se roubar minha importância  
furto sua quantidade  
- Respeite minha humildade  
que eu zelo sua arrogância.

Se criticar meu gracejo  
eu enfeio a sua história,  
se negar a minha glória  
atropelo o seu ensejo,  
se inibir meu desejo  
eu impeço a sua ânsia,  
se me fizer sindicância  
de você conto a verdade  
- Respeite minha humildade  
que eu zelo sua arrogância,

Se soltar o meu graúna  
eu liberto o seu canário,  
se destruir meu armário  
empeno sua coluna,  
se tolher minha fortuna  
reduzo sua abundância,  
se tirar-me a vigilância  
privo sua liberdade  
- Respeite minha humildade  
que eu zelo sua arrogância.

Se secar o meu açude  
desmancho sua barragem,  
se impedir-me a coragem  
perturbo sua saúde,  
se minguar minha virtude  
persigo sua ganância,  
se manchar minha elegância  
eu lhe estrago a vaidade  
- Respeite minha vaidade  
que eu zelo sua arrogância.



## Duvido é Você Achar uma Nota de Cinquenta

*Mote escrito quando o autor presenciava um final de feira na cidade do Barro, sua terra natal. Um gari dizia baixinho para o outro: tanto papel e não se acha uma notinha de dinheiro. Foi o bastante para inspirar o mote, que se estendeu pela imaginação dos mais diferentes meios e possíveis acontecimentos.*

Quando é no final da feira  
o varredor junta o lixo:  
alpargata sem rabicho,  
borracha de baladeira,  
pedaço de pão-carteira,  
grade velha lamacenta,  
tampa de caixa cinzenta  
tudo se pode encontrar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinquenta.

Papel de embrulho amassado  
caixa de botão vazia,  
semente de melancia,  
cordão velho esfarrapado,  
taco de arame envergado,  
embalagem gordurenta,  
vaso de guardar pimenta  
que ninguém pode tocar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinquenta.

Embalagem de palito,  
um solado de sapato,  
restolho de carbonato,  
um papel de pirulito,  
um pescoço de apito,  
uma sardinha rancenta,  
uma meia fedorenta  
que até faz nojo pegar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

Uma ponta de cigarro,  
um pedaço de sabão,  
um elástico de calção,  
tampa amassada de jarro,  
um balde sujo de barro,  
uma lata barulhenta,  
e um bêbado onde se senta  
só deixa raiva e azar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

Cabresto de japonesa,  
dobradiça enferrujada,  
panela suja quebrada,  
um pano velho de mesa;  
e para causar surpresa  
um cabo de ferramenta,  
um menino ainda inventa  
de soltar nota e puxar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.



Ainda durante a feira,  
acha-se um chapéu de palha,  
uma fita, uma medalha,  
um pedaço de ponteira,  
um bocal de lapiseira  
na lixeira se apresenta,  
uma lona poeirenta  
precisa a gente evitar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

Se for depois de um forró:  
não falta copo quebrado,  
caco de vidro amolado,  
resto de fumo boró,  
na calçada é cuspe só,  
que quase ninguém agüenta,  
uma velha ciumenta  
caçando com quem brigar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

No recreio de uma escola:  
uma caneta se acha,  
pode-se encontrar borracha  
e uma banda de sacola,  
um tubo seco de cola,  
uma farda fubazenta,  
uma prova fraudulenta  
que alguém levou pra pescar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

Se for durante uma missa:  
pode achar terço ou rosário,  
uma foto do vigário  
e um jornal sobre injustiça,  
taco de vela roliça,  
um copo de água benta,  
ou mesmo uma vestimenta  
que o padre deixou no altar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

No dia de uma eleição:  
no chão não falta retrato,  
bilhete de candidato  
rolando de mão em mão,  
de quando em quando, prisão,  
não falta gente detenta,  
uma réplica violenta  
não falta quem queira dar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

E quando um bingo termina:  
no chão, sobrando cautelas,  
o povo tropeça nelas,  
que chega arranha a botina,  
só se vê em cada esquina  
um transporte em marcha lenta,  
um caminha, outro se senta,  
não falta grito no ar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

Quando termina um leilão:  
nas bancas ficam fiapos,  
retalhos de guardanapos,  
ossos perdidos no chão,  
pedaços de papelão,  
um litro seco de menta,  
a mesa grande e nojenta  
melando quem se encostar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinquenta.

Descendo numa avenida:  
pode até achar um pente,  
um pedaço de corrente,  
uma passagem vencida,  
um tubo de inseticida,  
uma tampa rabugenta  
ou algo que ornamenta  
mas não compensa apanhar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinquenta.

Numa noite de São João:  
no reflexo da fogueira,  
você pode achar roqueira  
e tabocas de foguetão,  
esqueleto de balão  
que em pé não se sustenta,  
chuvinha velha areenta  
que não presta pra soltar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinquenta.

Se for na pista também:  
quando chofer se agacha,  
se de cinqüenta não acha  
imagine uma de cem;  
se for na estação de trem  
onde o povão mais freqüenta,  
pode ter cartaz do penta  
para a vidraça enfeitar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

Se for no aeroporto:  
na subida da escada,  
não falta gente educada,  
luxo, higiene e conforto;  
talvez um besouro morto  
que cai quando a luz esquenta,  
enquanto morre atormenta  
quem chega ali pra voar,  
- Duvido é você achar  
Uma noite de cinqüenta.

E durante um carnaval:  
no chão não faltam latinhas,  
bandeirolas, figurinhas,  
litro de colonial,  
briga com policial  
algum folião enfrenta,  
quando a confusão aumenta  
vai preso pra se acalmar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinqüenta.

Se for numa reunião  
em prol da comunidade,  
vem um líder da cidade,  
vão roceiros do sertão,  
falando mal do patrão  
um morador se lamenta  
e diz que não se aposenta  
porque não pode gastar  
- Duvido é você achar  
uma nota de cinquenta.



## **Ser Fraternal é Trazer no Coração a Bondade por Deus Recomendada**

*Mote decassílabo inspirado na campanha da fraternidade  
desenvolvida pela igreja no ano de 2006, cujo tema  
foi o deficiente físico. É mais um martelo preso às normas  
da rima e da metrificação.*

Meditar e viver em harmonia,  
estar sempre em defesa do irmão,  
emprestar seu apoio em oração  
aos que penam sem ver a luz do dia,  
amoldar-se aos conselhos de Maria,  
ler na Bíblia a palavra abençoada,  
ao sentir uma mão pobre estirada  
ofertar-lhe remédio, roupa e pão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Dar apoio às idéias da igreja  
e bom exemplo às pessoas da comuna,  
transformar sua fé numa coluna  
em que o mísero se arrime e se proteja,  
onde quer que um deficiente esteja  
dê a ele atenção regozijada,  
ao enfermo que dorme na calçada  
se puder dê lençol, cama e colchão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Superar tentações materiais,  
respeitar o que diz seu semelhante,  
evitar, da pobreza, estar distante,  
enxergar que as pessoas são iguais,

ofertar para quem precisar mais,  
decidir sem paixão inominada;  
de uma pobre criança abandonada,  
se a lei permitir, faça adoção  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Se for um governante reconheça  
o que deve fazer pelos doentes,  
por aqueles que são deficientes  
com o fim de que a vida prevaleça;  
que o Poder de Chefia amadureça  
a missão que lhe foi determinada,  
aplicar uma verba destinada  
não é dom, nem favor, nem compaixão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

A igreja num gesto cristalino  
faz o povo pensar mais consciente  
e se envolver na história de quem sente  
um martírio oriundo do destino,  
sob à luz da palavra do Divino  
vamos dar nossa ajuda acalorada  
para aquele que vive a escalada  
de uma sina maldita sem razão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

As pessoas que têm deficiência  
não alcançam os direitos sociais,  
promover seus talentos pessoais  
é dever do Estado e da Ciência,  
talvez falte o rigor da consciência



de quem deve enfrentar essa jornada,  
se o governo fez pouco ou quase nada  
deve agora rever essa questão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Esgotar os extremos das ações  
que a Igreja católica recomenda,  
evitar preconceito e reprimenda  
dando asa aos motivos de inclusões,  
estreitar as possíveis relações  
entre a própria família vitimada,  
porque esta atitude idolatrada  
põe um fim no que gera a exclusão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Qualquer uma pessoa que é feliz  
poderá vir a ser deficiente,  
precisar de muleta, chapa e lente,  
de cadeira, bengala e raio-X,  
sabidamente a Igreja agora quis  
em campanha oportuna e planejada,  
deflagrando de forma organizada  
grande apoio a quem sofre esta opressão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Que os Direitos Humanos façam mais  
por quem é dependente da cadeira,  
que é vítima dos males da cegueira  
mas enxerga o lençol branco da paz,  
reconhece o favor que alguém lhe faz  
e retribui em palavra adocicada,

contra certa visão desembaçada  
que não vê as virtudes do perdão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada

O que falta é justiça social  
para aqueles que são deficientes,  
já passaram diversos presidentes  
e o problema perdura crucial,  
sem apoio no campo cultural,  
no trabalho e na escola organizada;  
inexiste igualdade aveludada  
no turismo, saúde e diversão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada

Devem todos cumprir o bom papel  
encarando de frente o seu dever,  
perguntar para alguém lhe responder  
sem ficar na patente de revel,  
demonstrar na campanha ser fiel  
reservando a Jesus a fé sagrada;  
ao mais simples, noção civilizada,  
e ao mais fraco prestar-lhe proteção  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada

Hoje existem no rol dos imperfeitos  
vinte e sete milhões de brasileiros,  
que apesar de não terem companheiros  
pelo dom da Igreja são aceitos,  
seus caminhos de pedras tão estreitos  
podem ser convertidos numa estrada  
se for esta campanha cultuada

com amor, compromisso e devoção  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada

A campanha que ora se introduz  
vem do lema que envolve moço e velho,  
que São Marcos versou no Evangelho  
de um milagre da lavra de Jesus,  
vendo um homem portando lepra e pus  
numa sala pequena abandonada,  
fez curar sua mão atrofiada  
envolvendo-o no rol da multidão  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada

Pela arte de ver-julgar-agir  
a campanha baseia a problemática,  
dissecando a história e a temática  
dos que ainda procuram resistir,  
certamente denúncia vai surgir  
na palavra de Deus alicerçada,  
vai-se ver atitude criticada  
transmitindo do Mestre uma lição  
- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Essa gente de um mundo sem clareira  
que não teve a beleza a seu alcance  
pede ao povo que hoje lhe dê chance  
de provar da dinâmica brasileira,  
ver a terra, enfronhar-se na bandeira  
e escutar a cantiga patriada,  
cuja letra é de Duque de Estrada,  
e Manuel deu-lhe o ritmo de canção

- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Nos diversos locais do continente  
é preciso mudar de consciência,  
pois a guerra somada à violência  
todo dia produz deficiente,  
porém mais da metade dessa gente  
vive em área sofrida e desgarrada  
que por ter estrutura inadequada  
das pessoas não muda a condição.

- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Para que investir na vaidade  
com o fim de buscar boa aparência,  
afastando de alguém a convivência  
por motivo de cor, raça ou idade,  
procurando botar por trás da grade  
quem não tem uma vida afortunada,  
se a terra sisuda e escaldada  
nos espera na mesma posição

- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

Para que tanto grito e tanta voz  
com aqueles que são subordinados,  
do sistema traídos, maltratados,  
porém seres humanos como nós,  
a história de bravos e de heróis,  
não será por Jesus apreciada  
com certeza será considerada  
a bondade que fez como cristão

- Ser fraterno é trazer no coração  
a bondade por DEUS recomendada.

## O Milho é a Salvação da Família Brasileira

*Matéria impressa em folheto de cordel que foi lançado no município de Nova Olinda - Estado do Ceará, em maio de 2003, por ocasião da Festa do Milho, na presença de autoridades e com apoio da Academia dos Cordelistas do Crato. É, portanto, uma matéria educativa, recheada de gracejo e riquíssima de rima e métrica. O mote foi escolhido pela comissão organizadora do evento.*

### **Do cultivo**

Do MILHO eu quero exaltar  
a lavoura em abundância  
e a sua grande importância  
no processo alimentar,  
é fácil de cultivar:  
seu plantio é em fileira,  
se lavrado em capoeira  
a limpa se faz de mão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Porém é muito exigente:  
prefere terreno humoso  
em solo argilo-arenoso  
também produz fartamente,  
e na escolha da semente  
não é bom fazer asneira,  
uma espécie verdadeira  
resiste mais ao verão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Em semelhança ao arroz,  
é da família Gramínea  
e plantado em curvilínea  
um pé só produz por dois,  
noventa dias depois  
já pode vender na feira  
em espiga assada inteira  
ou cozida em caldeirão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

É necessário que eu diga  
sem façanha e sem excesso  
como acontece o processo  
que forma os grãos de uma espiga,  
tem a boneca uma liga  
no topo da cabeleira  
para atrair a poeira  
decorrente do pendão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Um pé de milho envergado  
pela rama do feijão  
até parece um cristão  
numa igreja ajoelhado;  
plantio consorciado  
preenche toda clareira,  
alternância de carreira  
já se tornou tradição  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Feijão só não tem valor,  
mas misturado com pão  
torna-se alimentação  
nutritiva e de sabor,  
o feijão velho se for  
cozinhado a tarde inteira  
mexido na cuscuzeira  
dá pra fazer capitão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Se a palha tem nutrição  
para o rebanho bovino,  
o sabugo grosso ou fino  
também tem sua função;  
o colmo gera invenção  
que serve de brincadeira,  
com isso a prole campeira  
desenvolve o artesanato  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

O milho deixa restolho  
para nutrir animal  
que ministrado com sal  
afasta mosca e piolho,  
se for botado de molho  
é bom pra vaca leiteira,  
passado na forrageira  
supera qualquer ração  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

### **Subprodutos**

O milho dá mucunzá,  
que seja doce ou salgado,  
óleo e bolo temperado,  
xerém, pipoca, aluá,  
sorvete, mingau, fubá,  
pamonha que chega cheira!  
dá canjica de primeira  
que é rica alimentação  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Pão se come com buchada,  
com rapadura, com leite,  
com garapa, com azeite,  
com queijo, com carne assada,  
com café, com panelada,  
com galinha capoeira,  
com mel, com chá de cidreira,  
com coalhada e requeijão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Parecido com beijus,  
é produto farto e nobre,  
na mesa de rico ou pobre  
ganha o nome de cuscuz;  
podem-se fazer angus  
de diferente maneira:  
desde que tenha a peneira,  
o moinho ou o pilão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.



Angu – para preparar:  
só basta o milho moer  
e para a massa reter  
na bacia peneirar,  
em água quente botar;  
aí deve a cozinheira:  
mexer com pá de madeira,  
pondo sal com a outra mão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

O pequeno agricultor  
que se alimenta de milho  
todo ano faz um filho,  
toda noite tem amor;  
diferente de doutor  
que só quer *mesa* estrangeira,  
perde a noite com besteira  
no pé da televisão  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

### **Da festa**

Por isso é que Nova Olinda  
desde o ano de noventa  
no sítio Angico sustenta  
essa tradição bem-vinda,  
promove uma festa linda  
na zona caririeira,  
mostrando a arte roceira  
como a melhor solução  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Do milho valorizar  
os aspectos nutritivos,  
um dos tais objetivos  
desta festa popular,  
além disso, resgatar  
a culinária caseira,  
de forma que a hoteleira  
sofra contraposição  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

Mostrar criatividade  
da rainha sertaneja  
que com moinho e bandeja  
faz alimento à vontade,  
promover fraternidade  
numa época de cansaço,  
dar à arte pioneira  
maior valorização  
- O milho é a salvação  
da família brasileira.

## **Nunca Faça do Fórum uma Bodega pra Vender por Dinheiro a Lealdade**

*Foi com este nobre decassílabo que o poeta, em nome da turma, concluiu seu discurso na Aula da Saudade. Era dia 28 de julho de 1990, quando se formava em Direito. Entre o gracejo e a poesia, o autor fez alusão ao papel do advogado na sociedade, enfatizou os princípios da vida forense e lembrou, em versos, o nome de todos os colegas.*

Não entenda a derrota como susto  
valorize o que fez nos dez semestres,  
quem recorda os conselhos de seus mestres  
aprendeu ser herói, ser bom, ser justo;  
cada qual que se sinta mais robusto  
defendendo o prazer da liberdade,  
pra tirar quem está detrás da grade  
não deturpe o trabalho do colega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

Você pode estudar um civilista  
como Clóvis, Washington, Levenhagem,  
ter na mente a ciência e a coragem  
de Hungria, famoso penalista;  
aprender os brocardos de Batista,  
com Damásio ter grande afinidade,  
mas se não possuir fidelidade  
seu sucesso nos males se escorrega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

De que serve vestir a beca preta,  
paletó alinhado e calçar “sândalo”,  
pra no Fórum chegar, causar escândalo  
e ganhar pseudônimo de “Cruzeta”;  
não se apóie no papel e na caneta  
pra fazer o perfil da falsidade,  
pois Direito requer dignidade,  
de fazê-lo a justiça se encarrega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

De que serve falar com elegância  
imitando juristas do passado,  
conhecer o papel do magistrado  
quando passa de entrância para entrância,  
entender os degraus de cada instância,  
ter visão do princípio da igualdade,  
pra depois praticar barbaridade  
sucumbindo a missão a que se apegava  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

Não prometa vitória a seu cliente  
se o direito que assiste é duvidoso,  
isto pode torná-lo furioso  
e lhe causar um terror futuramente,  
não ingresse nos autos tão-somente  
pelos custos de sua atividade,  
não derreta o verniz da imunidade,  
pois dinheiro mal ganho o cão carrega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

Zele bem pelo dom de seus direitos,  
tenha em mente o valor da profissão,  
que lhe impõe desafios e a missão  
de lutar contra o mal dos preconceitos,  
observe da ética os seus preceitos  
e peça em troca o rigor da igualdade,  
se preciso exibir a identidade  
faça isto que o ego se sossega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

Não oferte presente a julgador  
nem se envolva em esquema da pesada,  
produzindo amizade censurada  
para ter decisão em seu favor,  
estes fatos da lei alteram a cor  
e a justiça enfraquecem na metade,  
e o causídico perante a sociedade  
se arrepende, se humilha e se entrega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

E se quer presidir a OAB  
na campanha não minta, nem prometa,  
não mantenha projeto na gaveta  
sem saber explicar o seu porquê,  
pois a regra jurídica não prevê  
a conduta em redor da má vontade,  
não invista o valor da anuidade  
em despesa que à Ordem nada agrega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

Há colega que forja diligência,  
que faz carga dos autos, não devolve,  
quando a parte reclama, ele resolve,  
engendrar boletim de ocorrência,  
diz que à Ordem enviou correspondência  
para impor sua falsa idoneidade,  
denegrindo a papel da entidade,  
sem sustância e vigor no que alega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

Esse mote eu dedico pra Vicente,  
pra Tadeu, pra Murilo e Terezinha,  
Vandecléia, Auricélia, Socorrinha,  
para Irene que é “nobre” e competente,  
pra Ronaldo José, grande escrevente  
e Alexandre que tem simplicidade,  
Raimundo Rebouças, autoridade,  
que no barco das leis também navega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

Também quero adotar esse critério  
para Neide, Deon, Zuza e Gondim,  
Raniere, Romão, Nádia Rolim,  
Rosângela, Assis Borges e Rogério;  
para Carlos Batista, um moço sério,  
e Fátima possui habilidade,  
saibam todos que quando há verdade  
a justiça demora, mais não nega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.

Para Cícero que é nosso orador  
e decora parágrafos e artigos,  
por ser ele um amigo entre os amigos  
eu prefiro chamá-lo de “Trator”,  
e Raimundo Luís que é defensor  
dos anões com quem tem grande amizade;  
Zé Francisco, não pense na vaidade  
pois ao luxo o Direito não delega  
- Nunca faça do Fórum uma bodega  
pra vender por dinheiro a lealdade.





## O Ceará Certamente mais um Poeta Ganhou

Por ocasião do primeiro aniversário de seu primeiro filho,  
Pedro Wendell, no dia 08 de abril de 1994, em sua residência  
na cidade de Juazeiro do Norte. É um mote em sete sílabas de  
difícil *achado* em face do tempo do verbo que o encerra.

Dia oito, quinta-feira  
de abril de noventa e três,  
entre às quinze e dezesseis  
de uma tarde alvissareira;  
nos braços de uma enfermeira  
o Pedro Wendell chorou,  
a família se alegrou  
e o mundo ficou contente  
- O Ceará certamente  
mais um poeta ganhou.

O mundo demonstrou ter  
uma esperança moderna,  
a sua vovó materna  
quando o assistiu nascer  
viu-se obrigada a dizer  
a alguém que duvidou,  
enganada eu não estou  
porque conheço a corrente  
- O Ceará certamente  
mais um poeta ganhou.

O pai conhece e pesquisa  
a cultura de cordel,  
apologista fiel,

rima, escreve e improvisa;  
a mãe não é poetisa  
mas com poeta casou,  
porque sempre apreciou  
o verso que sai da mente  
- O Ceará certamente  
mais um poeta ganhou.

Vou botar para estudar,  
dar bons livros, boa escola,  
mas se quiser a viola  
também não posso negar,  
pois se nasceu pra cantar  
é porque Deus consagrou  
e negar o que Deus doou  
é contra o ego da gente  
- O Ceará certamente  
mais um poeta ganhou.

No primeiro ano de idade  
Já revela inteligência,  
manifestando a tendência  
de ser um Drummond de Andrade;  
não fala, mas tem vontade  
de dizer o que pensou,  
parece que ele herdou  
o dom de fazer repente!  
- O Ceará certamente  
mais um poeta ganhou.

Wendell, o Brasil espera  
ser você independente  
e bastante diferente  
dos líderes de nossa era,

esses corações de fera  
que tanto o povo apoiou,  
procure ser como eu sou  
para manter a semente  
- O Ceará certamente  
mais um poeta ganhou.



## Pedro Bruno e Patativa Nasceram no Mesmo Dia

*No terceiro aniversário de seu segundo filho, Pedro Bruno, o autor o homenageou com este mote que é também uma saudação ao poeta Patativa do Assaré, por ambos terem nascido no mesmo dia e mês. Antes mesmo da festinha de Bruno, realizada em 05 de março de 1999, no Juazeiro do Norte, o autor se deslocou até a cidade do poeta maior e, na solenidade de seu aniversário, declamou o poema e entregou-lhe uma cópia. Patativa agradeceu, fez um breve comentário, sorriu e o guardou.*

Os méritos de cada um  
o tempo dirá depois,  
porque existe entre os dois  
alguma coisa em comum,  
porém não há em nenhum  
maldade nem ironia,  
a Deusa da poesia  
nesta data grita viva!!  
- Pedro Bruno e Patativa  
nasceram no mesmo dia.

No dia cinco do três,  
conferi pelos papéis,  
**UM** é da década de dez,  
**OUTRO** de noventa e seis;  
**UM** poeta e camponês  
pregando a democracia,  
**OUTRO** esperança irradia  
e promete a mesma assertiva  
- Pedro Bruno e Patativa  
nasceram no mesmo dia.

Claro que não são iguais,  
mas trazem coincidências  
por força das exigências  
das regras zodiacais,  
**UM** conhecido demais  
no mundo da cantoria,  
o **OUTRO** já prestigia  
esta arte criativa  
- Pedro Bruno e Patativa  
nasceram no mesmo dia.

**AMBOS** em Jesus têm fé,  
descendem de um povo ordeiro,  
**UM** filho de Juazeiro,  
o **OUTRO** do Assaré.  
**UM** que já famoso é,  
tem seis livros de poesia;  
o **OUTRO** a vida inicia  
e já mostra uma idéia ativa  
- Pedro Bruno e Patativa  
nasceram no mesmo dia.

São filhos do Ceará,  
**UM** de arte conhecida,  
escreveu “Triste Partida”,  
“Vaca Estrela” e “Boi Fubá”;  
“Cante Lá que Eu Canto Cá”,  
também de sua autoria;  
o **OUTRO** se nada cria  
é porque a infância priva  
- Pedro Bruno e Patativa  
nasceram no mesmo dia.

No tocante ao seu valor  
se enquadram na mesma lista,  
se **UM** é vate e artista,  
**OUTRO** é filho de escritor,  
que só não é cantador  
porque seguiu noutra via,  
mas se quisesse vivia  
da viola lenitiva  
- Pedro Bruno e Patativa  
nasceram no mesmo dia.

Ao povo pobre e campônio  
consagram sempre o seu voto,  
**UM** de São Pedro é devoto,  
o **OUTRO** é de Santo Antônio,  
Patativa é patrimônio  
que a natureza aprecia,  
Bruno de logo anuncia  
a sua iniciativa  
- Pedro Bruno e Patativa  
nasceram no mesmo dia.

**DOIS** corações de esperança  
por quem a bondade chama,  
**UM** por ter prestígio e fama  
é estudado na França,  
o **OUTRO** ainda criança  
com seu gesto contagia,  
como quem se credencia  
para a mesma alternativa  
- Pedro Bruno e Patativa  
nasceram no mesmo dia.





## **Antes do Novo Milênio Mais um Pedro Apareceu**

*Com esses versos o autor homenageou seu terceiro filho, Pedro Brenno. Era seu quarto aniversário, na cidade do Barro, oportunidade em que lembrou o seu nascimento, o batizado e as festinhas dos anos anteriores. Brenno já cobrava do pai os seus versos, alegando que Wendell e Bruno já tinham seus poemas. Ele nasceu em 12 de dezembro de 2000. Trata-se de mote em sete sílabas com rima raríssima no seu primeiro verso, portanto, difícil de ser manejado.*

De tudo ainda me lembro  
naquela tarde de anil,  
no fim do ano dois mil  
depois do mês de novembro,  
era doze de dezembro  
quando o menino nasceu,  
gritou um parente meu:  
esse aí vai ser um gênio  
- Antes do novo milênio  
mais um Pedro apareceu.

Nem tão branco, nem moreno,  
mais de três quilos, seu peso,  
nem raquítico, nem obeso,  
nem tão grande, nem pequeno,  
o nome de Pedro Brenno  
foi seu pai quem escolheu,  
a mãe depressa escreveu  
para incluir no convênio  
- Antes do novo milênio  
mais um Pedro apareceu.

Foi Pedro Wendell, o primeiro,  
que do casal veio ao mundo,  
Pedro Bruno, por segundo,  
cedeu lugar ao terceiro,  
ao ganhar o derradeiro  
nosso lar se enalteceu,  
como a flor que recebeu  
moléculas de oxigênio  
- Antes do novo milênio  
mais um Pedro apareceu.

Houve no seu batizado  
solenidade bonita,  
seus padrinhos, Moura e Rita,  
um casal civilizado;  
o povo foi convidado  
para o primeiro ano seu,  
outra festinha se deu  
quando alcançou um biênio  
- Antes do novo milênio  
mais um Pedro apareceu.

É um sagitariano  
do segundo decanato,  
se for um poeta nato  
darei apoio a seu plano,  
igual a Castro, o baiano,  
que muito bem escreveu  
e o Brasil não esqueceu  
os versos do supergênio  
- Antes do novo milênio  
mais um Pedro apareceu.

Com quatro anos de idade  
no Barro faz outra festa,  
sua presença modesta  
cativa muita amizade,  
quando sai deixa saudade  
para quem o conheceu,  
muitos votos recebeu  
na festa do quatriênio  
- Antes do novo milênio  
mais um Pedro apareceu.



## Hoje eu Vejo meu Cabelo da Cor que Papai Usava

*Mote em sete sílabas apresentado pelo autor na abertura de sua palestra no 2º Seminário do Verso Popular promovido pela Academia dos Cordelistas do Crato, no auditório do SESC daquela cidade, em novembro de 2004. Naquela ocasião, o autor falava sobre a evolução histórica da cantoria e, por coincidir aquela data com o Dia dos Pais, ele iniciou dizendo:*

Oh! Deus eu digo obrigado  
pelo tempo que vivi,  
as coisa que aprendi  
me deixam realizado,  
a saudade do passado  
quando criança eu brincava  
e no roçado trabalhava  
no carrapicho e no pelo  
- Hoje eu vejo o meu cabelo  
da cor que papai usava.

Marcas dos anos setenta  
conservo em minha lembrança,  
eu era ainda criança  
meu pai beirava os sessenta,  
hoje ultrapasso os quarenta  
e o reumatismo me trava,  
a barba da cor de fava  
e a trunfa parece gelo  
- Hoje eu vejo o meu cabelo  
da cor que papai usava.

Tudo o que papai fazia  
procuro fazer também,  
pois minha lembrança tem  
as frases que ele dizia,  
sua fisionomia  
quando da roça chegava,  
dos exemplos que pregava  
tentei guardar um modelo  
- Hoje eu vejo o meu cabelo  
da cor que papai usava.

Destemido e respeitado,  
disposto, firme e sereno,  
alto, franzino e moreno  
e o corpo um pouco envergado,  
quando me via “enraivado”  
este conselho me dava:  
honra com sangue não lava  
justiça requer apelo  
- Hoje eu vejo o meu cabelo  
da cor que papai usava.

Todo domingo ia à missa,  
no trabalho era freqüente;  
nos negócios, consciente,  
não soube o que foi preguiça,  
condenava a injustiça,  
o mais fraco ele apoiava,  
aquele herói que me amava  
ah! se eu pudesse revê-lo!  
- Hoje eu vejo o meu cabelo  
da cor que papai usava.

Foi pobre, mas fez história  
no mundo da consciência,  
durante sua existência  
lutou por minha vitória,  
hoje guardo na memória  
o que ele me ensinava,  
e muito me orientava  
para evitar desmantelo  
- Hoje eu vejo o meu cabelo  
da cor que papai usava.

O tempo leva a infância,  
o brinquedo, a inocência,  
consome a adolescência  
destruindo a elegância,  
momento que foi fragrância  
que antes me consolava  
tornou a vida uma escrava  
na mágica do atropelo  
- Hoje eu vejo o meu cabelo  
da cor que papai usava.

Gostava de cantoria  
só andava bem trajado,  
quando mandava um recado  
o bodegueiro atendia,  
negócio que ele fazia  
nem com reza desmanchava,  
papel que ele assinava  
não precisava de selo  
- Hoje vejo meu cabelo  
da cor que papai usava.

Naquele tempo passado  
“kacheet” era comprimido,  
o MODEBRA era um partido,  
bossa nova era um ditado,  
um bolero bem dançado  
todo mundo admirava,  
paulista quando chegava  
o povo queria vê-lo  
- Hoje vejo meu cabelo  
da cor que papai usava.

Foi-se o tempo de menino,  
veio a era de adulto  
para enfrentar o insulto  
das ilusões do ensino,  
a promessa do destino  
não foi a que eu esperava,  
no leito da sorte brava  
cada sonho, um pesadelo  
- Hoje vejo meu cabelo  
da cor que papai usava.

Lembro a tarde empardecida,  
na penumbra do oitão  
onde eu jogava o pião  
numa fruta adormecida,  
aquela calça comprida  
que no domingo eu usava,  
quando tirava, dobrava  
e guardava com muito zelo  
- Hoje vejo meu cabelo  
da cor que papai usava.



## A Cultura - em Decassílabo

Trabalho produzido por ocasião da instalação do Centro Cultural BNB Cariri, em Juazeiro do Norte. Não chegou a ser apresentado na solenidade de inauguração em face da exigüidade do tempo para manifestação dos oradores escalados. Trata-se de poema pautado em 12 estrofes de versos decassílabos, obedecendo a *deixa*. Diz-se decassílabo porque cada verso contém dez sílabas poéticas, e obedece a *deixa* porque o primeiro verso de cada estrofe começa rimando com a última palavra do derradeiro verso da estrofe anterior. A *deixa* foi criada pelo poeta paraibano, da Serra do Teixeira, Silvino Pirauá Lima.

A cultura é um lance da pujança  
que se soma de um povo para um povo,  
é essência que sai de um mundo novo  
integrando o vigor da esperança,  
tem a seiva do caule da bonança  
que a raiz principal do tempo apura,  
interage o astral da criatura  
quando a prática do dom é ostensiva  
não conheço nação que sobreviva  
se seu povo negar sua cultura.

A viola, o reisado, a escultura,  
o repente, o aboio, a vaquejada,  
carnaval, futebol e caipirada,  
embolada, cordel, xilogravura,  
tudo isto é o forte de quem jura  
e acredita no estro do destino,  
dança e música são sangue do ensino,  
agitado a vapor do instrumento,  
que se injeta nas veias do sustento  
da cultura do povo nordestino.

Como simples poeta, assim defino:  
A cultura é hábito, aptidões,  
que o homem através das gerações  
acumula em função do próprio tino,  
no decurso do tempo paulatino  
desse dom só o homem é portador,  
criador, detentor e transmissor,  
que entrelaça os demais nesse complexo,  
como forma de unir num só reflexo,  
as memórias voláteis de um valor.

O recém ao nascer é sucessor  
de uma gama pesada de influência,  
no dormir, no vestir, na convivência,  
vai unindo o costume, a seu rigor,  
quanto mais se integra, ganha cor  
do espaço da órbita ambiental,  
adquire o seu hábito social,  
com padrões que aspiram o dom da lógica,  
não é esta a herança biológica,  
porém, sim, uma dádiva cultural.

Mas o homem por ser racional  
se dispõe ampliar seu horizontes  
e adquire através de novas fontes  
mais costume e mais crença artesanal;  
sem perder a herança natural  
vai mudando o padrão cotidiano,  
convertendo seu sonho em novo plano  
e os que ganham também são doadores,  
é a troca completa de valores  
na mistura geral do ser humano.

No Brasil, nosso povo tem seu pano  
retalhado em mistura de três raças,  
pelo índio, autor da pesca e caças,  
pelo branco europeu-italiano,  
e a presença do negro africano  
nos primórdios da colonização  
que com luta braçal fez nosso chão  
expandir o setor canavieiro,  
os três juntos tornaram o brasileiro  
um produto da miscigenação.

A cultura possui forma e função  
que se adaptam aos grupos que se inovam,  
conservando elementos que aprovam  
para a vida a simbólica construção,  
ajustando o papel do cidadão  
aos valores centrais da existência,  
definindo por sua consciência  
que a ciência decorre da cultura,  
e o que for para o homem a gente jura  
ser pedaço vital dessa ciência.

Há quem queira expandir inteligência  
e no seu ponto de vista separar  
a cultura erudita e popular,  
porém isto não gera consistência,  
ambas, juntas, imperam resistência  
e se consomem no palco de emoção,  
o que há é a pluralização  
entre o verso, o discurso e o forró  
afinal, a cultura é uma só  
e não permite fazer separação.

É o bumba-meu-boi no Maranhão,  
o calango no Rio de Janeiro,  
capoeira está mais no chão mineiro,  
cururu no São Paulo é tradição,  
frevo é dança de rua e de salão  
e o maracatu é pernambucano,  
o maxixe é o tango alagoano,  
São Gonçalo tem vez no Ceará,  
cada dança é cultura quando está  
melhorando o astral do ser humano.

O provérbio e ditado luterano  
servem até de conselho para o povo,  
frase feita traduz um mundo novo,  
adivinho deseja ser profano;  
o folclore discreto e puritano  
tange as lendas que chegam ao Ceará,  
Curupira, Caipora, Boitatá,  
Pererê, Pastoreio e Bruxa Viva  
certamente inspiraram Patativa  
quando fez Vaca Estrela e Boi Fubá.

É por isto que hoje aqui se está  
dando espaço aos artistas do país,  
não precisa de vários Cariris  
nem pensar em ter mais de um Ceará,  
para que a sanfona e o ganzá  
voltem a ter sua antiga intimidade,  
e a rabeça chorosa deixe a grade  
para vir se casar com o violão,  
e o antigo profeta do sertão  
renovar seu cartão de identidade.

Vamos ter sem rigor de vaidade  
difusão da cultura universal,  
formação de platéia regional  
sem perder da ciência a qualidade,  
livro e arte em beleza e quantidade  
que atendem ao querer do brasileiro,  
cinco andares na terra do romeiro,  
um espaço saudável e atraente,  
todo dia uma agenda diferente  
para o público que ama Juazeiro.

Nas saudades de Jackson do Pandeiro,  
nos estilos deixados por Gonzaga,  
a guitarra importada não apaga  
o aboio estridente do vaqueiro;  
no cantar do poeta violeiro  
a poesia mantém sua bandeira;  
na toada dos bilros da rendeira,  
nos verbetes poéticos de Gilberto,  
o Nordeste tem tudo pra dar certo  
na missão da cultura brasileira.



## Vamos Lembrar um Pouquinho o Cantador que Morreu

*Em homenagem ao saudoso Chico Inácio, por ocasião do Festival de Viola do Barro, realizado em 21 de novembro de 2001, no clube social daquela cidade. Francisco Inácio Barbosa, ou Chico Inácio, como era mais conhecido, foi um cantador do município do Barro, cidade natal do autor. Repentista simples e de pouca leitura, mas de enorme talento para improvisar. Na data do festival, fazia pouco tempo de seu falecimento e a platéia nem a família do cantador esperava a homenagem, que foi por demais bem aceita e emocionante. Neste festival, o autor presidia a mesa julgadora e os cantadores desenvolveram material por ele produzido (sextilhas, motes e gêneros diversos).*

Do folclore não se some  
seu belo estilo de glosa,  
Francisco Inácio Barbosa  
foi seu verdadeiro nome,  
Cobra Preta, o cognome  
que ele próprio escolheu,  
o povo inteiro acolheu  
como gesto de carinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Seus versos faziam risco  
no céu do seu pensamento,  
usava em seu instrumento  
a foto de São Francisco;  
se nunca gravou um disco  
ou nenhum livro escreveu,

mas enquanto aqui viveu  
fez papel de passarinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Percorreu todo sertão  
a galope de animal,  
não precisou de jornal,  
de rádio ou televisão;  
em cada canto de oitão  
seu repente estremeceu,  
com humildade aprendeu  
ter Jesus no seu caminho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Cantador pobre e campônio  
cuja perda se lamenta,  
morreu beirando os oitenta  
no distrito Santo Antônio,  
não construiu patrimônio  
mas sua fama valeu,  
nunca estudou no Liceu  
mas foi mestre ao som do pinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Um poeta sem escola,  
sem apoio, sem leitura,  
mas detentor da cultura  
que a lei divina controla,  
devia sua viola  
ser exposta em um museu,  
de formas que o nome seu



nunca fosse ao descaminho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Conhecido na ribeira  
como gênio trovador,  
ele apoiou cantador  
no princípio de carreira,  
duplou com Pedro Bandeira  
quando Pedro apareceu,  
depois que Pedro cresceu  
Inácio ficou sozinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Chico, poeta de linha  
que a todo mundo agradava,  
a duas deusas amava:  
a viola e Teresinha,  
por Teresinha ele tinha  
os caprichos de Romeu,  
com a viola venceu  
as pedras do seu caminho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Por taça, fama e troféu  
não demonstrou ter cobiça,  
no cenário da justiça  
não foi autor nem foi réu,  
e por isso ganhou o céu  
da forma que mereceu,  
em seu teste debateu  
com Expedito Sobrinho

- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Manifestou sua fé  
cantando em renovação,  
enfrentou Chico Galvão  
na calçada de *SeuNé*,  
ainda recordo até  
motes que a platéia deu,  
lá estavam *TiElizeu*,  
Zé Feitosa e Francisquinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

O sertão e a cidade  
unidos num só capítulo  
a Inácio deram o título  
de gestor da humildade,  
Zé de Neco tem saudade  
do colega que perdeu,  
o folclore entristeceu  
e a musa chorou baixinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

No reino divino mora  
brilhando em suas refregas,  
recontrando colegas  
com quem já fez dupla outrora;  
no município de Aurora  
foi lá onde ele nasceu,  
no Santo Antônio viveu  
quase o seu tempo todinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Encontrou lá Daniel  
seu parceiro do passado  
por quem foi apresentado  
a Galdino e Zé Miguel,  
deu notícia de Ismael  
com quem tanto concorreu,  
das festas que promoveu  
na Timbaúba e Brejinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.

Cantou na noite primeira  
com Silvino pirauá,  
deu trabalho a seu xará  
Inácio da Catingueira,  
e Severino Ferreira  
assim que o viu conheceu  
para se livrar cedeu  
sua vaga a Zé Pretinho  
- Vamos lembrar um pouquinho  
o cantador que morreu.



## O Pequeno Sertanejo

Estrofes em sextilha fazendo alusão ao pequeno agricultor,  
em face de sua coragem e simplicidade que o norteiam.  
Como se pode observar, o primeiro, terceiro e quinto versos  
são livres, enquanto o segundo rima com o quarto e o sexto.  
Para dar mais espontaneidade ao assunto, o autor não optou  
pelo uso da *deixa*, que seria a rima entre o último verso da  
estrofe anterior com o primeiro da estrofe subsequente.  
Vejam também que os versos são todos de sete sílabas,  
os mais usados na poesia popular.

Pode até ser um costume  
para atender um desejo,  
ou porque nasci poeta  
que narro tudo o que vejo,  
principalmente o que envolve  
o pequeno sertanejo.

Por toda parte em que eu ando  
sempre gosto de narrar  
as crendices e os costumes  
e a tradição popular,  
depois transformo em poesia  
para o povo apreciar.

Há certo tempo eu andei  
conhecendo o meu sertão,  
visitei pessoas pobres  
de deserta região,  
conversei com um senhor  
conhecido por Simão.

Iniciando a conversa  
seu Simão permanecia  
com medo de responder  
aquilo que eu lhe dizia,  
mas depois, perdendo o medo,  
disse tudo o que queria.

Num papo aberto e sadio  
deixei Simão à vontade,  
fizemos comparação  
do sertão com a cidade,  
entre as classes rica e pobre  
dentro da sociedade.

Em linguajar sertanejo  
papo vai e papo vem,  
entre pergunta e resposta  
eu me saía muito bem,  
senti depois os problemas  
que o pobre roceiro tem.

Senti como vive o rico  
nas camadas sociais,  
como permanece o pobre  
no mundo dos animais  
e as diferenças dos meios  
que os tornam desiguais.

Senti o mundo moderno  
desfazendo a tradição,  
orgulho, luxo e vaidade  
transformando a geração,  
mulher decorar novelas  
está sendo obrigação.

Hoje em dia, a bicicleta  
faz às vezes do cavalo,  
uma despedida é tchau,  
festa dançante é embalo,  
a lambada toma espaço  
das danças de São Gonçalo.

Mas eu deixo isso de lado,  
falo da vida roceira  
do pequeno sertanejo  
no seu mundo de canseira  
que ainda faz um sorriso  
vivendo desta maneira:

Sua festa é pescaria;  
seu lazer, uma caçada;  
a sua roupa de missa  
costuma ser bem guardada  
e geralmente é aquela  
que é menos remendada.

Seu guarda-roupa é o torno;  
sua poltrona, o batente;  
sua morada, um casebre  
faltando a porta da frente;  
sua alegria, um sorriso  
do seu caçula inocente.

São suas medidas métricas  
légua, palma, vara e braça,  
o seu lanche é rapadura;  
o seu filtro, uma cabaça,  
seu sabonete é sabão  
de pinhão, sebo e potassa.

A sua sociedade  
é um simples sindicato;  
seu cinturão, uma tira;  
currolepe, seu sapato;  
seu medicamento é chá  
de folha e raiz do mato.

O seu tema de palestra  
é praga na plantação,  
ou a escassez de dinheiro,  
inverno, seca e verão,  
é estória de Trancoso  
sua maior diversão.

Seu transporte é um jumento,  
seu telefone, um recado;  
seu isqueiro, artifício  
feito de chifre enrolado  
que quando está em ação  
faz fogo pra todo lado.

Seus nomes civilizados  
são Chico, Zeca e Luzia,  
seu colar é um rosário  
com medalha de Maria,  
um colchão feito de palha  
é sua cama macia.

A toada de vaqueiro  
é seu fabuloso hino,  
é seu papel higiênico  
um pedaço de pau fino;  
seu sanitário, uma moita,  
e a descarga é um suíno.



Sua leitura, a cartilha;  
sua luz, um candeeiro;  
seu *butano*, uma fornalha;  
fumaça é seu mosqueteiro,  
só um cachorro pé-duro  
é seu fiel companheiro.

Seu cinema é o relâmpago;  
a discoteca, um trovão,  
sua capanga é um saco;  
seu lenço, as costas da mão;  
seu amigo, um corretor  
pra comprar a produção.

Seu cinzeiro é a orelha,  
seu alpendre é a latada;  
seu despertador, os pássaros  
que contam na madrugada;  
sua dormida, uma rede  
estreita, suja e rasgada.

Seu passatempo, um cigarro;  
café forte é seu agrado;  
seu guarda-chuva, as palmeiras  
dos aceiros do roçado,  
o seu relógio é o sol  
quando pende para um lado.

Este homem de chapéu  
e de alpargatas de pneus  
faz do problema incentivo  
para os compromissos seus,  
porque maior do que tudo  
é a fé que tem em DEUS.

Torna-se um visionário  
revestido de esperança,  
mostra por sua figura  
um gesto de confiança  
é dá em troca de orgulho  
um sorriso de criança.

## **Papai que no Céu me Escuta Receba esta Saudação**

*Mote criado e versegado no dia 10.08.2000, dia dos pais, quando o autor visitava o túmulo de seu genitor. Ali mesmo idealizou os versos e ao chegar em casa assim discorreu no papel.*

Na passagem de seu dia  
sua história recordei,  
o seu túmulo visitei  
e rezei uma Ave Maria,  
a sua matéria eu via  
na minha imaginação,  
fiz uma avaliação  
da sua nobre conduta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Sem me afastar do critério  
dos conselhos de Jesus,  
pousei meus joelhos nus  
no solo do cemitério,  
depois rezei um mistério  
a título de oração,  
pela minha formação  
agradei sua luta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Foi bravo enquanto viveu,  
no roçado trabalhou,  
catorze filhos criou,  
com oitenta e seis morreu;

eu herdei o nome seu  
por força de tradição,  
hoje tenho obrigação  
de honrar sua labuta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Seu comportamento exato  
conservo em minha lembrança,  
seu nome foi a herança  
que me fez feliz e grato;  
ontem, zelei seu retrato  
na sala do casarão,  
também guardei seu bastão  
que lhe serviu de batuta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Sua história é uma agenda  
que nem o tempo consome,  
se alguém criticar seu nome,  
na terra, tem quem defenda,  
quero que o Senhor entenda  
minha manifestação,  
seu gesto de cidadão  
toda família executa  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

O casarão da ladeira  
ainda está conservado,  
o curral foi melhorado  
com dois mourões de madeira,  
ainda acendo a fogueira

de São Pedro e de São João,  
da nossa *Renovação*  
a vizinhança desfruta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Exemplos bons e perfeitos  
deixou para os descendentes,  
conselhos bons e decentes  
foram por todos aceitos,  
os seus negócios direitos  
me serviram de lição,  
do teor desta canção  
vou lhe mandar a minuta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Depois que o Senhor morreu  
tudo mudou na fazenda,  
houve redução de renda,  
muita seca aconteceu,  
o *bicudo* apareceu  
e acabou com o algodão,  
o que ia em caminhão  
hoje sai numa mucuta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Na terra em que trabalhava  
eu fiz tudo o quanto pude  
construí aquele açude  
que o Senhor tanto esperava,  
onde escuridão reinava  
tem hoje iluminação,

também fiz um cacimbão  
ao lado esquerdo da gruta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Meu mestre, meu defensor,  
meu patrono, meu amigo,  
que sempre esteve comigo  
na alegria e na dor,  
desde o dia em que o Senhor  
partiu naquele caixão,  
minha sofrida feição  
nunca mais viveu enxuta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Papai, ainda não sei  
se aí vive conformado  
e se recebeu o recado  
que por mamãe eu mandei.  
Quando mãe disse: eu cheguei!  
Qual foi a sua emoção?  
Se sua satisfação  
se tornou absoluta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Com seus irmãos naturais  
deve estar muito feliz:  
José Ernesto e Luiz,  
Dondom, Venância e Tomaz;  
Raimundo, em Minas Gerais,  
manda recomendação,  
diz que deixou seu torrão

por causa da seca bruta  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.

Deve estar com o Divino  
e com seu irmão Apolônio,  
seus amigos: Zé Antônio,  
Joaquim Hermes, Celestino,  
Pompílio, Elizeu, Firmino,  
Manoel Américo e João,  
Nem e Joda Bastião  
foram da mesma disputa  
- Papai que no céu me escuta  
receba esta saudação.





## Que a CPI Aconteça no Poder Judiciário

Por ocasião do debate sobre o Poder Judiciário, na abertura do Curso de Pós Graduação de Direito Processual Civil, no dia 12 de junho de 1999, no auditório do Hotel Verdes Vales, em Juazeiro do Norte, Estado do Ceará. Na época, o assunto estava em alta e a revolta da população, principalmente dos operadores do Direito, era quase geral, porque o advogado não tinha acesso ao interior das secretarias, eram atendidos por uma pequena brecha de vidro onde só comportava um de cada vez. Hoje a situação não é mais tão assim, pois já existem muitas secretarias que oferecem atendimento saudável ao advogado, assim como é satisfatório o desempenho do julgador e seu tratamento com quem o procura.

Narrando o que o povo diz,  
manifesto minha idéia  
para alcance da platéia  
cult, pacata e feliz;  
se houver algum juiz  
saiba ouvir o meu glossário,  
e com este documentário  
peço que não se aborreça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Por ele ser guardião  
do direito social  
deve ser imparcial  
na hora da decisão,  
não sofrer submissão  
nem redução de salário,  
fazer com que o plenário  
a ordem restabeleça

- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

É uma organização  
livre e sistematizada,  
autêntica e preordenada  
ao desate da função,  
protegendo o cidadão  
do litígio temerário,  
trabalhista ou tributário  
que porventura apareça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Mas, essa jurisdição  
tem que ser fiscalizada,  
e para ser respeitada  
requer mais dedicação,  
fugir da corrupção  
não pensar em numerário,  
de forma que do operário  
a justiça não se esqueça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Se o Poder Executivo,  
cumprindo sua missão,  
sofre fiscalização  
do Órgão Legislativo;  
um controle externo ativo  
no momento é necessário,  
pra que a lei suba ao calvário  
e a tal prepotência desça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Para acabar com o esquema  
montado nos Tribunais,  
que as leis constitucionais  
retornem à força suprema,  
que o magistrado tema  
ao fazer uso do erário,  
que gasto desnecessário  
por aí não permaneça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Que se estude nova forma  
para o uso do dinheiro,  
um Fórum feito em janeiro  
já precisar de reforma;  
o povo não se conforma  
com este gesto precário,  
que no âmbito do plenário  
a justiça não pereça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Que haja mais consciência  
no deslinde da perícia  
e que os membros da polícia  
não pratiquem violência,  
que saia da insolvência  
o sistema carcerário,  
que o homem presidiário  
no xadrez não apodreça  
-Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Que das lides mais robustas  
ou das demandas pequenas  
nasçam decisões serenas,  
decentes, legais e justas;  
e que os valores das custas  
sigam o seu itinerário,  
que o seu público usuário  
dos serviços se forneça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Que a Corte maior evite  
suborno e desfundamento,  
e ao fazer seu regimento  
use decisões de elite  
sem decotar o limite  
do poder discricionário;  
que o pobre Direito Agrário  
renasça, prospere e cresça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Que oficial de justiça  
com o mandado na mão  
não fique a fazer leilão  
ensejando a injustiça,  
que juiz deixe a preguiça  
e passe a cumprir horário,  
tire os autos do armário  
e a cada prazo obedeça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Que não só as burguesias  
usar da justiça venham,  
que os advogados tenham  
acesso às secretarias,  
não fiquem como vigias  
pelo vidro refratário,  
chamando um funcionário  
que só balança a cabeça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.

Do Direito eu não sei nada  
mas transformo a sorte em prêmio,  
faço o papel de boêmio  
nos finais de madrugada,  
não na guitarra afinada,  
mas no mundo literário,  
em livro e dicionário  
até que alguém reconheça  
- Que a CPI aconteça  
no Poder Judiciário.



## Se Não Fosse o Poeta Violeiro Quem Cantava as Belezas do Sertão

*O autor é admirador número um da cantoria. Conhece a maioria dos cantadores de viola do Brasil e é amigo de quase todos eles. Como reconhecimento da importância da arte na divulgação dos fatos, escreveu, no meado de 1990, este mote decassílabo, onde congrega nome de vários repentistas. É um trabalho de forma interrogativa que exige muita habilidade na metrificação, por atrelar nos versos muitos nomes próprios e estes, por sua vez, não podem ser substituídos.*

Quem falava da lua cor de prata  
clareando uma casa de fazenda  
e do sereno que cai e molha a renda  
que protege o painel verde da mata,  
do matuto batendo em uma lata  
imitando Luís, rei do baião,  
e do pretume da sombra do oitão  
invadindo uma banda do terreiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

Quem cantava uma tarde no Nordeste  
onde as nuvens se mostram de cor parda,  
e o mormaço sutil desbota a farda  
que a ciranda da serra ainda veste,  
um trovão no poente, outro no leste  
pondo fim na história do verão,  
e o sol quando finge entrar no chão  
apagando do dia o candeeiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?.

Quem cuidava das causas da saúde  
se não fosse o doutor em medicina,  
quem plantava na terra nordestina  
se não fosse o roceiro pobre e rude,  
quem pregava a doutrina da virtude  
se não fosse o vigário capelão,  
quem julgava o direito na questão  
se faltasse o juiz, um conselheiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

Se não fossem Cícero Mariano,  
João de Lima e Valfrido Gabriel,  
Zé Viola, Lisboa e João Abel,  
Chico Maia, Zuzinha e Adriano,  
Valdir Teles e João Paraibano,  
Zé Francisco, Jocélio, irmãos Galvão,  
José Teles, Moacir, Sebastião,  
Zé de Neco e Gustavo Marinheiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

Se não fossem Ivanildo Vilanova,  
Fenelon, nos sertões da Paraíba,  
Louro Branco, Evaristo e João Furiba;  
Zé Vicente é valor que se renova,  
Alexandre Sobrinho é uma prova  
do prestígio que tem a profissão,  
e Geraldo é cultura e tradição  
quando dupla com Silvío, em Juazeiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?



Sem o Jorge Macedo e Jocival,  
Chico Guedes, Benone e Zé Maria,  
Gerson Carlos, um astro da poesia,  
Otacílio Batista e Lourival,  
Oliveira tem fama nacional,  
Severino Feitosa é campeão,  
João Amaro e Chico Ivo também são  
dos estilos do velho Panageiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

Sem Francisco Genésio, José Monte  
e Zé Cardoso, Apolônio e Abdias,  
Diniz, Edesel, Sebastião Dias,  
com Raimundo Mulato é bom que conte,  
Eliseu Ventania é uma fonte  
de repente, poesia e de canção,  
sem Daudete Bandeira, Pedro e João,  
e Francisco que é bom cancionista  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

Sem Cícero Saraiva e sem Ripino,  
Chico Inácio, Rogério e Jamaci,  
Zé Luís, Lourinaldo, Valdeci,  
e Bê Caboclo, Audísio e Virgulino,  
João Lourenço, Heleno Severino  
e Diassis, Zé Nasário, Azulão  
Edmilson Ferreira e Abraão,  
Messias, Adail, Chico Monteiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

Se não fossem Viana de Oliveira,  
Pedro de Alcântara, Horácio Neto  
e Zequinha Bernardo sem afeto,  
Chico Duda, Ismael, Paulo Pereira;  
Anselmo Rodrigues é da fileira;  
e os Nonatos conquistam inspiração,  
Zé Piaba, Domingos e Cancão,  
Valério, Joaquim, Nelson Ribeiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

Sem Hernanes, Chico Alves, Zé Pereira,  
Zé Ari, Beija Flor, Chico Sobrinho;  
e Raimundo Caetano ao som do pinho  
até lembra Romano de Teixeira;  
e Dedé Laurentino, Assis Vieira  
além de outros que aí também estão,  
pois, Antônio Ferreira tem razão:  
É doutor, mas também canta em terreiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

Se não fosse o labor do jornalista  
de notícias ninguém tirava frutos,  
quem fazia intercâmbio dos produtos  
se não fosse o gigante motorista,  
se faltasse o doutor economista  
quem cuidava de juros e inflação,  
quem guiava os destinos da Nação  
se faltasse o congresso brasileiro  
- Se não fosse o poeta violeiro  
quem cantava as belezas do sertão?

## **Só Aceito os meus Versos Criticados por Poetas Mais Sábios do que Eu**

*Neste mote decassílabo, o autor demonstra como se desenvolve um desafio de bom nível entre dois cantadores. O desafio na cantoria pode surgir nas diversas modalidades, como, por exemplo, no mourão, no martelo e na sextilha, mas também pode nascer de um mote, na maioria das vezes, a pedido da platéia.*

Se você é poeta de uma elite  
que conhece a semântica da mensagem  
e eufemismo é figura de linguagem  
e que apóstrofo é letra que se omite,  
metáfora é figura que permite  
dar ao nome um sentido além do seu,  
se essas coisas estudou e conheceu  
pode vir que permito seus recados  
- Só aceito os meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Se você é profundo na gramática  
tem talento em regência concordância,  
produz versos com métrica e elegância  
conservando os princípios da temática,  
tem idéia moderna, própria e prática,  
utiliza o sistema de Liceu  
e não conta os autores que já leu  
sendo assim eu respeito os seus mandados  
- Só aceito os meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Se do mundo da arte já conhece  
o valor que possui a música lenta,  
quem foi ídolo nos anos setenta  
e ganhar disco de ouro quem merece,  
quem cresceu sob a luz da CBS,  
quais as músicas de Erasmo e de Alceu,  
quantas cópias Roberto já vendeu,  
quantos shows Gonzagão deixou gravados  
- Só aceito os meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Se das letras conhece o campo inteiro,  
sabe tudo da escola do Classismo,  
o segredo maior do Seiscentismo  
e o que diz o poeta condoreiro,  
e quem narrou o Reduto Conselheiro,  
quais as obras autênticas de Abreu,  
Os Lusíadas, quem foi que escreveu  
e os Escravos por quem foram lembrados  
- Só aceito os meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Se você da ciência tem noção  
e vê o milho no rol dos volumosos  
que se dá nos terrenos argilosos,  
é gramínea, monóica e tem pendão,  
e devido essa tal separação  
na boneca se encontra o gineceu  
e são os polens que caem do androceu  
que constroem seus grãos adocicados  
- Só aceitos os meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Se você aos acordes da viola  
derrotou Lourinaldo e Oliveira,  
já foi mestre de Vila e de Bandeira  
com repentes tirados da cachola,  
teve Louro e Diniz em sua escola  
e até mesmo Xudu, que faleceu,  
censurou os poemas de Eliseu,  
pode vir que copio os seus traslados  
- Só aceito os meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Se você aprendeu com perfeição  
que o rádio foi arte de Marconi  
e que Graham Bell inventou o telefone,  
que Dumont é o pai da aviação  
e inspirou-se no vôo de um balão,  
invenção do Pastor Bartolomeu,  
Gutemberg, o primeiro que escreveu  
com os sinais que até hoje são usados  
- Só aceito os meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Se você estudou toda Nação,  
sabe bem como a greve se inicia,  
os problemas da nossa economia  
e os motivos que geram a inflação,  
e se a guerra do Golfo é a razão  
de subirem o petróleo e o pneu,  
ou se foi o poder que se perdeu  
explicando os seus planos mal traçados  
- Só aceito os versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Se aprendeu que Getúlio do passado  
foi gaúcho e lutou por seu lugar,  
teve grande tendência militar  
e foi polícia e depois advogado,  
na política chegou a deputado  
e foi no dia do Índio que nasceu,  
quando foi presidente faleceu,  
seus mistérios não foram revelados  
- Só aceito meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

Não estou criticando quem constrói,  
uma crítica fiel é importante,  
mas se for infundada é inconstante  
e por si só não se encampa e se destrói,  
quem critica sem base se corrói  
e se esquece de tudo que aprendeu  
nem aprende jamais o que esqueceu  
por ficar no perfil dos derrotados  
- Só aceito meus versos criticados  
por poetas mais sábios do que eu.

## **Na Base da Palmatória Aprendi o BÊ-A-BÁ**

*Este mote, em si, é objeto de um belíssimo cordel de autoria da poetisa Anilda Figueiredo, da Academia dos Cordelistas do Crato. Foi, portanto, por ocasião do lançamento daquele folheto que o autor despertou para produzir estes versos em prol do mesmo mote, isto porque ele estudou no regime em que a palmatória era o móvel que não poderia faltar na sala de aula.*

Vou contar o meu enredo  
na escola do passado,  
o estudo era forçado  
sob o fantasma do medo,  
apanhava em cada dedo  
com porrete de cajá,  
fiz daquele blabláblá  
estrada da minha glória  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

No sábado era argumento  
para estudar tabuada,  
quem não soubesse de nada  
enfrentava o sofrimento,  
aquele constrangimento  
ninguém mais esquecerá,  
aqui, ali, acolá,  
há quem conte a mesma história  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

Quando uma letra eu errava  
a professora dizia:  
eu sabia que um dia  
num descuido eu te pegava!  
a palmatória baixava  
que só se escutava o plá,  
em casa pedia um chá  
para ativar a memória  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

Numa mesa de madeira  
por alunos rodeada,  
a professora “enraivada”  
fez a pergunta primeira,  
me deu uma tremedeira  
que derrubou meu crachá,  
troquei o zê no agá  
por causa da vexatória  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

No município do Barro  
na escola Timbaúba:  
com bancos de carnaúba,  
uma mesinha e um jarro,  
lá, aprendi que o cigarro  
é nocivo e mata já,  
descobri que o Ceará  
possui tradição notória  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.



Maria Gomes Pereira  
era a minha professora,  
que por ser educadora  
não queria brincadeira,  
nos dias de sexta-feira  
chegava e dizia: Olá!  
“se preparem e venham cá  
que não tem escapatória”  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

Começava ao meio dia  
até as cinco da tarde,  
quando eu lembro, a pele arde,  
recordar eu nem queria,  
pois quando à escola eu ia  
o meu lanche era fubá,  
levava em meu patuá  
esperança da vitória  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

Com Hino Nacional  
a aula se iniciava,  
todo mundo se portava  
de forma racional,  
numa cantilena igual  
quando se dizia: já  
era sonora de fá  
a toada obrigatória  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

Era um caderno somente  
para se fazer ditado,  
ou então cobrir traslado  
ou copiar novamente,  
tudo só para que a gente  
lembrasse da letra A  
e descobrisse onde está  
o segredo da finória  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

Eu estudei desse jeito  
e com tudo isso aprendi,  
com esforço descobri  
que aquele estilo era aceito,  
se me formei em Direito  
tudo começou de lá,  
pois, isso foi e será  
luz da minha trajetória  
- Na base da palmatória  
aprendi o bê-a-bá.

## “O Direito”

Este é um trabalho que o autor elaborou quando cursava o primeiro semestre de sua faculdade, na Universidade Regional do Cariri, na disciplina “Introdução ao Estudo do Direito”.  
Surpreendeu o professor da matéria pela iniciativa de fazê-lo em verso, recebendo a nota máxima, não somente pelo conteúdo, mas também pelo rigor da métrica e da rima.

### 1. Acepções da palavra **Direito**

Em diversas razões é empregado:  
Direito no âmbito **objetivo**,  
noutro assunto, porém, **subjutivo**,  
pelos sábios, passou a ser chamado.  
De **Justiça**, este nome lhe foi dado,  
**Científico** lhe expressa uma verdade,  
vendo os lados da criminalidade  
expondo os fenômenos mais jurídicos  
dos fatos sociais, quando verídicos  
respeitando o teor da lealdade.

### 2. Definição do **Direito**

De autores conheço uma porção;  
todos eles firmaram seu conceito,  
a respeito da arte do **Direito**  
eu também tenho a minha opinião;  
e com esta leal definição  
que custou muito estudo e paciência,  
considero o **Direito** uma ciência  
de vínculo comum bilateral,  
de conduta humana universal  
que procura o valor da convivência.

### **3 Natureza cultural do Direito**

Os homens se apegam à natureza,  
nela inserem poder de sua mente,  
transformando-a num mundo diferente  
sob um prisma de ordem e de grandeza.  
A cultura se veste de beleza  
definindo uma explicação causal;  
é o **Direito** de ordem cultural,  
comparando o errado com o perfeito;  
há também quem afirme que o **Direito**  
é de ordem histórico-cultural.

### **4. Direito e Sociedade**

O homem não vive com os demais  
sem a forma ou costume do Direito;  
assim como não pode ser aceito  
viver fora dos grupos sociais.  
Sociedade e Direito são iguais  
nos valores, no preceito e na idade;  
são as bases da ordem e da verdade,  
conservando princípios sempre novos,  
consultando lições dos mesmos povos,  
dando alma e sentido à humanidade.

### **5 Conceito de Sociedade**

Sociedade em sentido de nação,  
sinônimo de grupo social,  
Sociedade humana ou animal,  
são conceitos que alguns autores dão.  
Indivíduos que, pela interação,  
permanecem, em grupo, entrelaçados.  
Povo rico de níveis elevados,  
grupo unido em defesa de um problema,  
respeitando o valor de um mesmo emblema  
em espaços que são determinados.

## **6. Controle Social**

Tudo está resumido numa luta  
de valores, de normas, de razões,  
pela qual os conflitos e tensões  
aderem aos padrões de uma conduta.  
Isto ocorre num clima de disputa,  
lapidando os modelos culturais,  
quem buscar interesses pessoais  
pode até padecer uma sanção;  
eficácia, lei, ordem e proteção  
formam suas funções fundamentais.

## **7. Regras técnicas e Normas éticas**

Regras técnicas, sinal de execução  
sobre os meios usados para um fim;  
Normas éticas explicam-se assim,  
com respeito aos fins próprios de uma ação;  
ambas têm sua classificação,  
zelando o princípio de harmonia;  
no conceito da Sociologia:  
É conjunto que cumpre uma vontade  
no Direito espelhando uma verdade,  
em sentido legal de autonomia.

## **8. Norma jurídica**

É uma regra que tem comportamento  
e que impõe nos deveres da verdade,  
atribui um ideal de faculdade  
com a força formal do pensamento;  
que estuda o possível acatamento  
de uma prática que mostra seu efeito.  
Julgo ser o sentido mais perfeito  
que define a história claramente,  
é a forma legal mais abrangente  
que traduz a ciência do DIREITO.



## Visite nossa Palhoça numa Noite de São João

*Aqui se mostra como acontece o tradicional São João da Roça no sertão. Apesar da euforia junina, o autor manteve o capricho com a rima e a metrificação, numa demonstração sincera de que a arte de fazer verso tem regra própria e não deve em momento nenhum a mesma ser burlada, mas mantida rigorosamente com o fim de incentivar a evolução do repente e da literatura do povo.*

Quem não conhece roqueira  
e não se sentou em calçada,  
nem comeu batata assada  
na quentura da fogueira,  
nunca dançou na poeira  
sob à luz de um lampião,  
nem sequer tem a noção  
do que é festa na roça  
- Visite nossa palhoça  
numa noite de São João.

Venha beber e dançar,  
conhecer a brincadeira  
da faca na bananeira  
quando a moça quer casar;  
na bacia, o rosto olhar,  
dizer adivinhação,  
apreciar o balão  
cortando uma nuvem grossa  
- Visite nossa palhoça  
numa noite de São João.

Tomar fogueira vizinha,  
gracejar com voz ativa,  
soltar bomba e gritar viva!  
na fumaça da chuvinha,  
beber cana e caipirinha  
preparada com limão,  
esbanjar sua emoção,  
pois São João é festa nossa  
- Visite nossa palhoça  
numa noite de São João.

Um ancião desabafa  
falando do seu passado,  
depois que fala um bocado  
bota água na garrafa,  
balança, tampa e abafa,  
deixa enterrada no chão,  
se aumentar uma porção  
é sinal que chuva empossa  
- Visite nossa palhoça  
numa noite de São João.

O dono da casa, atento,  
enfeita os paus da latada,  
é a sanfona afinada  
o principal instrumento,  
a hora do casamento  
é a melhor atração,  
o padre faz um sermão,  
os noivos vêm na carroça  
- Visite nossa palhoça  
numa noite de São João.



À meia noite o som pára  
e tem início a quadrilha,  
foguetão no espaço brilha  
que até deixa a noite clara,  
um matuto se declara  
para a filha do patrão,  
se a resposta for um NÃO  
o cabra fica na *fossa*  
- Visite nossa palhoça  
numa noite de São João.

Criança esquece da rede  
nas explosões dos festejos,  
nas ilusões dos gracejos  
aguardente mata a sede,  
bomba batendo em parede  
que chega abala o oitão,  
grita um ébrio no salão  
comigo não tem quem possa  
- Visite nossa palhoça  
numa noite de São João.



## **Tire um Pouco do Pão de sua Mesa e dê ao Pobre que Pede em seu Portão**

*Mote produzido e declamado pelo autor na comemoração natalina, organizada pelos funcionários do Banco do Nordeste, agência de Juazeiro do Norte, em dezembro de 2002. É mais um decassílabo com os critérios de rima e métrica eleitos pelo autor.*

As pessoas sem lar, sem vez, sem voz,  
pelas ruas andando esmolambadas,  
sem destino, dormindo nas calçadas,  
sem parede, sem cama e sem lençóis,  
são também seres vivos como nós  
que esperam as ajudas de um irmão,  
se a elas estendermos nossa mão  
Deus no céu reconhece esta nobreza  
- Tire um pouco do pão de sua mesa  
e dê ao pobre que pede em seu portão.

É comum encontrar-se corriola  
de crianças jogadas pelas ruas  
desnutridas, descalças, seminuas,  
sem remédio, sem teto e sem escola,  
com a mão estirada pedem esmola  
para ouvir das pessoas sempre um NÃO,  
a miséria estampada na feição  
registrando o tamanho da pobreza  
- Tire um pouco do pão da sua mesa  
e dê ao pobre que pede em seu portão.

O mendigo que tem por moradia  
o recanto sombrio de uma praça,

nunca escuta um *bom-dia* de quem passa  
mas recebe piadas de um vigia,  
mas o próprio vigia deveria  
compreender que aquele cidadão,  
se afastasse os descasos da nação,  
talvez fosse gerente de uma empresa  
- Tire um pouco do pão de sua mesa  
e dê ao pobre que pede em seu portão.

Se um alguém uma esmola lhe pedia  
mas você desse alguém desconfiava  
e até mesmo a esmola lhe negava  
certamente por que não o conhecia,  
pois a mão que conduz uma bacia  
também pode pegar um mosquetão,  
se não faz é porque seu coração  
tem a força de Deus por natureza  
- Tire um pouco do pão de sua mesa  
e dê ao pobre que pede em seu portão.

E você, meu colega advogado,  
um escravo da luta e da ciência,  
também preste um pouquinho de assistência  
ao mendigo faminto e desprezado;  
e você, promotor ou magistrado,  
não decida por força de emoção,  
não se envolva na toga da missão,  
dê ao pobre o direito de defesa  
- Tire um pouco do pão de sua mesa  
e dê ao pobre que pede em seu portão.

Lideranças políticas federais  
não confundam o **preço** com o **valor**,  
saibam bem que a grandeza do amor

vem no gesto de quem pratica a paz,  
as medidas se dizem sociais  
mas não trazem a devida solução  
para o pobre que dorme sem colchão  
envolvido no manto da tristeza  
- Tire um pouco do chão de sua mesa  
e dê ao pobre que pede em seu portão.



## O Bode que o Bode Deu

*Tudo começou por uma matéria na internet, onde se noticiava a existência de uma ação de indenização por danos morais ajuizada na décima primeira vara de Recife por uma empresa internacional contra uma churrascaria da capital pernambucana. O motivo da ação foi porque o estabelecimento comercial colocou em seu nome expressão similar a daquela empresa com o acréscimo da palavra bode, isto porque a carne do caprino era o cardápio tradicional daquele estabelecimento. Obrigado, através de liminar, a retirar o nome dado à churrascaria, seu proprietário colocou na placa o dizer popular: Deu bode. Daí, a pedido de alguns colegas, em tom de brincadeira, o autor desenvolveu em sete sílabas este trabalho que pode também ser chamado de mote, apesar de a terminação ser apenas de uma linha. Camões já fazia mote de um verso só.*

Vou ver se digo em repente  
qual o conceito de bode,  
não é só barba e bigode  
que deixa o bode decente,  
tem o bode inteligente  
que discursar aprendeu,  
com carranca de judeu  
é o rei no seu batente,  
direi oportunamente  
- O bode que o bode deu.

Bonito é ver um **fulejo**  
eufórico no seu prazer,  
subir na cabra e descer  
saciando seu desejo,  
é um filme sertanejo

que no nordeste cresceu,  
e só o bodejado seu  
faz a cabra enlouquecer,  
lá na frente eu vou dizer  
- O bode que o bode deu.

Um bode novo é cabrito,  
**fulejo** é bode pequeno,  
bode de raça quer feno,  
pé-duro come palito,  
um bode gordo é bonito  
e se o dono não vendeu,  
com dois anos que nasceu  
se chama pai de chiqueiro  
vou dizer por derradeiro  
- O bode que o bode deu.

Dele não se perde nada:  
a carne é boa no prato,  
sua pele dá sapato,  
do fato se faz buchada,  
seu berro é uma toada  
que o nordeste conheceu,  
seu crânio é peça em museu  
seu chifre dá artifício  
vou dizer desde o início  
- **O bode que o bode deu.**

Veja o sinônimo de bode:  
é encrenca, é confusão,  
pode ser menstruação,  
é sujeito de bigode;  
chamar de bode se pode  
um homem que enrouqueceu,



depois não digam que eu  
sou o *bode expiatório*  
mas vou provar que é notório  
- O bode que o bode deu.

Na décima primeira vara  
da comarca de Recife,  
bode que só dava bife  
gerou uma questão rara,  
eu não sei se a lei ampara  
o que o autor requereu,  
não sei se o réu respondeu  
e nem qual foi o seu rebate  
resta aguardar o desate  
- Do bode que o bode deu.

Mc foi que causou  
a questão sob notícia,  
pois, o bode sem malícia  
no seu nome o colocou,  
depois que analisou  
até já se arrependeu,  
constrangimento sofreu  
com presença de meirinho,  
vamos ver mais um pouquinho  
- O bode que o bode deu.

Uma empresa de renome  
da rede internacional  
entendeu ser ilegal  
o bode imitar seu nome,  
temendo que o bode tome  
o seu brilhante apogeu,  
o julgador concedeu

em caráter liminar  
o réu teve que tirar  
- O bode que o bode deu.

A própria churrascaria  
só por gracejo e pagode  
na placa botou – “Deu Bode”  
redobrando a ironia,  
provando que a freguesia  
gostou do que aconteceu,  
quem o caso conheceu  
tem prazer de freqüentar  
para ouvir e perguntar  
- **O bode que o bode deu.**

McDonald's pede  
além da proibição  
verba de indenização  
cujo valor não se mede;  
pra ver se o juiz concede  
dramatiza o que ocorreu,  
acórdãos não transcreveu  
porque não há semelhante,  
é um caso hilariante  
- O bode que o bode deu.

É caso desconhecido  
que me chama a atenção  
diante a desproporção  
entre autor e promovido.  
Quem será mesmo o vencido?  
Ninguém inda respondeu.  
Dizia um parente meu:  
“Corda só quebra no fraco”

Bode, prepare o sovaco!  
- O bode que o bode deu.

É esse o caso primeiro  
que se encampou por aqui,  
o próprio **INPI**  
levou ao Rio de Janeiro;  
o bode do tabuleiro  
na metrópole apareceu,  
o que só engrandeceu  
o seu nome no mercado,  
vai ser esse o resultado  
- O bode que o bode deu.

Tem bode da ponta fina,  
ciumento e elegante,  
que quando vê sua amante  
banha o rosto com urina.  
Agrobode em Petrolina  
o progresso promoveu,  
Cabaceiras tem museu  
e a festa do Bode-Rei,  
assim, acho que narrei  
- O bode que o bode deu.



## Político já Mentiu Tanto Que o Sertanejo Aprendeu

*O achado deste mote está envolvido no gracejo, pois em cada verso há de forma subjetiva o que na realidade acontece nas campanhas do interior. O primeiro verso do mote pede uma rapidez maior em seu pronunciamento, isto porque se inicia com palavra proparoxítona, consoante se fez menção quando se falou de metrificação no início desta coletânea.*

Para ganhar eleição  
a nível municipal  
político em zona rural  
fez muita reunião;  
energia e cacimbão,  
isso tudo prometeu,  
mas depois que se elegeu  
não foi mais naquele canto  
- Político já mentiu tanto  
que o sertanejo aprendeu.

Aumento dos professores  
é o que promete mais,  
através do rádio faz  
promessa aos trabalhadores;  
e diz que aos agricultores  
muito já favoreceu,  
o palavreado seu  
só tem mentira e espanto  
- Político já mentiu tanto  
que o sertanejo aprendeu.

Diz ele: ganhando, eu mudo  
o sistema social;

promete escola, hospital,  
emprego e bolsa de estudo;  
quando ganha esquece tudo  
aquilo que prometeu,  
quem o voto a ele deu  
soluça de raiva e pranto  
- Político já mentiu tanto  
que o sertanejo aprendeu.

Mas o matuto de agora  
com ninguém se compromete;  
se pedem votos, promete;  
se dão um número, decora.  
Mas quando é chegada a hora  
tudo o que disse, esqueceu,  
e o voto que ele exerceu  
foi verdadeiro quebranto  
- Político já mentiu tanto  
que o sertanejo aprendeu.

Matuto já vai à praça,  
dá ao político atenção,  
vai à sua habitação  
palestra e bebe cachaça,  
ainda almoça de graça  
diz sorrindo: o voto é seu,  
para comprar um pneu  
pede ainda não sei quanto  
- Político já mentiu tanto  
que o sertanejo aprendeu.

Matuto pede ao prefeito  
remédio, roupa e sapatos,  
vai aos outros candidatos,

procede do mesmo jeito;  
chegando o dia do pleito  
esquece o que recebeu,  
afinal nada valeu,  
tudo é farsa por enquanto  
- Político já mentiu tanto  
que até sertanejo aprendeu.





## **A História de um Povo se Escreve com Poesia, Trabalho e Liberdade**

Mote dado por um desconhecido (dizendo-se bancário do BB de Jaguaribe), no Clube de Brejo Santo, em fevereiro de 1985.

Da conversa com aquele cidadão, várias estrofes foram glosadas, porém muitas se perderam, tornando-se possível salvar apenas as duas que seguem.

Quem conhece a história do roceiro?  
Homem simples, sofrido, da mão grossa,  
o seu clube de festa é uma roça,  
seu amigo, um cachorro perdigueiro;  
sem apoio, sem luxo, sem dinheiro,  
trabalhando pra o povo da cidade,  
sua casa só tem necessidade,  
na bodega, não sabe quanto deve  
- A história de um povo se escreve  
com poesia, trabalho e liberdade.

Quem conhece a criança abandonada?  
Pele suja, sem roupa e pé no chão,  
a miséria estampada na feição  
sob os riscos da fusca madrugada,  
sem escola, sem pão e sem ter nada,  
sem apoio de qualquer autoridade,  
sua cama é o lixo da cidade,  
seu lençol é o pó da branca neve  
- A história de um povo se escreve  
com poesia, trabalho e liberdade.



## **A História de um Povo se Escreve com Poesia, Trabalho e Liberdade**

Mote dado por um desconhecido (dizendo-se bancário do BB de Jaguaribe), no Clube de Brejo Santo, em fevereiro de 1985.

Da conversa com aquele cidadão, várias estrofes foram glosadas, porém muitas se perderam, tornando-se possível salvar apenas as duas que seguem.

Quem conhece a história do roceiro?  
Homem simples, sofrido, da mão grossa,  
o seu clube de festa é uma roça,  
seu amigo, um cachorro perdigueiro;  
sem apoio, sem luxo, sem dinheiro,  
trabalhando pra o povo da cidade,  
sua casa só tem necessidade,  
na bodega, não sabe quanto deve  
- A história de um povo se escreve  
com poesia, trabalho e liberdade.

Quem conhece a criança abandonada?  
Pele suja, sem roupa e pé no chão,  
a miséria estampada na feição  
sob os riscos da fusca madrugada,  
sem escola, sem pão e sem ter nada,  
sem apoio de qualquer autoridade,  
sua cama é o lixo da cidade,  
seu lençol é o pó da branca neve  
- A história de um povo se escreve  
com poesia, trabalho e liberdade.



## **As Árvores Mais Resistentes Costumam Morrer de Pé**

*Mote produzido por ocasião da missa de trinta dias rezada em sufrágio da alma da genitora do autor, em 08.06.1998. Ele escreveu os versos, mas as emoções não deixaram que os declamasse naquele momento. Trata-se de ligeira referência à vida simples e religiosa de sua inesquecível mãe Efigênia Vieira de Aquino, exemplo de esperança, que morreu sem perder sua lucidez. É, portanto, um decassilabo que busca valorizar a árvore da vida.*

Buscou se apoiar no arco  
do carisma e da bonança,  
da pedra da esperança  
fez seu verdadeiro marco,  
sua vida foi um barco  
nos oceanos da sé,  
defendeu a paz até  
deixar os sobreviventes  
- As árvores mais resistentes  
costumam morrer de pé.

O seu passado eu contemplo  
com forças das emoções,  
no mundo das orações  
foi defensora do templo,  
sua vida foi exemplo  
aos seguidores da fé,  
hoje sua história é  
lida por seus descendentes  
- As árvores mais resistentes  
costumam morrer de pé.

Foi forte seu coração,  
nos últimos dias de vida  
sua voz foi suprimida  
mas seu pensamento não,  
demonstrava na feição  
as graças do Nazaré,  
e que agradecia até  
as visitas dos parentes  
- As árvores mais resistentes  
costumam morrer de pé.

Se alguém fizesse um alarde  
por lhe faltar o sustento  
e ela escutasse o lamento  
sobre aquele inverno tarde,  
ela aconselhava, aguarde  
o dia de São José,  
pois aquele Santo é  
protetor dos penitentes  
- As árvores mais resistentes  
costumam morrer de pé.

Ante qualquer imprevisto  
sua história sobressai,  
reencontrou com meu pai  
e hoje está dizendo a Cristo  
que a roupa escura que visto  
preta da cor de café  
não é mais tristeza, é fé,  
fruto de suas sementes  
- As árvores mais resistentes  
costumam morrer de pé.

## **Em Nome de Quem Errou, Humilde Peço Perdão**

*Apenas duas estrofes se salvaram de um trabalho longo que o autor narrou após uma reunião em sua comunidade, quando um dos participantes tentava se sair jogando a culpa em outro membro do grupo. Com bastante sutileza, os versos mostram a fertilidade da poesia popular e seu leque de alcance no mundo da literatura, comprovando a subjetividade dos temas que podem por meio dela se proliferar.*

Oh! Pátria que tanto louvo!  
Votei pensando em lhe dar  
um governante exemplar  
para organizar seu povo;  
perdi meu voto de novo  
nas promessas de eleição,  
a minha nobre intenção  
um demagogo roubou,  
- Em nome de quem errou  
humilde peço perdão.

Autoridade sublime  
que me pôs detrás da grade  
também prive a liberdade  
do maior autor do crime;  
tire-me deste regime  
e dê a outro esta prisão,  
se fiz uso do canhão  
certamente alguém armou,  
- Em nome de quem errou  
humilde peço perdão.





## Morrendo eu Quero Levar um Livro no Meu Caixão

*Nestes versos, o autor demonstra o amor que tem pela literatura, revelando-o com aquela conotação multiplicadora e própria do poeta popular.*

Não me interessa o autor,  
porém sendo de poesia  
pode ser de Zé Maria,  
de Gilvan ou Zé Nestor,  
ou de qualquer cantador  
que defenda a profissão,  
seja de Sebastião,  
João Bandeira ou Zé Gaspar  
- Morrendo eu quero levar  
um livro no meu caixão.

Pouco interessa o volume,  
só importa o conteúdo,  
pois deve falar de tudo:  
amor, paixão e ciúme,  
tradição, crença e costume,  
despedida e saudação,  
se for de religião  
vai servir pra eu rezar  
- Morrendo eu quero levar  
um livro no meu caixão.

Seja dos livros jocosos,  
mas que não tragam discursos  
de quem desviou recursos  
dos destinos preciosos.

Se for de nomes vultosos  
que defenderam a Nação,  
quero tê-lo em minha mão  
para no céu divulgar  
- Morrendo eu quero levar  
um livro no meu caixão.

## **No Final o Homem Morre Ah! Meu Deus o que Lucrou!**

Mote produzido em um final de expediente, na cidade de Mombaça, no Estado do Ceará, por volta de 1983, a pedido de um colega chamado Batista. Ele também é poeta e improvisou várias estrofes, porém não conseguiu resgatá-las. Trata-se de mote um tanto difícil de fazer por reunir em suas linhas verbos interdependentes em tempos distintos, no caso, morre (*presente do indicativo*) e lucrou (*pretérito perfeito*).

O homem nasce criança,  
seu passatempo é brinquedo,  
de tudo o que vê tem medo  
e usa o choro por vingança,  
quando jovem, brinca e dança,  
depois de velho, cansou;  
recordando o que passou  
ao rosário ele recorre  
- No final o homem morre  
ah! meu Deus o que lucrou!

Enobrecendo a história  
o homem luta e se forma,  
mesmo assim não se conforma,  
quer mais fama, quer mais glória,  
depois que tem a vitória  
não pensa em quem derrotou,  
a fortuna que ganhou  
da morte nunca o socorre  
- No final o homem morre  
ah! meu Deus o que lucrou!

Por exemplo, um general  
manda, prende, “pinta o sete”,  
todo dia ele é manchete  
de matérias de jornal;  
no âmbito nacional  
seu prestígio se espalhou,  
se um público dominou,  
mas da morte ele não corre  
- No final o homem morre  
ah! meu Deus o que lucrou!

O Pedro Álvares Cabral  
navegou, descobriu terra,  
quase deixava uma guerra  
pra Nação de Portugal;  
Tiradentes foi leal,  
por isso alguém o matou,  
um feriado deixou  
para o povo beber porre  
-No final o homem morre  
ah! meu Deus o que lucrou!

## O Cigarro é Falso Amigo que Mata Covardemente

*Mote escrito ao observar um fumante no ambiente de trabalho. Como não poderia deixar de ser, o autor imprensou entre a métrica e a rima os males que o cigarro faz, formulando um conselho e invocando para o texto a segunda pessoa do singular, o que dificulta um pouco a versificação pela obrigatoriedade que se tem de guardar a coerência com o respectivo pronome possessivo, bem como manter a concordância pessoal dos verbos.*

Cilíndrico e meio comprido,  
com nicotina no centro,  
cheio de fumo por dentro,  
de papel todo envolvido,  
um pedaço colorido  
para embelezar a gente,  
quem o vê fisicamente  
até não crê no que digo  
- O cigarro é falso amigo  
que mata covardemente.

Se vais a festa, ela vai  
guardado sobre o teu peito,  
por ele ser muito aceito  
da tua boca não sai,  
e se às vezes a teu pai  
tu ofertas de presente,  
o pobre inocentemente  
recebe aquele inimigo  
- O cigarro é falso amigo  
que mata covardemente.

Ele fica em tua mão  
bordando a tua desgraça  
e transformando em fumaça  
o dinheiro do teu pão,  
depreciando a feição,  
poluindo a tua mente,  
implantando uma semente  
que produzirá castigo  
- O cigarro é falso amigo  
que mata covardemente.

Esse povo que te induz  
a não deixar o cigarro  
não tolera o teu pigarro  
quando tu escarras pus,  
mas Deus, o pai de Jesus,  
quer te ver livre e contente,  
a sociedade sente  
mas não te diz do perigo  
- O cigarro é falso amigo  
que mata covardemente.

## Quando o Grande tem Medo de Cair o Pequeno Peleja e não se Apruma

*Três estrofes que foram resgatadas de um longo trabalho produzido em maio de 1984, após ouvir o sermão de um padre do interior. É um decassílabo de rima rara, bem cadenciado, que traz com ênfase a acentuação obrigatória. O sentido figurado dos versos é talvez o que mais embeleza seu conteúdo.*

É o homem explorando o seu irmão  
pra viver num mundão de mordomias,  
ter *status*, prestígio e regalias,  
mandar mais nos poderes da Nação;  
sobem juros, galopa a inflação,  
e o pequeno sem ter vantagem alguma,  
como um réu que procura e não arruma  
um buraco na grade pra sair  
- Quando o grande tem medo de cair  
o pequeno peleja e não se apruma.

Vê-se um rico e famoso fazendeiro,  
dedicado à lavoura e criação,  
quando vê alto preço da ração  
baixa logo o salário do vaqueiro,  
quando chegam janeiro e fevereiro  
as pastagens no campo formam ruma  
e o coitado vaqueiro fica numa  
ilusão de que o ganho vai subir  
- Quando o grande tem medo de cair  
o pequeno peleja e não se apruma.

É assim que entendem os empresários  
quando vêem aumentar o combustível  
pra manterem da empresa o mesmo nível  
criam regras que afetam os operários,  
se algum deles ganhar uns três salários,  
depressa, eles querem que outro assuma,  
e o novato ligeiro se acostuma  
ganhar pouco, sofrer e produzir  
- Quando o grande tem medo de cair  
o pequeno pejeja e não se apruma.



## O Quanto o Tempo é Perverso

Versos espontâneos sobre a ação do tempo, compostos em sextilhas com obediência da deixa, mantendo o rigor da rima e da metrificação.

O tempo é como ilusão  
se passa sem ninguém ver,  
com suas mãos abstratas  
nos atira no sofrer,  
tirando toda alegria  
sem o dono perceber.

Quem nasce tem que sofrer  
esta tal fatalidade,  
o tempo tira a infância  
e os dias da mocidade,  
depois que maltrata entrega  
nas mãos cruéis da saudade

Vida de tranqüilidade  
e de brinquedos colossais,  
nosso tempo de infância  
e nossos dias joviais  
são maravilhas da vida  
que o tempo leva e não traz.

Quem já foi e não é mais  
disposto, forte e amado,  
medita consigo e diz  
meu Deus o tempo é culpado,  
e somente a recordação  
é foto do meu passado.

O tempo é mesmo malvado,  
pega às vezes quem é forte,  
primeiro tira a coragem,  
tira a saúde e a sorte,  
depois termina jogando  
nas buaqueiras da morte.

Quando eu deixar de ser forte  
não vou botar culpa nele,  
o tempo de mim não zomba  
eu apenas zombo dele,  
nem ele passa por mim  
sou eu quem passo por ele.

## Perguntas que fiz às Aguas

*Com este poema, composto de dez estrofes em terminação diversa, o autor descreveu uma imaginária conversa com as águas em movimento, o que aconteceu quando observava às margens do rio Salgado o despenhadeiro provocado pela cheia. Fez isto em versos de sete sílabas, com rimas ora alternadas, ora emparelhadas, sem perder de vista os rigores da metrificação.*

Água, só você responde  
esta série de pergunta:  
Em qual lugar é que esconde  
as impurezas que junta?  
Leva para os oceanos?  
Ou por precauções dos danos  
utiliza na viagem?  
Leva paus, cerca e caniço!  
Água, nem precisa disso  
para exhibir sua coragem.

Diga-me se é por maldade  
que faz erosão na terra,  
por que despreza a cidade  
para conhecer a serra?  
Por que você não conserva  
isso tudo que reserva?  
Só faz ir e nunca vem?  
Quem toca em você se molha,  
medita, delira e olha  
sem você olhar ninguém.

Vejo pelo seu espelho  
a penumbra da paisagem  
e o rosto do sol vermelho  
dedicando uma mensagem;  
o que viu pelas alturas?  
E por que as nuvens escuras  
cobrem céu pra ninguém ver?  
Se no espaço não há nada  
banco, degraus nem escada,  
e o que fez para descer.

Seu ruído é um consolo  
para abrandar arrogâncias,  
levando tudo de rolo  
e sem distinguir substâncias;  
dá vida a quem é mais forte,  
dos fracos provoca a morte  
com ações inconscientes!  
Mistura flores com folhas,  
por que não faz as escolhas  
das espécies diferentes?

Água que ironiza as ondas  
na força das cachoeiras!  
Faz suas curvas redondas  
no limite das barreiras!  
É a sua direção  
o leito estreito do chão,  
e o seu destino é o além,  
por que mostra essa vaidade?  
Diga se sente saudade  
dos lugares de onde vem.

Diga se vem de distante  
e se tem destino certo,  
que viu de mais importante  
na solidão do deserto?  
Diga se sofre processo  
quando utiliza o excesso  
e tira a vida de alguém;  
por que você não descobre  
quando desabriga um pobre  
destruindo o que ele tem?

É para exaltar o mar  
esse seu zoar romântico?  
Pretende se misturar  
com as ondas fortes do Atlântico?  
Gosta mais de climas frios?  
Diga se conhece os rios  
Mississipi e Tietê,  
diga também se percebe  
quando um ser humano bebe  
um pouquinho de você.

Você nunca se aborrece  
com a presença de peixinhos?  
Quando o perigo aparece  
por que não livra os bichinhos?  
O seu Deus é Oxalá?  
Ou é o mestre Jeová  
o grande profeta seu?  
Ou não professa ninguém?  
Diga se gosta de alguém  
ou se vive só como eu.

Gosta mais das terras baixas,  
nunca sobe, sempre desce!  
Zombando, despreza as faixas  
que a natureza oferece!  
Responda como se sente  
quando alguém rebeldemente  
prende você com parede,  
diga qual é o prazer  
de ser útil e até ser  
contrário de seca e sede.

Senti que você não gosta  
de dizer o que não sei,  
tive o nada de resposta  
do tudo que perguntei,  
não quis ouvir meu estilo  
pra se dedicar àquilo  
que é inútil ao que é seu,  
fracassou com seus orgulhos!  
será que folha e vasculhos  
têm mais valor do que eu?

## O Bom Cordel deve ter Rima e Metrificação

Estas estrofes integram o cordel coletivo lançado pela Academia dos Cordelistas do Crato, com o fim de enaltecer a arte popular, intitulado *Tradição e Luta*. Cada colega daquela casa improvisou seus versos em motes diferentes, porém todos alusivos à grandeza da literatura do povo.

Cordel tem que ser versado  
ter cadência e ser completo,  
mantendo em seu objeto  
as raízes do passado,  
onde o autor com cuidado  
expresse a sua emoção,  
tirando da inspiração  
o que o povo quer saber  
- O bom cordel deve ter  
rima e metrificação.

Graças à força do estudo  
do grande mestre Hugolino,  
dando ao cordel um destino  
de nobreza e conteúdo;  
hoje, cordel não é tudo  
que se pendura em cordão,  
precisa ter oração,  
ser bom de cantar e ler  
- O bom cordel deve ter  
rima e metrificação.





## Conversa com Mouco

*Como se pode conferir na sua leitura, este trabalho reúne estrofes em oito pés com a mesma terminação, nas quais o primeiro e terceiro versos são livres, o segundo rima com o quarto e o oitavo, enquanto o quinto, o sexto e o sétimo rimam entre si. Aqui se adotou a linguagem cabocla, sem qualquer preocupação gramatical, porém conservando as exigências da rima e da métrica, fatores indispensáveis na construção do bom verso popular. É um poema imaginado e figura nesta coletânea como pequeno exemplo de que dessa forma é também possível versejar sem fugir do estilo que as regras impõem à arte.*

Bom dia Siô Cazuzza,  
vamo conversá um pouco,  
eu trouxe pra lhe vendê  
sete jerimum caboco.  
Tudo qui eu lhe dizia  
seu Cazuzza não ouvia  
e somente repetia  
- Fale arto qui eu sou mouco...

Aproveite, seu Cazuzza,  
qui meu tempo é muito pouco,  
vendo também melancia,  
tomate, batata e coco.  
Seu Cazuzza nada ouvia,  
como quem se aborrecia,  
dava um tossido e dizia  
- Fale arto qui eu sou mouco...

Peguei o saco de fruta  
e encostei no pé de um toco,  
e disse por dez real

eu não vou lhe vortá troco,  
não se assombre da quantia,  
seu Cazuzza nada ouvia,  
novamente repetia  
- Fale arto qui eu sou mouco...

As fruta foi produzida  
na roça de Zé Tinoco,  
eu troquei numa cangaia,  
num facão e num piçoco;  
e lhe vendê eu queria,  
Cazuzza não me ouvia  
e a merma coisa dizia  
- Fale arto qui eu sou mouco...

Falei sero, seu Cazuzza  
de raiva tô quage louco,  
de tanto falá gritano  
da garganta já tô rouco,  
Cazuzza não me ouvia,  
um cigarro ele acendia  
e novamente repetia  
- Fale arto qui sou mouco...

Eu lhe disse, seu Cazuzza,  
vou findá lhe dano um soco,  
eu sei qui a sua idade  
devo respeitá um pouco,  
Cazuzza não me ouvia  
se levantava e saía  
e outa vez me dizia  
- Fale arto qui eu sou mouco...

Parece qui esse véio  
tá pensano qui eu sou louco,  
pra me vingá dessa raiva  
de tudo eu dizia um pouco,  
Cazuza apenas sorria,  
pruquê ele não ouvia  
os nome qui eu dizia:  
- Eita desgraçado mouco...



## Dados Biográficos do Autor

**PEDRO ERNESTO FILHO** é natural do município do Barro, Estado do Ceará. Filho de Pedro Ernesto de Aquino e Efigênia Vieira de Aquino, o mais novo de uma família de 14 irmãos. Menino do campo, nascido no sítio Timbaúba, onde viveu sua infância e desenvolveu por algum tempo a atividade rural. Ali foi alfabetizado, continuando sua escolaridade na sede do município, principalmente no Grupo Justino Alves Feitosa e Ginásio Santo Antônio. Fez o curso de técnico em agropecuária na Escola Agrotécnica Federal do Crato. É advogado, bacharelado pela Universidade Regional do Cariri. Como poeta, é autor de vários títulos, com mais de 20 (vinte) cordéis publicados. É citado e divulgado em revistas culturais, congressos, jornais, antologias e programas radiofônicos do gênero poético. Foi vencedor em vários certames literários, merecendo destaque: “O Prêmio Anual de Literatura de Cordel” promovido pelo SESC de Juazeiro do Norte (2005), e “O sonho de um Nordeste melhor” (2006), este promovido pela AFBNB. Prestou serviços à Organização das Cooperativas do Ceará – OCEC e ao Banco do Estado do Ceará – BEC. Atualmente, é advogado do quadro jurídico do Banco do Nordeste do Brasil S/A. Pedro Ernesto é membro da Academia dos Cordelistas do Crato, ocupando a cadeira nº 15. Por indicação, concorreu e conseguiu ingressar no ICVC – Instituto Cultural do Vale Caririense, ocupando a cadeira nº 31. É casado com Gizelda Tavares, pai de três filhos e reside na cidade de Juazeiro do Norte-CE.



**Banco do  
Nordeste**



**SUPERINTENDÊNCIA DE LOGÍSTICA**  
**Ambiente de Recursos Logísticos**  
**Célula de Produção Gráfica**  
**OS 2006-10/1.484 - Tiragem: 1.000**